



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

*INSTITUTO DE LETRAS*

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO (LET)

CURSO DE LETRAS – TRADUÇÃO

## **TRADUÇÃO: A RETEXTURA**

Projeto Final do Curso de Tradução

Aluno: DENNYS DA SILVA REIS

Orientador: Professor Dr. Eclair Antonio Almeida Filho

Brasília, julho de 2011

## **Agradecimentos**

A Deus pelo dom da inteligência;

a minha família por compreender minha ausência em presença;

a Araújo, pelo carinho, paciência, incentivo, companheirismo, dedicação e revisão;

ao meu orientador, professor Dr. Eclair Antonio Almeida Filho, pela paciência, conselhos, disponibilidade e bom humor;

aos meus professores de graduação do curso de letras-tradução e às minhas professoras de PIC, Junia Barreto e Viviane Mello, por tudo que aprendi e sigo aprendendo nesta pequena caminhada de pesquisador.

aos meus colegas e também tradutores pela grande ajuda no presente trabalho. Em especial: Lísia Freitas, Camilla Miranda, Rostiânia Prado, Ana Lúcia Paz, Josina Nunes, Paola Tavares, professora Dra. Ana Rossi, professora Dra. Sabine Gorovitz, professora Dra. Alessandra Oliveira, professor Dr. Marcos Bagno e tantos outros que me ajudaram com suas dicas, conselhos, incentivos, sorrisos, traduções, livros, textos, partilhas, discussões, correções, revisões, patadas, sermões e muito afeto.

## **Dedicatória**

Dedico o presente trabalho a todos que adentram com afinco no grande labirinto do mundo da tradução: para os antigos uma nova reflexão, para os mais novos mais um novo prisma, ponto de vista deste mundo tão antigo e fascinante, mas ao mesmo tempo tão presente e complexo.

“Aquilo que vós gostais de chamar tradução exacta, é aquilo a que as pessoas instruídas chamam mau gosto.”

“Comece a ser agora o que você será daqui pra frente.”

São Jerônimo

<b>Sumário</b>	
<b>Para começar...</b>	<b>7</b>
<b>A prática na teoria</b>	<b>12</b>
<b>I- Conceito de texto</b>	<b>13</b>
<b>II- Textura ou Textualidade</b>	<b>15</b>
<b>III- Critérios de Textualidade</b>	<b>17</b>
a) Coesão	17
b) Coerência	19
c) Intencionalidade	21
d) Aceitabilidade	22
e) Situacionalidade	24
f) Intertextualidade	26
g) Informatividade	29
<b>IV – Retextualização ou Retextura</b>	<b>31</b>
<b>V- Fatores de Retextura</b>	<b>35</b>
a) Conhecimento partilhado	38
b) Focalização	41
c) Inferência	43
d) Relevância	45
e) Fatores de contextualização	47
<b>VI – Síntese</b>	<b>53</b>
<b>VII – Teorias da Tradução e a Retextura</b>	<b>55</b>
1) Teoria Interpretativa	55
2) Teoria da Ação	56
3) Teoria do Escopo	57
4) Teoria do Jogo	59
5) Teoria do Polissistema	60
<b>A teoria na prática</b>	<b>62</b>
<b>I – Algumas Considerações:</b>	<b>63</b>
1) Le bulletin scolaire du petit Jésus:	63
2) Blagues rapides	66
3) Osez le saké	68
4) La tradition orale	72
5) La Traduction	74

<b>6) Le Petit Prince.....</b>	<b>75</b>
<b>7) Hymne à l'amour .....</b>	<b>79</b>
<b>8) Diplôme d'Études Approfondies .....</b>	<b>81</b>
<b>9) Guérison miraculeuse d'un Burkinabé au Centre de Santé de Elubo (Elubo Health Center) au Ghana. ....</b>	<b>84</b>
<b>10) Motocritique .....</b>	<b>87</b>
<b>II – Considerações Finais .....</b>	<b>91</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>92</b>

## Para começar...

Muitos teóricos, estudiosos e profissionais que exercem a função de tradutor têm tentado definir o que é tradução, mas por diversas vezes convergem em alguns pontos e divergem em muitos outros. O que se tem de concreto são tentativas de definição ou teorias ora descritivas, ora prescritivas, ora prospectivas que tentam delimitar uma das poucas coisas que todos os tradutores sabem: *a tradução é uma prática*.

Segundo os estudiosos da tradução, em especial Jacques Derrida (2002)<sup>1</sup>, a tradução tem sua origem mítica na história bíblica da Torre de Babel. Uma torre estava sendo construída com o objetivo de chegar ao céu, no entanto, Deus desaprovou tal ato e fez com que houvesse confusão entre as línguas, deixando a obra inacabada. Em consonância com Derrida, Campos (1986:10) afirma que

“a antiguidade desse mito bíblico, que se lê no Antigo Testamento, pode dar a ideia de como é velha neste mundo a prática da tradução; pois é de imaginar que em pouco tempo começasse a haver na Torre de Babel pessoas com certa capacidade de entenderem mais de uma língua ao mesmo tempo, e que essas pessoas entrassem a atuar como elos de comunicação entre as que tinham línguas diferentes, como intérpretes e tradutoras, portanto. E desde aí, desde os seus primórdios, a tradução teve sempre quem se pronunciasse a favor dela ou contra ela.”

Ou seja, a tradução nasceu da necessidade inata do homem de comunicar-se: comunicação entre povos, línguas, culturas e pensamentos. Por isso, ela é um “fazer passar e um tornar compreensível”. E como fazer isso? A respeito deste “como”, muitos tradutores, teóricos e estudiosos da área tentam responder de forma simples e sempre defendendo seu ponto de vista ora mais prático, ora muito teórico. Vejamos o seguinte quadro:

Quadro 1: O Processo Tradutório	
Autor	Definição
1	John Cunniison Catford “A tradução pode definir-se como a substituição de material textual numa língua (LF) por material textual equivalente em outra língua (LM).” (1980, p. 22)
2	Erwin Theodor “Traduzir não significa exclusivamente substituir palavras de um idioma por palavras do outro, mas transferir o conteúdo de um texto com os meios próprios de outra língua. A equivalência informativa precisa ser assegurada e (...), também a correspondência formal (...).” (1976, p.21)
3	C.R. Taber & E.A. Nida “A tradução consiste em reproduzir na língua receptora a mensagem da língua fonte por meio do equivalente mais próximo e mais natural, primeiramente no que diz respeito ao sentido e em seguida no que diz respeito ao estilo.” (1972, p. 55)
4	Jean Dubois et alii “Traduzir é enunciar numa outra língua (ou língua alvo) o que foi enunciado numa língua fonte, conservando as equivalências semânticas e estilísticas.” (1973)
5	Mário Wandruszka “a tradução nunca é uma simples transcodificação de um mono-sistema ‘padrão’ para um outro mono-sistema padrão; ela é sempre a procura de

<sup>1</sup> DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

		equivalências entre dois poli-sistemas extremamente complexos. Neste sentido, o bilinguismo do tradutor é um bi-plurilinguismo.”(1972, p. 103)
6	Francis Henrik Aubert	“Em sentido amplo entendemos por tradução o estabelecimento de uma dupla relação de equivalências, que pode ser realizada de duas maneiras: a) de uma forma para um conteúdo e deste a uma nova forma; b) de um conteúdo a uma forma e desta a um conteúdo idealmente idêntico ao que se serviu de ponto de partida.” (1981, p.13)
7	Edmond Cary	“Diríamos que a tradução é uma operação que procura estabelecer equivalências entre dois textos expressos em línguas diferentes, sendo estas equivalências sempre e necessariamente função da natureza dos dois textos, da sua destinação, das relações existentes entre a cultura dos dois povos, seu clima moral, intelectual, afetivo, função de todas as contingências próprias da época e do lugar de partida e de chegada.”(1985, p. 85)
8	Marianne Lederer	“Traduzir é fazer chegar as ideias até o ouvinte ou o leitor que não conhece a língua original, pela escolha dos meios linguísticos que lhes farão compreendê-las.”(1976, p.40)
9	Danica Seleskovich	“A informação fornecida pelo dizer é necessariamente interpretada por aquele a quem o discurso é dirigido e que é assim em todas as circunstâncias o seu exegeta. Este postulado que fundamenta a teoria da interpretativa deve ser colocado também na base de toda teoria da tradução e de toda teoria do discurso. Tradução é a operação que visa à transmissão do conteúdo das mensagens a seus destinatários.” (1976, p.65)
10	Rosemary Arrojo	“A tradução, como a leitura, deixa de ser, portanto, uma atividade que protege os significados ‘originais’ de um autor, e assume sua condição de produtora de significados; mesmo porque protegê-los seria impossível.” (1986, p. 24)
11	Henri Meschonnic	“Traduzir é uma poética experimental.” (2010, p. 77)

Nas sete primeiras definições vemos claramente a grande preocupação com a equivalência. Para todos estes autores, a equivalência é algo fundamental. Catford defende que a equivalência depende do tipo de texto a ser traduzido, já Theodor fala de uma equivalência informativa, ou seja, a tradução como troca de informações por meio do código linguístico. Taber & Nida e Dubois *et al.* defendem uma equivalência retórica: a tradução tem de produzir o mesmo efeito que produziu ao leitor para o qual o original foi escrito. Wandruszka coloca que a tradução é uma equivalência de polissistemas complexos, com variantes na realidade de uma língua para outra. Para Aubert, a tradução é apenas interlingual, alcança só o conteúdo e, a partir deste, alcança uma nova forma. Por fim, Cary diz que a tradução é a equivalência de dois textos com os mais diversos contextualizadores que fazem parte daquele evento linguístico.

Cabe aqui investigar que conceito de equivalência textual e correspondência formal está em jogo. Segundo Campos (1986), a primeira se refere à transmissão de uma informação semelhante à que o texto original ofereceu ao seu leitor na língua de origem enquanto a segunda corresponde à forma original do texto de partida. Lembremos que, muitas vezes, é inevitável uma perda comunicativa no ato tradutório por não haver correspondente ou mesmo equivalência perfeita entre duas línguas.

A propósito das definições de Lederer e Seleskovich, elas afirmam que a tradução está no ato interpretativo e compreensível do texto original. Elas consideram a tradução como a construção do sentido através do texto e não meramente a extração de sentidos para levar o leitor a decodificar símbolos linguísticos. Traduzir segundo elas não é mera transposição de códigos linguísticos, mas também transmitir o conhecimento, construir um discurso.

Quanto à definição de Arrojo, a tradução é uma produtora de significados e não meramente a defensora dos significados. Para a autora, traduzir é levar o leitor a construir os significados do texto e não somente fazer com que ele retire significados já interpretados por outrem anteriormente. E tudo isso se dá com o que ela chama de “aprender a ler”. Segundo Arrojo: “Aprender a ler significa, portanto, aprender a produzir significados, a partir de um determinado texto, que sejam ‘aceitáveis’ para a comunidade cultural da qual participa o leitor” (Arrojo, 1986, p.76)

Por último e não menos importante, temos a definição de Meschonnic a respeito da tradução. Para o autor, a tradução faz parte da poética e é um ato experimental. A tradução tem um valor e é cheia de significados, daí o termo *poética*. Segundo Campos (1978, p. 133)

“Poética – no sentido amplo, é a ciência que estuda a Poesia. No sentido restrito, refere-se apenas ao estudo filosófico da Poesia, designando-se melhor como poemática a observação estrutural e teórica.”

Ou seja, para Meschonnic, a tradução também tem uma filosofia que é observada ao longo de sua estrutura e técnica. Por isso, o autor também argumenta que tradução é uma Poética Experimental, porque sempre ao traduzir procuram-se ver as melhores possibilidades para dar significância àquele texto. Ou seja, a tradução é um ato social, fixo em um tempo e sustentado historicamente.

Novamente fazemos a pergunta: O que é tradução? Mais uma vez se pode afirmar: esta é uma questão que tem inúmeras respostas que convergem e ao mesmo tempo se somam. Segundo Aubert (2003, p.11), “durante largo espaço de tempo, a tradução foi entendida, no universo acadêmico, como mero recurso pedagógico para o ensino de línguas estrangeiras”, porém com o passar do tempo essa concepção mudou e trouxe muitas outras. Entretanto, não podemos esquecer que, como diz Oustinoff (2011, p. 10) “a tradução é mais que uma simples operação linguística: as línguas são inseparáveis da diversidade cultural, essa diversidade vital que a ONU, por meio da Unesco, pretende defender, a fim de evitar a proliferação de conflitos decorrentes do choque de culturas neste século”.

Segundo o dicionário Houaiss<sup>2</sup> de Língua Portuguesa, tradução teria as seguintes definições:

- ato ou efeito de traduzir
- 1 versão de uma língua para outra  
Ex.: traduziu um romance do inglês para o português
- 1.1 Rubrica: linguística.  
operação que consiste em fazer passar um enunciado emitido numa determinada língua (língua-fonte) para o equivalente em outra língua (língua-alvo), ambas conhecidas pelo tradutor; assim, o termo ou discurso original torna-se compreensível para alguém que desconhece a língua de origem
- 2 obra traduzida  
Ex.: estava lendo uma boa t. de Dante
- 3 transposição de uma mensagem de uma forma gráfica para outra  
Ex.: t. em morse, em braile
- 4 Derivação: sentido figurado.  
aquilo que reflete, que expressa de modo indireto; repercussão, imagem, reflexo  
Ex.: aquela declaração era a t. de seus sentimentos
- 5 ato de tornar claro o significado de algo; interpretação, compreensão, explicação  
Ex.: suas ideias eram confusas, de difícil t.
- 6 Rubrica: informática.  
processo por meio do qual se converte uma linguagem em outra
- 7 Rubrica: genética.  
etapa da síntese de proteínas na qual o ARN mensageiro dirige a síntese da proteína pelo ribossomo; translação

Diferentemente das definições anteriores de tradução, o dicionário Houaiss pressupõe que a tradução se faz a partir de enunciados. Percebemos também que em todas as definições dadas pelo dicionário os atos de explicar, manifestar e representar são comuns, todavia a rubrica *linguística* diz que traduzir é “fazer passar um enunciado emitido” para “assim, o termo ou discurso original torna(r)-se compreensível para alguém que desconhece a língua de origem”. Os enunciados emitidos podem ser de origem oral ou escrita no que concerne à tradução.

Em especial, neste trabalho, trataremos dos enunciados escritos — lembrando que, inevitavelmente, toda manifestação escrita se configura num *texto*. Para tal finalidade, faz-se mais que necessário saber o que é um *texto* e o que é *textualidade*, bem como, no âmbito da tradução, saber o que é *retextualização*.

Este projeto é uma tentativa de desenvolver uma reflexão sobre a prática da tradução e a coerência textual na tradução: a retextualização ou retextura. Será, pois, uma tentativa de associação da teoria à prática.

Além do mais, é de extrema relevância refletir sobre a prática da tradução e do conceito que temos de tal ato a fim de demonstrar quão fundamentais são essas reflexões para uma melhor prática tradutiva.

---

<sup>2</sup> Versão Eletrônica do dicionário Houaiss 2010

O objetivo maior deste trabalho é demonstrar a aplicabilidade dos postulados teóricos da Linguística Textual para uma reflexão sobre a prática tradutiva definindo um conceito de “texto” que apreenda as especificidades da prática tradutória; investigando de que forma a **coerência** presente num texto de partida se apresenta no texto de chegada e contribuindo para uma prática tradutória atenta ao texto como unidade significativa em que se conjugam elementos morfossintáticos, semânticos e pragmáticos para a construção do sentido.

A divisão do presente trabalho se apresentará da seguinte forma:

- 1) A prática na teoria:  
Será apresentada a teoria no que diz respeito à tradução como retextura (retextualização).
- 2) A teoria na prática:  
Serão analisadas traduções de textos em francês para o português a fim de comprovar a prática da tradução como retextura (retextualização).

# **A prática na teoria**

## I- Conceito de texto

Quando se pensa em texto, no senso comum, logo vem à mente um papel com algo escrito e que faz sentido, algo que se compreende ao ler. No entanto, Guimarães diz que:

sob um outro prisma de reflexão, vê-se o texto, de um lado, como sistema concluído, um conjunto hierarquizado de configurações estruturais internas; de outro lado, como um objeto aberto, plural, dialogicamente ligado ao contexto extraverbal (1990, p. 150).

Ou seja, o texto tem configurações estruturais como língua, gramática, tipologia, etc; e também se vincula a um contexto extraverbal com intencionalidade, assunto, significância, ideologia, etc. Um texto é formado, essencialmente, por aspectos tanto formais quanto pragmáticos. Guimarães (1990) afirma que devido a essas duas faces do texto podemos considerar *texto* e *discurso* como sinônimos, não dissociando um como o produto materializado e o outro como produto que permite inúmeras significâncias e objetivos.

A partir da gênese da Linguística Textual (LT) o conceito de texto sempre tem sido discutido, sendo, num primeiro momento, considerado como: unidade linguística superior à frase, sucessão de combinações de frases, cadeia de pronominalizações ininterruptas, cadeia de isotopias e complexo de proposições semânticas. Num segundo momento, com teor mais pragmático, a entidade ‘texto’ foi vista pelas teorias acionais como uma sequência de atos de fala; pelas vertentes cognitivistas como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase desse processo global (Koch, 2009).

De acordo com estas teorias postuladas pela LT e, especialmente, por Schmidt, o texto é composto de três grandes aspectos: 1) pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa; 2) semântico-conceitual, de que depende sua coerência; e 3) formal, que diz respeito à sua coesão (COSTA VAL, 2004). Estes três aspectos do texto são os mais estudados e mais visíveis em uma primeira instância. Todavia, se considerarmos a totalidade do texto, veremos, como propõe H. Isenberg dentro da teoria verbal do texto, que, ao invés de apresentar somente três aspectos, o texto é composto, verdadeiramente, por oito:

<b>Quadro 1: O texto segundo H. Isenberg<sup>3</sup></b>	
Aspecto Textual	Visão Textual
Legitimidade social	Manifestação de uma atividade social legitimada pelas condições sociais
Funcionalidade comunicativa	Unidade de comunicação
Semanticidade	Função referencial da realidade
Referência à situação	Reflexo de traços da situação comunicativa
Intencionalidade	Forma de realização de intenções
Boa formação	Sucessão linear coerente de unidades linguísticas, unidade realizada com determinados princípios
Boa Composição	Sucessão de unidades linguísticas selecionadas e organizadas segundo o plano de composição
Gramaticidade	Sucessão de unidades linguísticas estruturadas segundo regras gramaticais.

Destes oito aspectos do texto materializado, ora aparecem todos, ora aparecem somente alguns. Aqui já podemos observar as implicações que tal teoria tem na tradução, pois um texto a ser traduzido tem um contexto social, uma via comunicativa, um jogo de significados, uma referência situacional e unidades semânticas, linguísticas e gramaticais. Daí a ideia de que o tradutor traduz textos e não frases soltas.

Em contrapartida, Beaugrande (*apud* MARCUSCHI, 2008) afirma que o texto não é uma materialização linguística, mas sim um **evento** para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais. Para Marcuschi (2008), esta definição traz algumas implicações para o conceito de texto, que passaria, pois, a ser visto como um sistema de conexões entre vários elementos, constituído numa orientação de multissistemas, se tornaria um evento interativo e se comporia de elementos que são multifuncionais. Ou seja, será a partir de um material linguístico que acontecerá o evento ‘texto’. Por isso, o tradutor tem de ter em mente que o texto traduzido não é meramente a operação da linguagem já pronta para o leitor desfrutar, mas sim o canal, a mediação para que o evento ‘texto’ aconteça.

Podemos concluir depois destas considerações que o texto é uma atividade verbal, social, contextual, criativa, consciente, intencional e interacional. É por ter todas essas características que o ato de traduzir não é meramente materializar um código linguístico em outro, pois traduzir vai além disso.

Vejamos agora o que faz um texto ser um texto, ou melhor o que caracteriza um texto.

<sup>3</sup> Baseado em KOCH, 2009, p. 16-17.

## II- Textura ou Textualidade

Koch conceitua o texto em consonância com Schmidt como

qualquer expressão de conjunto linguístico numa atividade de comunicação — no âmbito de um ‘jogo de atuação comunicativa’ — tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível (2009, p.27).

Este jogo de atuação comunicativa ao qual Koch se refere e que não diferencia texto de discurso tem o nome de **textualidade** ou **textura**:

**Textualidade** ou **textura** é o que faz de uma sequência linguística um texto e não uma sequência ou um amontoado aleatório de frases ou palavras. A sequência é percebida como texto quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global (KOCH & TRAVAGLIA, 2009, p.26).

Ou seja, a textualidade é o fio condutor do texto. É a responsável pelo universo de significados do texto e por amarrá-los, dando-lhes sentido global.

Costa Val, em seu livro *Redação e textualidade*, responde a questão sobre o que é textualidade (textura) da seguinte forma:

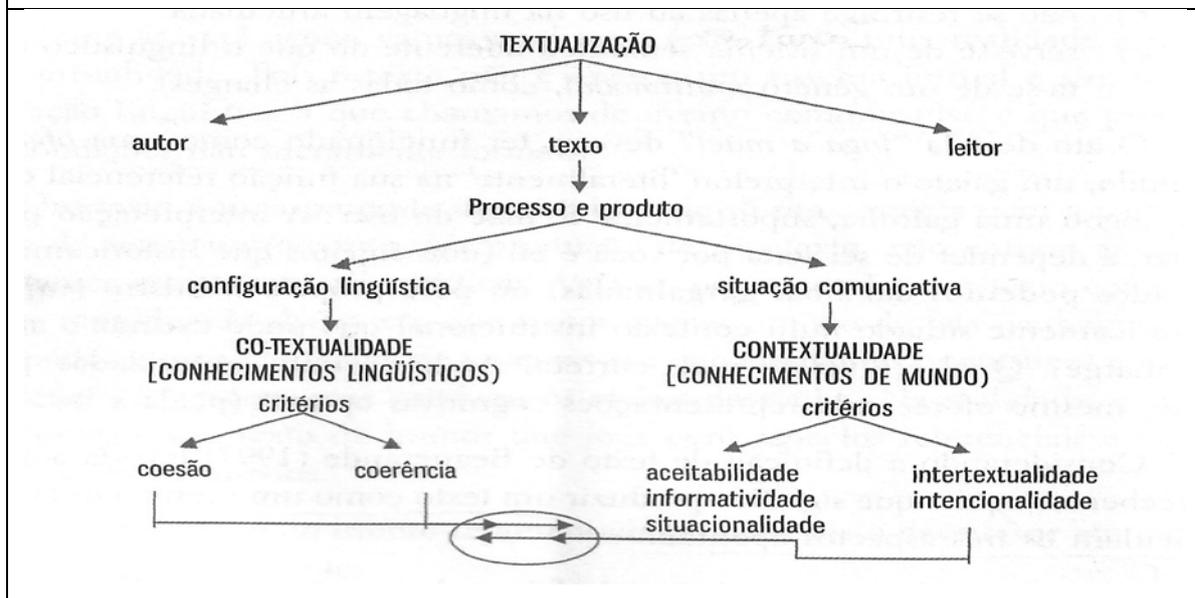
Chama-se textualidade [textura] ao conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não apenas uma sequência de frases. Beaugrande e Dressler (1983) apontam sete fatores responsáveis pela textualidade [textura] de um discurso qualquer: a *coerência* e a *coesão*, que se relacionam com o material conceitual e linguístico do texto e a *intencionalidade*, a *aceitabilidade*, a *situacionalidade*, a *informatividade* e a *intertextualidade*, que têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo (2004, p. 5).

Costa Val reafirma a textualidade [textura] como caracterizadora do texto, além de dizer que sete critérios já postulados pela LT e, em especial, por Beaugrande, a compõem. Além disso, os critérios de textualidade são a junção do *dentro* (co-textualidade) e do *fora* (contextualidade) do texto (MARCUSCHI, 2008). Eles são responsáveis pela produção do sentido do texto, porém nem todos têm a mesma relevância ou se distinguem de maneira clara, sendo alguns até ambíguos. Logo, critérios não querem dizer leis ou princípios, mas, sim, aspectos que funcionam bem e que são reconhecidos para a boa composição textual. Os critérios de textualidade demonstram quão rico é um texto em seu potencial, pois ele, o texto, faz conexões com os conhecimentos linguísticos, conhecimentos sociais e conhecimentos de mundo.

Um texto a ser traduzido já tem sua textura na língua fonte. Já é composto de co-textualidade e de contextualidade, ou seja, já tem um potencial em sua língua fonte, de modo que cabe ao tradutor “tentar passar” toda essa potencialidade do texto de partida para o texto de chegada dando aos leitores desta tradução “o mesmo” potencial de conhecimento linguístico, conhecimento social e conhecimento de mundo.

A textura de qualquer texto se dá por meio do processo de textualização. Porém, como funciona este processo? Quais etapas estão envolvidas nele? Marcuschi (2008) nos mostra o seguinte quadro:

**Quadro 2: Esquema de Textualização<sup>4</sup>**



No primeiro plano temos o autor (produtor), o texto (evento) e o leitor (receptor). No segundo plano temos o texto dividido em duas modalidades — a co-textualidade e a contextualidade, a primeira referente à operacionalidade do sistema linguístico e suas regras e a segunda, ao contexto e aos conhecimentos de mundo. Por fim, no terceiro plano, temos os critérios de textualidade separados em dois conjuntos, mas com pontos de interseção.

Não muito diferente, o mesmo processo acontece ao se traduzir um texto, com algumas nuances, é claro, mas com o mesmo objetivo de comunicar-se por meio da linguagem, especificamente através do texto.

Vale salientar uma observação que Marcuschi faz a respeito do processo de textualização:

Produzimos textos por processos de textualização inadequados quando não conseguimos oferecer condições de acesso a algum sentido, seja por ausência de informações necessárias, ou por ausência de contextualização de dados ou então simplesmente por inobservância de restrições na linearização e violação de relações lógicas ou incompatibilidades informativas (2008, p. 98).

Assim também acontece com a tradução: às vezes, um bom processo de textualização só alcança meio sentido, mas não a totalidade dele. Isso se dá por diversos motivos, mas principalmente, às vezes, por falta de contextualização de dados, não cumprimento das

<sup>4</sup> MARCUSCHI, 2008, p.96

relações lógicas ou contradição de informações. Logicamente, todos estes elementos, no que tange à tradução, estão diretamente ligados à figura do tradutor e a suas competências tradutórias.

Observemos agora os critérios de textualidade que podemos depreender de um texto.

### III- Critérios de Textualidade

Como já mencionado no tópico anterior, os critérios de textualidade são sete: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade.

Segundo Beaugrande (*apud* MARCUSCHI, 2008), os critérios de textualidade podem ser observados da seguinte forma: a coesão e a coerência são orientadas pelo texto, a intencionalidade e aceitabilidade orientadas pelo aspecto psicológico, a informatividade orientada pelo aspecto computacional e a situacionalidade e a intertextualidade orientadas pelo aspecto sociodiscursivo. Beaugrande prova, ao relatar todos esses aspectos dos critérios de textualidade, que o texto pode ser observado do ponto de vista linguístico, cognitivo, processual e social.

Deste ponto em diante, cada critério de textualidade será mais bem explicitado a fim de que se possam compreender melhor seu funcionamento e sua importância no texto.

O primeiro critério de textualidade é a coesão. Vejamo-la:

#### a) Coesão

Segundo Irandé Antunes a coesão é

a propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação, de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática (2005, p.47).

Ou seja, é por meio da coesão que temos um texto tal como o vemos: com sentido, desenvolvimento e lógica.

Para Maria da Graça Costa Val, a coesão é entendida como

a manifestação linguística da coerência; advém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. Responsável pela unidade formal do texto, constrói-se através de mecanismos gramaticais e lexicais (2004, p.6).

Isto é, a coesão está intimamente ligada à coerência, pois esta última funciona somente se a coesão for bem feita em nível gramatical.

A coesão pode ser *referencial* ou *sequencial*.

A coesão referencial é realizada por aspectos mais especificamente semânticos do texto; é construída pelos mecanismos lexicais do texto e também por componentes da superfície do texto que fazem remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual (MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2009). Pode ser subdividida em formas remissivas não-referenciais e formas remissivas referenciais. As primeiras são formas que não têm autonomia referencial, pois só fazem referência concretamente (ex.: artigos e pronomes). As segundas dizem respeito aos elementos linguísticos que estabelecem referências a partir de suas possibilidades referidoras (ex.: sinônimos, nomes genéricos, elipses, etc.). Uma pode correferir ou referir algo por analogia, enquanto a outra tem algum tipo de referência virtual própria (MARCUSCHI, 2008).

Já a coesão sequencial é realizada por elementos conectivos do texto. Diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que se faz o texto progredir (MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2009). Pode ser subdividida em sequenciação parafrástica ou sequenciação frástica. A primeira diz respeito aos procedimentos de recorrência do texto (ex.: paralelismos, repetição lexical, recorrência de tempo verbal, etc.) e a segunda, aos procedimentos de manutenção do tema no texto (ex.: progressão temática, encadeamento por justaposição e conexões, etc.) (KOCH, 2009).

No que tange à tradução, no texto de partida já há uma coesão, ou seja, o código linguístico, a gramática e semântica fazem com que o texto possibilite algum sentido ao leitor que o leia. O mesmo deve ocorrer com o texto de chegada: ele tem de ser coeso para que o leitor possa ter acesso ao sentido deste texto. Isso só dependerá de um fato muito importante: o bom conhecimento linguístico, gramatical e semântico que o tradutor possui.

Para uma boa tradução coesa e também coerente, os conhecimentos linguísticos são essenciais, tanto na língua de partida quanto na língua de chegada. A cada texto tanto a coesão referencial como a sequencial se manifestam, ora com mais força, ora com menos. Assim, sabendo-se como se manifestam tais mecanismos de coesão, a tradução fica mais acessível no nível gramatical, lexical e semântico ao leitor/público alvo.

Conhecimentos linguísticos como derivação e formação de palavras, neologismos, etimologia, terminologia, figuras de linguagem, expressões idiomáticas, estrutura frasal, pontuação, gênero textual<sup>5</sup>, registro<sup>6</sup>, falsos amigos, polissemia, sinônimos, cognatos,

---

<sup>5</sup> Marcuschi (2002) salienta que a expressão *gêneros textuais* é a noção referida aos potenciais textuais que fazem parte de nosso cotidiano; que possuem características sociocomunicativas: conteúdo, propriedade

arcaísmos, estilística, dentre outros, são imprescindíveis para um tradutor ou tradutores especialistas, seja da área que for.

O segundo critério de textualidade é a coerência que será explanada a seguir.

## **b) Coerência**

Pode-se considerar que coerência é:

A configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. É considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores. (COSTA VAL, 2004, p. 5)

Significa dizer que a coerência é totalmente dependente do jogo de sentidos que os signos de um texto apresentam ou representam ao serem lidos por alguém. A coerência é a consequência do bom uso da coesão, fazendo com que esta última seja bem sucedida quando relacionada ao conjunto de relações que unem os significados de sentenças.

Segundo o linguista francês Charolles, um texto coerente satisfaz quatro requisitos: *a repetição, a progressão, a não-contradição e a relação*. Estes requisitos servem para dois propósitos: regular a constituição da sequência do texto ou a forma como se organiza a cadeia textual; e exigir que se tenham em conta parâmetros pragmáticos, que, por sua vez, incluem os participantes do evento comunicativo e outros fatores presentes na situação (ANTUNES, 2005).

Koch e Travaglia postulam, por sua vez, que:

segundo a meta-regra de repetição, um texto, para ser coerente, deve conter, em seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita. A meta-regra de progressão diz que, para que um texto seja coerente, é preciso haver no seu desenvolvimento uma contribuição semântica constantemente renovada. Segundo a meta-regra de não-contradição, para o texto ser coerente, é preciso que no seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que não contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível desta por inferência. Já pela meta-regra de relação o texto será coerente se os fatos que se denotam no mundo representado estejam relacionados. (KOCH & TRAVAGLIA, 2008, p. 50-51)

O que os autores mencionam em relação aos quatro requisitos de coerência propostos por Charolles é que:

→ *A repetição* é a necessária retomada de elementos no decorrer do texto, pois se a cada frase um assunto diferente for tratado, certamente não haverá coerência. Esta meta-regra nos traz a

---

funcionais, estilo e composição característica. Ex: piada, inquérito policial, texto jornalístico, romance, poesia, bula, manual, etc.

<sup>6</sup> Registro é uma variante correlatada ao papel social do performador numa ocasião determinada. Todo adulto normal desempenha uma série de diferentes papéis sociais. Um Homem pode ser um pai, um advogado, professor, etc. Em todas essas situações seu registro mudará. (Catford, 1980, p.100)

ideia do texto coerente como aquele texto que tem caráter sequenciado, desenvolvimento homogêneo e contínuo e a ausência de rupturas (ANTUNES, 2005).

→A *progressão* vai além da *repetição*, pois é responsável pela retomada de elementos do texto sempre apresentando novas informações. É a continuidade semântica que acompanha o texto durante seu processo;

→A *não-contradição* é o respeito aos princípios lógicos do texto. As sequências não podem se contradizer no texto: ora afirmar C e ora afirmar o contrário de C. Elas têm de ser compatíveis. Outro elemento para o qual Costa Val chama atenção ao explicar esse requisito é que o mundo textual tem de ser conciliável com o mundo que o texto representa. Costa Val faz a seguinte explanação:

Um discurso referente ao mundo real não pode deixar de considerar algumas pressuposições básicas que integram a maneira comum de pensar esse mundo e que subjazem à comunicação textual: as causas têm consequências; os objetos têm identidade, peso e massa; dois corpos não podem ocupar, ao mesmo tempo, o mesmo lugar no espaço, etc. (2004, p. 25)

Em outras palavras, não se pode falar de mundo real sem as noções básicas de como ele funciona e é.

→A *relação* diz respeito ao modo como os fatos e conceitos presentes no texto se encadeiam, se organizam e o valor que ambos assumem entre si. Significa verificar se as ideias têm a ver umas com a outras – *a presença* — e que tipo específico de relação se estabelece entre elas – *a pertinência*. (COSTA VAL, 2004)

Para Koch & Travaglia (2009), a coerência decorre de uma multiplicidade de fatores das mais diversas ordens, sendo os principais: os elementos linguísticos, o conhecimento de mundo, o conhecimento compartilhado, as inferências, os fatores de contextualização, a situacionalidade, a informatividade, a focalização, a intertextualidade, a intencionalidade, a aceitabilidade, a consistência e a relevância.

Percebe-se que a coerência é o lado *pragmático* que um texto possui a partir de sua coesão; por isso, podemos afirmar que as duas – coesão e coerência – andam sempre unidas e se entrelaçam para dar ao evento textual a potencialidade de texto.

No caso da tradução, a coerência é mais que visível, é necessária. Para que o código linguístico de uma tradução tenha sentido é necessário estabelecer uma ponte entre o conhecimento de mundo do leitor e do autor pelos signos e significantes que constituem um texto a ser traduzido. Para isso, cabe ao tradutor ter uma boa bagagem cultural, vivencial e social das línguas com as quais se propõe a trabalhar.

Algumas metas-regras de coerência já estão “prontas” no texto fonte, cabendo ao tradutor transpô-las; em contrapartida, outras terão de ser construídas pelo tradutor no texto de chegada, pois por mais que o texto de partida dê caminhos para a construção de tais meta-regras, principalmente das meta-regras de *não-contradição* e *relação*, elas só terão a devida potencialidade no texto de chegada quando o tradutor fizer uma boa escolha lexical que resultará na semântica e pragmática do texto. Por vezes será essa coerência textual que fará da tradução uma boa ou má tradução de um texto fonte qualquer.

O terceiro critério de textualidade é a intencionalidade que será comentada em seguida.

### **c) Intencionalidade**

Para Koch & Travaglia,

a intencionalidade refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções, produzindo, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados (2009, p.97)

Ou seja, esse critério considera importante o fato de que nenhum texto é neutro e que todo autor tem uma intenção, finalidade ou objetivo a ser alcançado pelo leitor.

Marcuschi lembra que

a intencionalidade serve para manifestar a ação discursiva pretendida pelo autor do texto (2008, p.127).

Isto é, a intencionalidade é a intenção do escritor em produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, mesmo que esta não alcance sua totalidade. Por exemplo: se o autor quer passar a intenção de que um determinado texto foi escrito por um bêbado, talvez a escrita do texto em si não seja totalmente coesa e coerente à primeira vista, mas subentendendo a intenção do autor, o texto é interpretável.

Koch & Travaglia (2009) ainda dizem que a intencionalidade está intimamente ligada à *argumentatividade*. Todavia, para aceitar que esta relação entre intencionalidade e argumentatividade exista, é preciso considerar que não existe texto neutro, que há sempre um objetivo por parte de quem produz um texto e que o texto jamais é uma cópia do mundo real.

Em suma, a intencionalidade é responsável, em boa parte, pela implicitude do texto (MARCUSCHI, 2008).

A intencionalidade pode ser vista de diversas formas na tradução. À primeira vista, se considerarmos que todo texto original tem uma intenção de fazer sentido, de transmitir um conhecimento ou ideia, daí veremos que a intencionalidade do tradutor será (ou se espera que

seja) a “mesma” do autor. Todavia, se observarmos os gêneros textuais em tradução, a intencionalidade do tradutor será fazer com que o mesmo gênero a ser traduzido seja compreendido como gênero textual na língua de chegada. Por exemplo, nem sempre um poema é traduzido com as mesmas palavras do original, porém a intencionalidade de fazer com que o gênero poema seja poema na língua de chegada é explícita. Outro viés que podemos observar quanto à intencionalidade é a própria escolha lexical do tradutor que, às vezes, define sua tradução como literal, equivalente, literária, modulativa, além de ponderar outros fatores da tradução como, por exemplo, registro e estilo. Por fim, a intencionalidade na tradução também é definida pelo público alvo, pelo solicitante da tradução, pelo revisor, pelo autor do texto, enfim, pelas pessoas a quem interessa e a quem pertence o texto. Afinal, elas podem opinar para que o tradutor possa seguir as mais diversas concepções de tradução e nada mais resta a este que segui-las para alcançar a intenção, o objetivo e o destino do texto.

O quarto critério de textualidade é a aceitabilidade exposta a seguir.

#### **d) Aceitabilidade**

A aceitabilidade é o complemento da intencionalidade. Segundo Koch & Travaglia

[...] a aceitabilidade diz respeito à atitude dos receptores de aceitarem a manifestação linguística como um texto coesivo e coerente, que tenha para eles alguma utilidade ou relevância. [...] Em sentido amplo [...] a aceitabilidade inclui a aceitação como disposição ativa de participar de um discurso e compartilhar um propósito comunicativo (2008, p.79-80).

Esta afirmação significa que a interação por meio da linguagem escrita só acontece mediante o esforço do interlocutor de tentar compreender o sentido do texto por meio dos mecanismos – conhecimento de mundo, situação, intertextualidade, etc. – que o locutor ativa em um evento textual. Desta forma, por mais que um texto seja mais bem aceito mediante o bom funcionamento da coesão e da coerência, mesmo que faltem coesividade e coerência, o texto será consentido, tendo em vista os demais fatores de textualidade.

Marchuschi ao falar deste critério de textualidade diz que

a aceitabilidade de que trata a Linguística Textual não se reduz ao plano das formas e sim se estende ao plano do sentido (2008:128).

O autor quer dizer que a aceitabilidade de um texto vai muito além, apenas, do bom funcionamento gramatical, coeso do texto. E é por isso que as relações entre aceitabilidade e gramaticidade são muito complexas, pois muitas vezes, embora enunciados sob o ponto de vista da gramática ofereçam resistência, podem ser aceitos. Um exemplo disso seriam os textos do jornalista e cronista brasileiro José Simão:

### **Ueba! O Datena tá a pé! <sup>7</sup>**

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!  
 E mais uma da série "Os Predestinados". Gerente do Banco do Brasil: Luciana CHEQUE de  
 Freitas.  
 E a Câmara Municipal de São Braz, no Piauí, acaba de eleger o tesoureiro: Clécio PINDAÍBA!  
 E em Botafogo, o urologista Marco Antônio RUELA!  
 E o estádio do Corinthians? O Diferenciadão! O presidente do Timão garante que as obras  
 começarão na próxima semana.  
 E o Datena? O comandante Hamilton foi pra Record! Abandono de lar! E levou o helicóptero!  
 Ele deu uma voadora no Datena. Rarará!  
 Ele vai ter que pagar pensão pro Datena! Ou como disse o Mauricio Stycer: "O programa do  
 Datena virou pedestre!".  
 E o bom do comandante Hamilton é que ele entregava pizza em dia de enchente. Pizza  
 Delivery! Que coisa, hein. Por essa eu não esperava: o comandante Hamilton deixou o Datena a  
 pé! É a pior coisa da separação: quando um dos dois vai embora e leva o carro.  
 E o Palofi? Uma amiga minha disse que o marido dela tá igual ao Palofi: em quatro anos a  
 barriga aumentou 20 vezes! Rarará!  
 E o Sensacionalista acha que pro Palofi ter esse patrimônio, deve ter informado o esconderijo do  
 Bin Laden, a idade da Glória Maria e o ponto fraco do Chuck Norris. Informações privilegiadas!  
 E basta ter uma crise que os quatro pixulés da oposição saem da toca. Álvaro Dias devia  
 convocar CPI do Bronzeamento Artificial. Rarará! ACM Neto, ops, ACM NATO! Vulgo  
 tamborete de quenga.  
 CPI Mista: meia marguerita e meia calabresa. PSDB/DEM/PPS. Partido Sem Direção do Brasil  
 com os DEMolidos! E o PPS não é o partido daquele Roberto Freire? Ele é o Fernando  
 Henrique sem chantili. Fernando Henrique em estado bruto. Rarará!  
 E a placa do flanelinha no show do Paul McCartney: "POU, ESTACIONE!". E adorei este  
 outdoor: "Mais qualidade de vida. Ampliação do Cemitério Municipal de Roseira!". E este aqui  
 em Vargem Grande do Sul: "Chácara Paraíso! Vende-se cobertura de jumento pega". Ai, se esse  
 jumento pega!  
 O brasileiro é cordial! Olha esta em Santo Antônio do Descoberto, em Goiás: "Aviso aos  
 pixadores! Enquanto minha pistola funcionar, várias tampas de caixão posso fechar". Só vou pra  
 Santo Antônio coberto! Descoberto, jamais! Parece aquela cidade de Minas: Tiros. "Bem-vindo  
 a Tiros". Rarará! Nós sofre, mas nós goza!  
 Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Vemos claramente que Simão (2011) tenta aproximar-se da linguagem falada ao escrever, e que gramaticalmente algumas construções estão “erradas”, mas são totalmente aceitáveis para manter o estilo do autor.

Finalmente, podemos conceber a aceitabilidade como casada com a intencionalidade, sendo que esta última apresenta a intenção do emissor e a primeira é responsável pela aceitação por parte do receptor.

Assim como a intencionalidade, a aceitabilidade na tradução se dá por diversos fatores. Dentre eles podemos citar dois que são os mais consideráveis:

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/josesimao/colunafolha.htm>>. Acesso em: 25 de maio de 2011.

1) O tradutor como primeiro leitor e como ponte entre a língua fonte e a língua de chegada tomará reconhecimento do texto original, interpretando-o e observando as possibilidades de torná-lo compreensível para o leitor/público alvo. Ou seja, o tradutor terá de aceitar o texto com todas as suas implicações; e

2) O leitor, por sua vez, terá de ter consciência de que o texto traduzido já foi lido e interpretado por alguém antes dele. Portanto, caberia a ele aceitar a tradução como texto primeiramente, mas também como “outro texto” – tradução – no que diz respeito ao texto original.

Todavia, sem a construção deste “outro texto”, não há tradução. Neste sentido, a aceitabilidade em tradução é a decisão de fazer um texto original ter sentido numa língua de chegada.

O quinto critério de textualidade é a situacionalidade, explicitada a seguir.

### **e) Situacionalidade**

Koch & Travaglia afirmam que

a situacionalidade refere-se ao conjunto de fatores que tornam um texto relevante para dada situação de comunicação corrente ou passível de ser reconstituída (2008, p.76).

Ou seja, a situacionalidade é o fato de relacionarmos um texto à situação em que ele ocorre para podermos interpretá-lo, ou de relacionarmos um texto a uma determinada situação para orientar sua produção.

A situacionalidade pode atuar em dois pontos:

I - *da situação para o texto*: neste caso, Koch & Travaglia afirmam que

trata-se de determinar em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção do texto. A situação deve ser entendida quer em sentido estrito — a situação comunicativa propriamente dita, isto é, o contexto imediato da interação —, quer em sentido amplo, ou seja, o contexto sociopolítico-cultural em que a interação está inserida. (2009, p. 84).

Em outras palavras, determinada situação pode delimitar a construção de um texto no que diz respeito ao momento em que ele é produzido ou ao contexto total que o escritor vivencia no momento da produção textual.

II- *E do texto para a situação*: já neste outro caso, Koch & Travaglia dizem que,

[...] o texto, por sua vez, tem reflexos sobre a situação, já que esta é introduzida no texto via mediação” (2008, p.78).

Ou seja, o mundo real jamais será idêntico ao mundo textual e vice-versa. O produtor do texto recria o mundo real segundo sua perspectiva — suas crenças, interesses, propósitos, convicções, etc. —, que é o que podemos chamar de mediação.

Por fim, Marcuschi afirma que “a situacionalidade pode ser vista como um critério de adequação textual” (2008, p.120). O autor diz isso devido ao fato de a situacionalidade ter como papel de relevância a adequação do texto aos seus diversos contextos e aos seus diversos leitores, tornando o texto interpretável ou não.

Ao tratar da situacionalidade na tradução, Catford nos diz o seguinte:

Os itens da LF<sup>8</sup> e da LM<sup>9</sup> raramente têm ‘o mesmo significado’ no sentido linguístico; mas podem funcionar na mesma situação. Em tradução total, textos ou itens da LF e da LM são equivalentes de tradução quando *comutáveis em determinada situação* (1980, p.54).

Em linhas gerais, a situacionalidade tem de ser considerada tanto no texto de partida quanto no texto de chegada, e é necessário haver fatores comuns para que isso aconteça, fazendo com que tanto o texto de partida quanto o texto de chegada sejam adequados à situação.

Analisando o primeiro ponto colocado por Koch e Travaglia — a situacionalidade *da situação para o texto* —, na tradução, com certeza, terá de haver certa adaptação. Por exemplo, se o tradutor vai traduzir um livro de alfabetização do francês para o português, algumas adaptações serão necessárias durante a tradução, pois podemos observar diferenças situacionais de como a alfabetização se desenvolve nos dois países, e se a adaptação não for feita neste caso o objetivo de se fazer um texto direcionado à alfabetização no Brasil não terá sucesso.

Em contrapartida, se tomarmos o outro aspecto da situacionalidade na tradução, *do texto para a situação*, veremos que no texto ela não dará “muito” trabalho ao tradutor, visto que o mundo referencial está totalmente inserido no texto de partida. Este é o caso da tradução literária. Muitas vezes, adaptações da situacionalidade não são necessárias porque o mundo referencial é totalmente construído e constituído pelo texto de partida, pelos personagens apresentados no texto, pela narrativa, etc.

Ainda a respeito da situacionalidade na tradução, Neuza Travaglia afirma que

se a tradução pode ser considerada como atualização de um texto num dado idioma, os elementos da nova situação contam tanto para o novo texto quanto os da nova situação contam para o original. Tais elementos têm grande influência na maneira como o texto é redigido e são responsáveis inclusive pelas variações linguísticas nos níveis dialetais e de registro. Às vezes também o simples fato de se situar um registro dispensa explicações de caráter semântico e

<sup>8</sup> LF - Língua Fonte, conceito adotado por Catford, 1980.

<sup>9</sup> LM - Língua Materna, conceito adotado por Catford, 1980.

estilístico. [...] Nem sempre é necessário procurar na língua de chegada um contexto semelhante ao do original para inserir a tradução; isto às vezes até contribui para torná-la artificial. Vai depender do tradutor ter o bom senso necessário para distinguir as coisas e saber situar sua tradução (2003, p. 100-101).

N. Travaglia nos chamaria a atenção para três fatores nesta citação: 1) a tradução como atualização da língua sempre vai estar situada, ora pelo texto de partida e pela situação que ela representa (produção/recepção), ora pelo texto de chegada e pela situação que este apresentará (produção/produção); 2) se o tradutor se situar durante sua tradução em um registro, isso evitará, por vezes, explicações em notas de rodapé e glossários que serão subentendidos pelo leitor ao compreender a estilística e produção de sentido única que compõe o texto e que é resultante do registro escolhido pelo tradutor; e 3) nem sempre se situar em uma tradução quer dizer traduzi-la bem, pois há situações e contextos em que se situar ou não, não fará a menor diferença na tradução.

A situacionalidade implica dar o devido valor ao texto de partida na tradução.

Vejamos agora o sexto critério de textualidade: a intertextualidade.

## **f) Intertextualidade**

Para Marcuschi

a *intertextualidade* é uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas e implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos (2008, p.130).

Ou seja, nenhum texto é puro ou neutro, uma vez que ele sempre dialoga com textos anteriormente já existentes. E é por essa razão que a intertextualidade é considerada um critério de textualidade.

O autor ainda afirma que existe uma distinção entre *intertextualidade* e *intertexto*:

o intertexto seriam os fragmentos discursivos que aparecem e a intertextualidade seria o princípio geral que rege as formas de isso ocorrer, isto é, as regras do intertexto se manifestar (2008, p.130).

Significa dizer que a intertextualidade é a recorrência de um texto ao conhecimento prévio de outros textos, enquanto o intertexto são os discursos, os textos que fazem parte da intertextualidade em determinado texto (ex: citações, paráfrases, referências, etc).

Na sua obra *O texto e a construção dos sentidos*, Koch (2009) diz que existem dois tipos de intertextualidade: a *intertextualidade em sentido amplo* e a *intertextualidade em sentido restrito*.

A *intertextualidade em sentido amplo* diz respeito à condição de existência do próprio discurso, e denomina-se interdiscursividade. Sobre esta, Elisa Guimarães afirma:

A **interdiscursividade** identifica-se como *interação com dado discurso*, uma *memória discursiva*, que constitui um contexto global que envolve e condiciona a atividade linguística. Assim concebida a interdiscursividade, à luz do pensamento de Bakhtin, que empresta rigor a noções intuitivas, em geral, torna-se impossível a apreensão do discurso sem percepção das relações dialógicas, ou seja, sem história (2009, p.134).

Portanto, um discurso não é a-histórico, visto que sempre está dentro de outro discurso já, previamente, existente. Uma enunciação, ao ser feita, necessariamente é composta de discursos em que temos o enunciador e seu ponto de vista, bem como os discursos que colaboram com sua perspectiva.

A *intertextualidade em sentido restrito* é a relação de um texto com outros textos já existentes. Segundo Koch (2009) existem quatro tipos de intertextualidade em sentido restrito:

- a) De conteúdo x forma/contéudo: a intertextualidade de conteúdo se dá muito nos textos científicos quando, por exemplo, um determinado termo técnico é usado em diversos textos. Já a intertextualidade de forma/contéudo se dá em textos que são imitações ou paródias de textos já existentes;
- b) Explícita e implícita: a intertextualidade explícita é quando se faz uso de citações e referências em determinado texto, tal como os textos acadêmicos. E a intertextualidade implícita ocorre sem a citação expressa no texto, tendo o leitor de recorrer à memória para construir o sentido do texto;
- c) De semelhanças x diferenças: a intertextualidade de semelhanças acontece, geralmente, em textos argumentativos, quando o autor alude a outros autores para defender seu ponto de vista. Todavia, a intertextualidade de diferenças serve para menosprezar ou mesmo ridicularizar um intertexto qualquer, frequentemente usado em paródias, ironias ou texto argumentativos de divergência;
- d) Com intertexto alheio, com próprio intertexto ou com intertexto atribuído a um enunciador genérico: é o uso de textos de própria autoria na produção de textos de si mesmo, uma espécie de propaganda própria de quem produz o texto. Ou citar textos sem autoria específica como, por exemplo, os provérbios e ditados populares.

A intertextualidade, além de colaborar para a coerência textual, é um princípio constitutivo, na medida em que trata o texto como uma comunhão de discursos e textos preexistentes. É a responsável pelas interconexões de todas as interpretações possíveis de um dado texto.

Segundo Travaglia (2003), a tradução e sua relação com o texto original constituem a forma de intertextualidade por excelência, ou seja, traduzir, no que tange à intertextualidade, é uma forma de absorção de um texto pelo outro por meio de códigos linguísticos.

A intertextualidade em sentido amplo na tradução, assim como no texto original, se dá pela existência do discurso que passa de um código linguístico a outro; e a intertextualidade em sentido restrito acontece, na maioria das vezes, pela tradução da forma e do conteúdo. Vejamos um exemplo:

<b>Quadro 3: exemplo de Intertextualidade de forma</b>	
<p><i>Le cimetière marin</i></p> <p>Paul Valéry</p> <p>Ce toit tranquille, où marchent des colombes, Entre les pins palpite, entre les tombes; Midi le juste y compose de feux La mer, la mer, toujours recommencée! O récompense après une pensée Qu'un long regard sur le calme des dieux!</p>	<p><i>O cemitério marinho</i></p> <p style="text-align: right;">Paul Valéry</p> <p>Esse teto tranquilo, onde andam pombas, Palpita entre pinheiros, entre túmulos. O meio-dia justo nele incende O mar, o mar recomeçando sempre. Oh, recompensa, após um pensamento, Um longo olhar sobre a calma dos deuses!</p> <p>Trad.: Darcy Damasceno / Roberto Alvim Correia in <i>Caderno EntreLivros</i>, 4, p. 96</p>
	<p><i>O cemitério marinho</i></p> <p style="text-align: right;">Paul Valéry</p> <p>Esse teto tranquilo, onde andam pombas, Freme em tumbas e pinhos, quando tomba Pleno o Meio-Dia e cria, abrasado, O mar, o mar, sempre recomeçado! Ó recompensa, após ter pensado, O olhar à paz dos deuses, prolongado!</p> <p>Trad.: Jorge Wanderley in <i>Caderno EntreLivros</i>, 4, p. 96</p>
	<p><i>O cemitério marinho</i></p> <p style="text-align: right;">Paul Valéry</p> <p>Esse teto tranquilo, onde caminham pombas, Palpita entre pinheiros e tumbas; Compõe-lhe de luz o meio-dia justo O mar, o mar, sempre recomeçado! Que recompensa após meditação N'um longo olhar sobre a calma dos deuses!</p> <p>Trad.: Edmundo Vasconcelos <i>Poética da tradução</i>, p. 193</p>

Nas três traduções do poema acima, vemos as diferentes perspectivas de cada um dos tradutores: enquanto Darcy Damasceno, Roberto Alvim Correia e Edmundo Vasconcelos deram total atenção ao conteúdo do poema; Jorge Wanderley deu mais atenção à forma. Mesmo Wanderley colocando rimas diferentes do poema original e se afastando da tradução literal do texto de partida é nítida a intertextualidade de forma do poema, pois o que o caracteriza são os versos e a rima presentes na tradução e no texto traduzido.

Ainda a respeito deste critério de textualidade – a intertextualidade -, Travaglia nos chama a atenção para uma questão fundamental:

Nem sempre os leitores de um texto traduzido terão condições de estabelecer o diálogo necessário com os textos que contribuíram implícita ou explicitamente para a formação do original (2003, p. 104).

Ou seja, se traduzirmos um texto que tenha intertextualidade com a Bíblia, não serão necessárias explicações para dizer que o texto tem intertextualidade já no original; porém se traduzirmos um texto como a literatura de cordel de alguma região do Brasil ou a literatura de *colportage* da França, o tradutor terá, quase que obrigatoriamente, de dar algumas explicações em nível de intertextualidade do texto de partida ou fazer adaptações na tradução.

A tradução é um diálogo intertextual e o tradutor, o mediador deste diálogo.

Por fim, temos o sétimo e último critério de textualidade: a informatividade. Vejamos em que ele consiste.

### **g) Informatividade**

Em linhas gerais, segundo Costa Val, a informatividade “é entendida como a capacidade do texto de acrescentar ao conhecimento do receptor informações novas e inesperadas” (2004, p. 31).

A informatividade está estritamente ligada à aptidão de dirimir incertezas, ou seja, saber distinguir em um texto o que ele quer transmitir, o que é possível extrair dele e o que não é pretendido nele.

Segundo Koch & Travaglia:

O texto será tanto menos informativo, quanto maior a previsibilidade; e tanto mais informativo, quanto menor a previsibilidade. Se um texto contiver apenas informação esperada/previsível dentro do contexto, terá um grau de informatividade baixo; se, a par da informação esperada/previsível em dado contexto, o texto contiver informação imprevisível/não-esperada, terá um grau médio de informatividade. Finalmente, se toda a informação do texto for inesperada/imprevisível, o texto poderá, à primeira vista, parecer incoerente, exigindo do receptor um esforço maior para calcular-lhe o sentido, já que textos com taxa muito alta de informação nova são de difícil compreensão. (2008, p. 81)

Fica claramente explícito no trecho anterior de Koch & Travaglia que existem três níveis de informatividade:

- Primeiro nível: **informatividade baixa**. Diz respeito à informação já esperada ou redundante como os clichês e estereótipos, as afirmações sobre o óbvio;
- Segundo nível: **informatividade média**. São as informações além do esperado, uma espécie de equilíbrio entre as ocorrências do original: o texto escrito, ancorado na aceitabilidade e apresentado sem causar estranheza;
- Terceiro nível: **informatividade alta**. É a informação totalmente inesperada e imprevisível que por sua vez desorienta, ainda que temporariamente, o receptor, pois exige deste um grande esforço de decodificação.

Koch & Travaglia nos dão um breve exemplo<sup>10</sup> desses três tipos de informatividade:

- a) O oceano é água.
- b) O oceano é água. Mas ele se compõe, na verdade, de uma solução de gases e sais.
- c) O oceano não é água. Na verdade, ele é composto de uma solução de gases e sais.

Na letra (a) temos um exemplo de informatividade baixa. É óbvio que todo leitor não terá estranheza nenhuma quanto a essa informação por ela ser redundante, pois oceano não seria oceano se não tivesse água.

Já na letra (b) temos um exemplo de informatividade média. A informação é revalorizada quando se diz “mas ele se compõe, na verdade, de uma solução de gases e sais”; pois, além de o texto passar a informação base, ele lança outra informação pertinente ao assunto.

Por fim, na letra (c) temos um exemplo de informatividade alta. O trecho “o oceano não é água” causaria estranheza ao leitor porque esta frase é extremamente informativa e ela só será estabilizada na continuidade da leitura que justificará tal afirmação.

Além dos três tipos de informatividade, há ainda um quesito que diz respeito ao critério de informatividade do texto: a *suficiência de dados*. A respeito disso Costa Val afirma que “para ser informativo, o texto, além de se mostrar relativamente imprevisível, precisa apresentar todos os elementos necessários à sua compreensão, explícitos ou inferíveis das informações explícitas” (2004, p. 31). Ou seja, todo texto tem que oferecer condições de sentido para transmitir a intenção da produção do autor. Em suma, a *suficiência de dados* resulta do equilíbrio do que o texto oferece e confia a quem o interpreta.

Ao se posicionarem sobre o critério da informatividade, Koch & Travaglia escrevem:

---

<sup>10</sup> KOCH & TRAVAGLIA, 2009, p.86

É a informatividade, portanto, que vai determinar a seleção e o arranjo das alternativas de distribuição da informação no texto, de modo que o receptor possa calcular-lhe o sentido com maior ou menor facilidade, dependendo da intenção do produtor de construir um texto mais ou menos hermético, mais ou menos polissêmico, o que está, evidentemente, na dependência da situação comunicativa e do tipo de texto a ser produzido. (2009, p. 88)

O texto será de fácil ou de difícil interpretação conforme o nível de informatividade; e este último está intimamente ligado e é dependente do gênero textual e de outros fatores do texto como, por exemplo, os demais critérios de textualidade (intertextualidade, situacionalidade, intencionalidade e aceitabilidade).

Na tradução, a informatividade se manifesta sempre ora mais previsível, ora menos. Quem vai decidir o que é previsível ou não é o tradutor, pois será ele este elo entre uma cultura/língua e outra. Os níveis de informatividade por sua vez são muito visíveis na tradução. Por exemplo, num contexto de festa junina no Brasil é muito comum lermos textos com as palavras *canjica*, *pé-de-moleque*, *rapadura*, *paçoca*, *farofa* e outras comidas típicas, conferindo a esse tipo de texto uma baixa informatividade para os brasileiros que o leem. Porém, se tomarmos o mesmo texto com as mesmas palavras e traduzirmos para o francês, talvez o nível de informatividade passe de baixa para média ou, até mesmo, alta informatividade, o que implicaria, certamente, a suficiência de dados que a tradução em francês teria de ter para a boa compreensão do leitor/público alvo.

Todos os critérios de textualidade foram aqui apresentados como as características total de um texto, em seguida veremos o que é a retextualização para também melhor compreendermos as características desta última.

#### **IV – Retextualização ou Retextura**

Até o presente momento, foi visto o conceito de texto – adotado aqui como um evento para o qual convergem ações sociais, cognitivas e linguísticas –, vimos o que faz o texto ser um texto – conceito de textura – e agora veremos o que é a retextura ou retextualidade.

Segundo Matencio:

Textualizar é agenciar recursos *linguageiros* e realizar operações linguísticas, textuais e discursivas. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade. Em outras palavras, se retextualizar é produzir um novo texto, então toda e qualquer atividade propriamente de retextualização irá implicar, necessariamente, mudança de propósito, pois o sujeito opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação da linguagem, porque produz novo texto: trata-se, assim, de redimensionar a projeção de imagens entre interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, das motivações e

intenções, do espaço e do tempo de produção/recepção, enfim, de atribuir novo propósito à produção textual (2003, p. 3-4).

Em consonância com esta afirmação, a **retextura** é a ação de reativar novamente os critérios de textualidade em um novo texto. Além disso, reativar os critérios de textualidade é construir novamente um discurso, um contexto e direcionar um público/leitor e uma produção/recepção. Cabe mencionar que a retextualização, assim como mencionado acima, sempre dar-á-se a partir de um texto-base, portanto entre relações de gêneros, textos, formas, conteúdos e discursos que sempre estarão em jogo e dependentes da nova intenção que terá o texto retextualizado ou o seu retextualizador.

Marcuschi (2001, p.48) afirma que existem quatro tipos de retextualização:

<b>Quadro 3. Possibilidades de retextualização</b>		
1. <i>Fala</i> →	<i>Escrita</i> (entrevista oral →	entrevista impressa)
2. <i>Fala</i> →	<i>Fala</i> (conferência →	tradução simultânea)
3. <i>Escrita</i> →	<i>Fala</i> (texto escrito →	exposição oral)
4. <i>Escrita</i> →	<i>Escrita</i> (texto escrito →	resumo escrito)

Para o autor, a retextualização (retextura) é mais cotidiana e automatizada do que se imagina, porém não é mecânica nem muito menos problemática; pois se lida sempre com ela emaranhada à variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. O quadro acima mostra alguns exemplos de repetição e relato que nada mais são que transformações, reformulações, recriações e modificações de uma fala/escrita em outra.

No que compete à tradução observemos o que Travaglia menciona:

A abordagem da tradução como retextualização [**retextura**] desloca o foco de observação do processo tradutório para outro aspecto deste mesmo processo: para o fato de que, ao traduzir, isto é “transpor ideias”, “buscar equivalência”, “captar e reexprimir mensagens alheias”, “captar e exprimir sentidos”, etc., o tradutor está na realidade acionando todos os elementos que conferem textualidade [**textura**] a um texto e que foram anteriormente acionados pelo produtor do texto original, com a diferença de que, manejando uma outra língua, o tradutor estará de certa forma manejando outros elementos, ou até os mesmos elementos sob perspectivas diferentes (2003, p.63).

A tradução na perspectiva da retextura é a recolocação em texto da reconstrução do sentido de uma textualização anterior em uma outra língua. Mas em que consiste o processo de retextualização?

Existem vários processos de retextura, porém nos deteremos aqui no processo de *retextualização da escrita para a escrita*, pois é neste que se dá a tradução – da textualização do texto original para textualização do texto de chegada.

Dell’Isola (2007) fez uma pesquisa a respeito do processo de retextualização de gêneros escritos na língua portuguesa e em meio à qual organizou sete etapas de como o processo de retextura acontece, a saber:

- 1) leitura,
- 2) compreensão textual,
- 3) identificação do gênero,
- 4) retextualização [retextura],
- 5) conferência,
- 6) identificação do gênero-produto e
- 7) reescrita.

Estas sete etapas são divididas em dois grandes momentos: o primeiro momento é o de apreensão do texto, enquanto o segundo, da produção escrita de um novo texto.

Apesar de esta proposta de Dell’Isola se aplicar a textos da mesma língua e de gêneros diferentes, há uma semelhança com a tradução, pois o tradutor precisa antes de tudo compreender o texto e, logo após, produzir a tradução-novo texto.

Costa (2005) afirma que a tradução vista como retextura é uma *equivalência textual*, na qual, três grandes aspectos estão em jogo: o ideacional<sup>11</sup>, o interpessoal e o textual. O primeiro aspecto diz respeito às ideias do autor e à interpretação que o tradutor faz destas ideias ao traduzir; o segundo tem por base o público alvo tanto na língua de origem quanto na língua de chegada, pois dependendo do público a tradução pode ter diversas concepções; e por fim, o textual diz respeito à textualização do texto de partida e do texto de chegada. Este último aspecto é marcado pelo combate entre dois princípios: *o princípio da livre escolha* e *o princípio idiomático*<sup>12</sup>.

Para Vašíčková (2009):

O **princípio da livre escolha** é uma maneira de ver o texto como um grande número de escolhas complexas. Sempre quando uma unidade (uma palavra, uma frase) está a ser completada, abre-se uma vasta gama de escolhas e a única restrição é a gramaticalidade. Isto é provavelmente a maneira normal de ver e descrever a língua, frequentemente chamada ‘slot-and-filler model’, ou seja, o texto é uma série de lacunas que têm que ser preenchidas pelo léxico que satisfaz as restrições locais. Em cada lacuna pode ocorrer praticamente qualquer palavra. Dado que a língua supostamente opera simultaneamente em vários níveis, um padrão

<sup>11</sup> Para Costa, o ideacional é colocar em texto as ideias e experiências de um sujeito, que, por sua vez, serão sempre menos ou mais perceptíveis que a real ideia ou vivência.

<sup>12</sup> Ideia postulada pela primeira vez por J. Sinclair em *Corpus Concordance Collocation*, 1991.

de escolhas muito complexo está presente em cada momento; contudo, o princípio subjacente é bastante simples.

Como é óbvio, as palavras não ocorrem aleatoriamente e o princípio da livre escolha não é responsável por todas as restrições. Não seríamos capazes de produzir um texto apenas por procedermos de acordo com o princípio da livre escolha. Apesar de aplicarmos as restrições exigidas pelo tema e registo, ainda existem os demais candidatos que poderão preencher algumas das lacunas. Neste ponto é que entra em cena o **princípio idiomático**: o falante tem à sua disposição um grande número de grupos de palavras pré-construídos apesar de estes poderem apresentar alguma variação, nomeadamente a nível lexical, flexional ou de ordem das palavras.

[...] Em algumas ocasiões as palavras parecem ser escolhidas em pares ou grupos e estes não são necessariamente adjacentes.

Percebe-se que os dois princípios são opostos embora pertençam à mesma categoria linguística – gramática e léxico. Todavia, o princípio da livre escolha diz respeito à escolha lexical e gramatical, enquanto o princípio idiomático diz respeito às expressões idiomáticas, às colocações e às sequências lexicogramaticais (sequências fixas).

O tradutor-retextualizador (COSTA, 2005) será excelente ou mal afamado conforme as decisões que tomar entre esses dois princípios, tornando por vezes a tradução pior ou melhor que o próprio texto de partida – segundo afirmações do tipo “a tradução está melhor que o original”. Um clássico exemplo disso são as traduções de Poe feitas por Baudelaire (COSTA, 2005).

Em última instância, cabe aqui fazer uma diferenciação entre as definições de reescrita e retextualização. Segundo Matencio (2002, p. 113):

Em suma, a reescrita é atividade na qual, através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto.

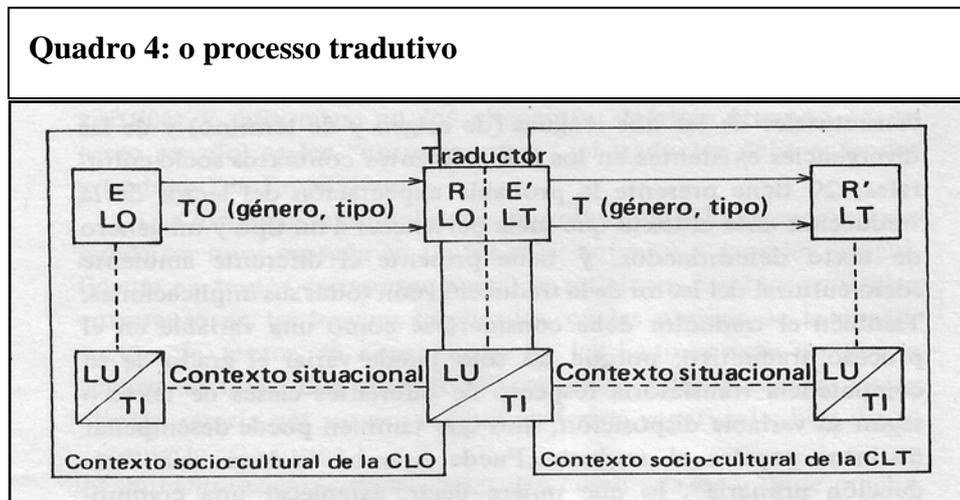
Portanto, a diferença principal entre reescrita e retextualização é que em uma temos uma nova versão do mesmo texto em relação aos aspectos formais melhorados, enquanto na outra temos a produção de um novo texto. A retextualização pode até ser reescrita – se observamos que depois do processo tradutivo é aconselhável a revisão do texto para melhoramento dos aspectos formais do mesmo na língua de chegada –, porém a reescrita não pode ser tida como retextualização, visto que esta acontece com o mesmo texto modificando apenas sua superfície.

Assim como a textualização tem os seus critérios (fatores) que a fazem ser o que é, a retextura também tem seus fatores (critérios) que a fazem ser uma retextualização. Vejamos melhor a respeito disto no tópico que se segue.

## V- Fatores de Retextura

Como já mencionado no presente trabalho, a retextualização tem dois grandes momentos: a apreensão – leitura, compreensão e identificação do gênero —, e a produção textual – retextualização, conferência, gênero-produto e reescrita (DELL'ISOLA, 2007).

Antes de mencionarmos os fatores de retextualização, é preciso entender o que é o processo tradutivo e seus dois momentos da retextualização. Adoto aqui a concepção de processo tradutivo de Reiss (1981) a qual pode ser observada no seguinte quadro:



Temos no quadro acima as seguintes descrições: E (LO) emissor da língua de origem e E'(LT<sup>13</sup>) emissor na língua alvo; R (LO) receptor da língua de origem e R'(LT) receptor da língua alvo; LU lugar e TI<sup>14</sup> tempo; CLO contexto na língua de origem e CLT contexto na língua alvo; TO texto original e T texto.

Observa-se que o texto a ser traduzido tem uma língua, um gênero em um contexto situacional e sociocultural em determinado tempo e lugar. Em contrapartida, a tradução tem a mesma similaridade de gênero, porém em um contexto situacional e sociocultural diferentes daquele do texto original. Entre esses dois polos temos o tradutor, que é o primeiro receptor da tradução em um determinado lugar e tempo, conseqüentemente em um determinado contexto sociocultural e situacional. É bem nítido que o tradutor é o primeiro leitor do texto antes do público alvo na língua de chegada, e para que a tradução seja boa, antes de tudo é preciso compreender o texto, ou seja, passar pelo primeiro grande momento da retextualização: a compreensão. Mas o que é compreender um texto para o tradutor?

Compreender um texto a ser traduzido é estar atento a três dimensões básicas da compreensão:

<sup>13</sup> Em espanhol, LT – lengua término

<sup>14</sup> Em espanhol, TI - tiempo

- 1° a compreensão dos signos linguísticos – o que está escrito e como está escrito?  
 2° a compreensão das intenções da escrita – o que quer dizer o autor e por que disse precisamente desta maneira?  
 3° a compreensão do fundo comunicativo<sup>15</sup> – de quem e a quem vai escrito algo? Por que e para que precisamente desta maneira? (REISS, 1981, p. 39)<sup>16</sup>

Somente compreendendo bem o texto é que o tradutor pode fazer um bom trabalho. A observância destes três aspectos na compreensão do texto a ser traduzido nos dará pistas de como traduzi-lo, ou mesmo, nos fará adotar determinadas concepções de tradução. Convém mencionar aqui que a compreensão não é um dado objetivo nem está “pronta” para ser apreendida no texto de partida, já que cada tradutor/leitor terá a sua compreensão.

É bem verdade que a grande dificuldade da tradução, por vezes, começa na compreensão dos signos linguísticos, pois eles possuem alguns determinantes, dos quais os mais comuns são: a idade do texto, o autor do texto, o tradutor do texto e a linguagem do texto.

O tradutor pode receber diversos textos para traduzir, inclusive textos de diferentes épocas. Neste caso, para uma boa compreensão, é necessária uma atualização linguística, no que diz respeito à ortografia, à semântica e ao uso de palavras ou expressões que na época do texto faziam total sentido porque estavam situadas em determinado tempo e em determinado lugar, mas que hoje já não funcionariam tão bem. Muitas vezes também a idade do texto mostra o tipo de comunicação de determinada comunidade linguística situada em um momento histórico. Podemos citar como exemplo os textos do poeta francês François Villon (1431-1463): antes mesmo de seus textos serem traduzidos para outra língua, é necessário o trabalho de compreensão na sua língua original: o francês medieval.

Para compreender um texto, outro aspecto relevante, principalmente em se tratando da tradução, é o autor do texto de partida. Se este for conhecido, muitas vezes sua biografia e suas obras podem contribuir para um melhor entendimento do texto a ser traduzido. Por exemplo, para se traduzir Érico Veríssimo é preciso saber que sua obra é dividida em três grandes momentos e que seus textos possuem marcas características: inversão de frase, ironias, redundâncias, jogo de palavras, regionalismos, etc. Sabendo isso, o tradutor terá uma certa “luz” de como bem compreender o texto para bem traduzir.

A pessoa do tradutor não é invisível na tradução como sugerem antigas concepções - como por exemplo a concepção de tradução palavra por palavra, na qual implicitamente o tradutor jamais apareceria. O tradutor pode ser o responsável por uma compreensão inversa

<sup>15</sup> Entende-se *fundo comunicativo* como as condições de produção de um determinado texto.

<sup>16</sup> Tradução minha.

do texto de partida devido às suas diversas experiências, expectativas e conhecimentos. Por exemplo, um tradutor que traduz um texto profundamente marxista e tem sua posição pessoal totalmente contrária a essa corrente de pensamento pode compreender e traduzir o texto marxista de forma não tão profunda, ou seja, ele deixa a essência do texto compreendido na língua de partida, mas suas escolhas lexicais e gramaticais mostram sua subjetividade no texto traduzido e na compreensão adotada.

A linguagem do texto é um fenômeno complexo e complicado e, por vezes, pode não contribuir muito, dificultando a compreensão. Por isso, o tradutor precisa estar atento à combinação sintática dos signos e seu valor, à significação referencial dos signos linguísticos correspondentes à realidade – tempo e lugar — na constituição do texto, valorizando o emissor e o receptor do original; à significação denotativa e conotativa dos signos e sua capacidade de produzir associações; às variações idioletais, socioletais, tecnoletais e estilísticas dos signos linguísticos; e ao papel do emissor e receptor no processo comunicativo, cujo substrato escrito tem ante seus olhos (REISS, 1981). Por exemplo, se ao traduzir um texto jurídico o tradutor não der a devida atenção a todos estes elementos já na língua de partida, a compreensão será difícil, e a tradução mais ainda, pela especificidade que há na linguagem jurídica.

Em suma, podemos dizer que, para o tradutor, compreender um texto é responder as seguintes questões:

Quem escreve? – o emissor.  
 O que escreve? – temática, conteúdo, texto escrito.  
 O que não escreve? – conhecimentos prévios e de fundo.  
 Como escreve? – léxicos, estilo; constituição, tipo e gênero de texto.  
 Para quem escreve? – receptor.  
 Onde e quando escreve? – situação comunicativa.  
 Escreve para quais fins? – intencionalidade da mensagem e se seu efeito; função comunicativa do texto. (REISS, 1981, p. 42)<sup>17</sup>

Tais questões resultam numa direção mais acertada para começar a segunda grande etapa da retextualização: a produção do novo texto. A produção do novo texto consiste em: retextualização, conferência, gênero-produto e reescrita. Quais os fatores da retextura na tradução? Logicamente, todos os fatores de uma textualização estarão presentes novamente no novo texto-tradução, pois os mesmos fatores da primeira textualização serão evocados, transformados ou mesmo recolocados sob uma nova perspectiva na nova textualização.

Os fatores de retextualização são compostos basicamente pelos critérios de textualidade — a saber: coesão, coerência, informatividade, intertextualidade,

---

<sup>17</sup> Tradução minha.

situacionalidade, aceitabilidade e intencionalidade —, e por outros determinantes da coerência total de um texto: o conhecimento compartilhado, a focalização, a inferência, a relevância e os contextualizadores.

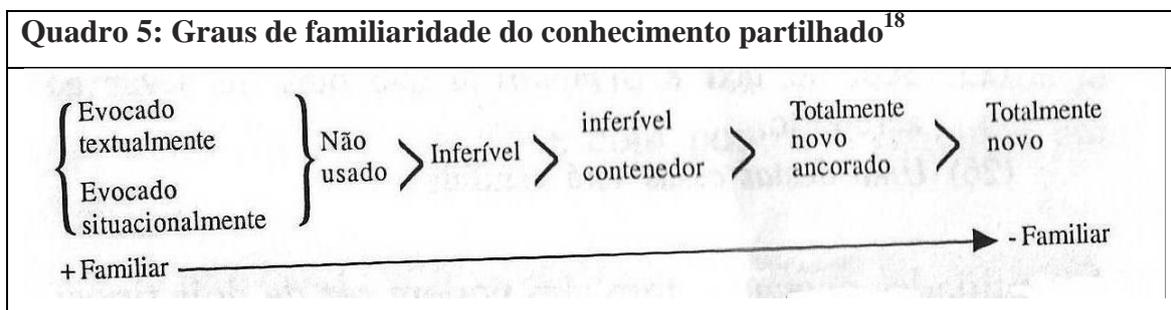
Já vimos anteriormente os fatores de textualização com suas respectivas nuances na tradução. Daqui em diante veremos apenas os outros *determinantes da coerência total* de um texto que podem ou não aparecer no evento textual, pois, como já se sabe, tanto os critérios de textualidade como os determinantes da coerência total não são rigidamente o que fazem um texto ser um texto.

O primeiro critério de coerência total que examinaremos é o conhecimento partilhado.

### a) Conhecimento partilhado

O conhecimento partilhado é o equilíbrio entre os conhecimentos de mundo do autor e do leitor do texto (KOCH & TRAVAGLIA, 2008, 2009). O conhecimento partilhado pode ser *dado* ou *novo*, sendo o primeiro um conhecimento já “velho” ou adquirido e o segundo um conhecimento recém-adquirido com base em conhecimento já obtido.

Koch & Travaglia nos apresentam o seguinte quadro de conhecimento partilhado:



Segundo este quadro, um conhecimento é *dado* ou *novo* devido ao seu grau de familiaridade. Um conhecimento é *totalmente novo* quando o leitor precisa criá-lo a partir do texto (1) e *não-usado* quando se supõe que ele já é totalmente familiar (2). Por sua vez, o conhecimento novo pode ser *ancorado* (3) ou *não-ancorado* (4). O primeiro, *conhecimento novo ancorado*, está relacionado a alguma entidade linguística já mencionada no texto, enquanto o segundo não. O conhecimento partilhado também pode ser inferível, tanto *inferível não-contido* (5) quanto *inferível contido* (6). Por fim, o conhecimento partilhado

<sup>18</sup> KOCH & TRAVAGLIA, 2008, p.67

também pode ser *evocado textualmente* (7) ou *evocado situacionalmente* (8). Vejamos os exemplos<sup>19</sup>:

- (1) (4) **Um disco voador** sobrevoou a cidade.
- (2) **Pelé** hoje é comentarista esportivo
- (3) **Um professor que eu conheço** disse que não acredita na existência de extraterrestres.
- (5) Subi no táxi e o **motorista** não quis me levar ao aeroporto.
- (6) Uma destas casas será vendida.
- (7) Encontrei o marido de Dora. **Ele** me contou que **ela** estava viajando.
- (8) **Por favor**, você pode me esclarecer uma dúvida?

O conhecimento partilhado é importante tanto para o estabelecimento do diálogo entre leitor e autor como para a coerência do sentido do texto. Vejamos o seguinte exemplo (KOCH & TRAVAGLIA, 2009, p. 16):

- (9) Depois do tango, chegou o fado. Na Arábia.  
 O leitor, sem ler a reportagem, só entenderá do que se trata pelo conhecimento de que: a) o tango é música da Argentina e o fado, de Portugal; b) a Arábia é um país; c) a manchete está na seção de esportes do jornal; d) quando saiu a manchete, estava se realizando o campeonato mundial de futebol de juniores, com sede na Arábia; e) o time do Brasil já enfrentara o time da Argentina e iria enfrentar o de Portugal. Sem essas informações não expressas na manchete, mas que deveriam fazer parte do conhecimento de mundo do repórter e do leitor do jornal, este segundo não apreenderia o sentido que o primeiro veiculou com a sequência linguística (9).

Na tradução, o conhecimento partilhado também é observável e tem de ser mantido assim como no texto de partida. O tradutor é o primeiro a compartilhar seus conhecimentos de mundo com o autor do texto de partida, por seu conhecimento de duas línguas, e se torna ao traduzir (retextualizar) o responsável por escolher manter ou não esse conhecimento partilhado na língua de chegada. Segundo Travaglia (2003, p. 83), o tradutor:

assim, ao retextualizar terá que observar se o que apresenta como “dado”, ou como “velho” terá condições de fornecer ancoragem à compreensão e à interpretação para o novo leitor, uma vez que este participa de uma outra cultura, de um outro contexto situacional, tem outros conhecimentos e talvez não partilhe da mesma esfera de conhecimento de mundo do produtor do original. O tradutor terá também que, ao manejar novos recursos linguísticos, fornecer pistas necessárias e suficientes à interpretação e à reconstrução do sentido na outra língua, tendo porém o cuidado de não explicar excessivamente para restringir a margem de interpretação e o cuidado de não deixar elementos totalmente desvinculados que vão dificultar ou até impedir o estabelecimento da coerência na língua de chegada.

Todo texto a ser traduzido tem uma informação dada e uma nova, porém dependendo do público para o qual o tradutor está traduzindo: as informações consideradas dadas podem

---

<sup>19</sup> Ibidem. A numeração dos exemplos corresponde aos graus de familiaridade do conhecimento partilhado, explanados no parágrafo anterior.

ser novas e vice-versa, e neste caso o tradutor terá de construir aparatos para produzir sentido para o leitor do texto alvo.

Um exemplo de toda esta explanação feita até aqui são as traduções de *Alice no país das maravilhas*<sup>20</sup> para o português (existem quatro traduções<sup>21</sup>). O livro no texto fonte possui muitas referências aos condados ingleses: seus costumes, sua história, sua geografia, etc; tudo isso em meio a um jogo de palavras que em inglês, para o público inglês, faz total sentido, pois ele partilha junto ao autor desses conhecimentos; porém para o público brasileiro a obra ora foi adaptada, ora tentou reproduzir todo esse conhecimento partilhado, por vezes com sucesso e outras vezes afastando-se um pouco do texto original. Essas informações podemos encontrar no artigo<sup>22</sup> de Westphalen, Boff, Gregoski & Garcez, que o finalizam da seguinte forma:

Podemos concluir que os textos de tradução examinados são todos traduções legítimas (e de boa qualidade, se levarmos em conta seus propósitos). [...] Nem mesmo na tradução de Lobato, que é a mais adaptada, podemos considerar haver erros, pois ele nos parece ter um propósito bastante diverso dos demais. Sua tradução, apesar das omissões, da quase ausência de trocadilhos e de algumas modificações que faz em relação ao que se lê no texto de Carroll, consegue atingir os propósitos de tornar a história de Alice acessível às crianças brasileiras e de, através dela, fazer com que conheçam também o país em que vivem e sua cultura. Quer nos parecer que Lobato está mais preocupado em situar Alice no mundo de seu leitor do que em situar o leitor no mundo de Alice. É claro que certas comunidades interpretativas podem rejeitar as opções e opor-se aos propósitos de Lobato.

Com isso, resulta evidente que não existe *uma* tradução correta, mas sim diferentes traduções, dirigidas a diferentes grupos de leitores, em épocas determinadas que podem (ou não) resultar suficientes. Acreditamos que todas as quatro textualizações que examinamos são traduções que cumprem com os propósitos que identificamos no início. Cabe também assinalar que mesmo traduções idênticas podem resultar em maior ou menor grau de sucesso de acordo com a comunidade interpretativa a qual se dirigem. [...] Isso, no entanto, é uma consequência talvez inevitável, pois não se pode atingir plenamente tantos públicos diferentes ao mesmo tempo com um mesmo texto. Afinal, parafraseando Vermeer (1994, 2002), acreditamos que a relação entre o texto de partida e sua tradução é uma relação de adequação e está condicionada pelo alvo. Portanto, o mais importante não é o que nós, como indivíduos, consideramos ser uma boa tradução, mas sim o que a comunidade interpretativa pretendida pelo tradutor considera (2001, p.140-142).

Percebe-se claramente que os conhecimentos partilhados na obra *Alice no país das maravilhas* são reais e que suas traduções para o público brasileiro foram bem distintas, determinadas pelo público alvo ou pela comunidade interpretativa. Seus tradutores ora mantiveram os conhecimentos partilhados fazendo uma ponte entre autor-leitor original, mas com certa dificuldade; ora adaptaram, como no caso de Lobato. Essas traduções só deixam claro o quão complicada é essa margem dos conhecimentos partilhados, a qual está em todos os textos — inclusive nas traduções — ora mais explícita, ora menos.

<sup>20</sup> Título em inglês: *Alice's Adventures in Wonderland*. Obra de Lewis Carroll publicada originalmente em 1865.

<sup>21</sup> Respectivamente as traduções de Monteiro Lobato (1931/1972), Nicolau Sevcenko (1995), Rosaura Eichenberg (1999) e Maria Luiza de X. de A. Borges (2002).

<sup>22</sup> A saber: os tradutores de Alice e seus propósitos.

Por fim, Travaglia chama atenção para um aspecto importante em relação aos conhecimentos partilhados:

Muitas vezes, a fim de estabelecer uma ponte entre as duas culturas a tradução tem que explicitar conhecimentos que são comuns entre os leitores do original, mas dos quais não partilham os leitores da tradução, por meio de notas de rodapé, glossários e outros recursos. (2003, p.85)

Ou seja, o tradutor, decidindo deixar às claras o conhecimento partilhado que existe entre autor e leitor do texto de partida para o novo público-leitor, terá muitas vezes de procurar mecanismos ou acessórios textuais para produzir o sentido, a coerência do texto na língua alvo.

Vejam os a seguir o segundo critério de coerência total do texto: a focalização.

## **b) Focalização**

A focalização pode ser definida como

[..] a concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte de seu conhecimento, bem como com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual. (KOCH & TRAVAGLIA, 2009, p. 88)

Ou seja, focalização é a ênfase sobre determinado ponto de vista entre os conhecimentos de mundo e partilhado que o leitor e o autor seguem em um determinado evento textual. Ela depende de vários fatores, principalmente determinada pelo interesse e pela história dos indivíduos. A focalização é imprescindível no caso de palavras homônimas, uso adequado de elementos linguísticos e expressões definidas, perspectivas a respeito de determinado conhecimento de mundo e conhecimento partilhado.

No caso das palavras homônimas, a focalização ajudará a depreender o sentido do termo na situação especificada. Vejamos um exemplo:

*Tirei as mangas.*

- 1) Uma pessoa pegou os frutos da mangueira para comer.
- 2) Uma pessoa que recortou a parte que fica entre os ombros na camisa.
- 3) Uma pessoa se referindo à grande quantidade de problemas de que se livrou.
- 4) Um mecânico industrial fazendo um conserto numa máquina responsável por separar gases.

Já no caso de uso adequado de elementos linguísticos, podemos citar os usos dos verbos *ir* e *vir* que dependem da direção do movimento relativamente ao local focalizado, vejamos<sup>23</sup>:

---

<sup>23</sup> KOCH & TRAVAGLIA, 2009, p. 91

- 1) Eu vou aí.
- 2) Você vem aqui hoje?
- 3) Vamos ao cinema logo à noite?
- 4) Não viemos aqui para discutir.

No que tange às expressões definidas, elas servem para chamar atenção para um referente no evento textual. Por exemplo: um homem pode ser referido como o cara, o pai de família, o advogado, o executivo, o pobre mendigo, etc. Dependendo do tipo de focalização serão usadas umas e não outras.

Koch & Travaglia<sup>24</sup> chamam atenção para um aspecto a respeito da focalização:

Também um título do texto é, em grande parte dos casos, responsável pela focalização, pois, [...] ativa e/ou seleciona conhecimentos de mundo que temos arquivados na memória, avançando expectativas sobre o conteúdo do texto.

Em outras palavras, um mesmo texto com diferentes títulos ou mesmo um título inadequado pode aguçar ou mudar sua ótica de leitura por parte de quem o ler.

Em suma, a focalização é ajuste da comunicação para que os interlocutores saibam exatamente do que estão falando. E isso também acontece na tradução, pois o texto a ser traduzido sempre é focalizado pelo prisma do tradutor.

A questão da focalização na tradução se divide em duas grandes vertentes: 1) o fato de certas pessoas poderem realizar melhor traduções de textos ligados às suas áreas de conhecimento, como o caso dos especialistas; e 2) o fato de que a perspectiva do tradutor sempre é colocada em uma tradução (TRAVAGLIA, 2003).

A primeira vertente considera que um médico pode melhor traduzir textos médicos, assim como um filósofo, textos filosóficos; e assim sucessivamente. Logo, o que se leva em conta neste tipo de pensamento é simplesmente o fato de que o especialista de uma determinada área tem maior probabilidade de ter o conhecimento partilhado com o autor do texto de mesma área. Porém, um tradutor com as devidas ferramentas e conhecimentos pode traduzir qualquer tipo de texto de qualquer tipo de área, levando em conta que ele, além de conhecedor de línguas, é também um pesquisador.

A segunda vertente, por sua vez, considera que um tradutor que fosse traduzir um texto a favor da eutanásia, e tendo uma postura contrária, poderia imprimir certo viés particular, diferentemente de um tradutor que tem a mesma postura do produtor-autor do texto de partida. Logo, nota-se

---

<sup>24</sup> Ibidem.

que a diferença de focalização existe e existirá sempre e que ela é inerente à condição do leitor, entendendo-se por condição tudo o que contribui e contribuiu para o ser do leitor: sua formação, seus conhecimentos, sua ideologia, o grupo sociocultural e econômico a que pertence, sua língua, sua maneira conceber o texto e até o seu estado físico e psicológico no momento da leitura (TRAVAGLIA, 2003, p. 88-89).

O tradutor como leitor privilegiado – leitor atento ao que diz o autor na obra e como o diz a fim de transmitir essas ideias ao público receptor da obra traduzida -, querendo ou não, sempre focalizará o texto a ser traduzido, pois este é um processo subjetivo que envolve decisões, as quais mostram claramente a visão do tradutor perante o texto fonte, perante as ideias do autor. Isso mostra explicitamente que existem léxicos e vocabulários que só ajudam o tradutor a trair o texto fonte como o caso das palavras homônimas, os elementos linguísticos e as expressões definidas presentes já no texto a ser traduzido.

O leitor do texto, por sua vez, sempre reconhecerá a perspectiva do texto, seja numa tradução ou não; por isso, focalizar um texto de partida em um texto de chegada é mais um desafio para o tradutor.

O terceiro critério de coerência total de um texto é a inferência. Vejamos a seguir sua explanação.

### **c) Inferência**

Segundo Koch & Travaglia:

*Inferência* é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar; ou, então, entre segmentos de texto e os conhecimentos linguísticos necessários para a sua compreensão (2009, p. 79).

A inferência são as conexões que as pessoas fazem para alcançar uma interpretação do que leem. É a estabelecadora das relações entre duas ideias do discurso para promover a continuidade do sentido, e responsável pelo entendimento das coisas implícitas no texto.

Charolles (*apud* KOCH & TRAVAGLIA, 2009) propõe a classificação das inferências do seguinte modo:

Quadro 6: Tipos de Inferências <sup>25</sup>		
CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLO	INFERÊNCIA
Substancial	João tem um Escort XR3.	João tem um carro.
Convidativa	João tem um Escort.	João tem carteira de motorista.
Contextual	Você pode me passar o sal?	Ele quer sal.
Retroativa	Pedro tem um grilo. a) alimenta-o todo dia. b) Não sabe se a namorada gosta dele	a) Pedro tem um inseto. b) Pedro tem uma preocupação.

As *inferências substanciais* são as obrigatoriamente feitas, as *convidativas* são as inferências que são *possíveis* de serem feitas ou não, as *contextuais* são as que variam com o contexto, e as *retroativas* são as que têm sentido a partir de uma expressão ou termo dito posteriormente.

As inferências fornecem “pontes” entre a intimidade de leitor e autor do texto. Quanto maior a familiaridade de conhecimento de mundo e conhecimento partilhado, maior pode ser o número de inferências em um texto.

Na tradução não seria diferente, pois as inferências aparecem sempre. Desde o texto de partida até o texto de chegada, esse é mais um elemento da textualização que o tradutor retextualiza. A respeito deste aspecto Travaglia afirma que:

O tradutor face a um texto se encontra por um lado numa posição idêntica à do leitor comum, mas por outro lado é um leitor mediador, dado o objetivo da sua leitura. As inferências que fizer não permanecerão “para si” apenas, mas de certa forma serão repassadas, retextualizadas. Assim tanto os pressupostos quanto os subentendidos feitos pelo tradutor vão passar de um texto para outro só que numa outra língua, para uma outra cultura. Cabe lembrar, que o tradutor terá de estar atento para que as inferências que fizer e transmitir na tradução (e isto é inevitável) não fechem as possibilidades do novo leitor, mas guardem a abertura do original e também para não levar seu leitor a inferências descabíveis naquele contexto. (2003, p. 91)

Em, suma, as inferências do texto-tradução não serão as mesmas do texto de partida. Pode até haver similaridades ou semelhanças, mas a simples passagem de uma língua para outra já confirma que são “outras” inferências. É preciso muito cuidado no que tange a essa passagem de jogo de palavras, tais como alusões, insinuações, imagens, contradições, ironias, etc. Para exemplificar vejamos o caso desse trecho da canção *Le vagabond* de Yves Jacquet:

<sup>25</sup> Baseado no texto de KOCH & TRAVAGLIA, 2009, p.71-72

<b>Quadro 7: Exemplo de Inferência</b>	
Texto de partida	Tradução <sup>26</sup>
<i>Le vagabond</i>	<i>O viajante</i>
C'est la vie qui vient et qui va, Je ne sais pas où elle mène Et la route qui s'en va Je ne sais où m'emmènera.	É vida que vem e que vai Eu não sei para onde ela conduz E a estrada que dela se vai Não sei aonde me conduzirá
A travers les plaines, A travers les monts, Je vais le coeur en fête, Je suis un vagabond.	Pelas planices Pelos montes Eu vou com o coração em festa Eu sou um viajante

O título para o leitor francês é muito claro, um viajante, porém *vagabond*<sup>27</sup> pode ser traduzido<sup>28</sup> em português por *vagabundo* que na acepção original significa viajante<sup>29</sup> da mesma forma que em francês; porém se deixarmos o título como “O vagabundo” a inferência feita desta palavra será pejorativa, alguém que não quer trabalhar. E ao lermos a canção veremos que realmente não é esse o sentido da palavra. Portanto, o tradutor teria de ter cuidado ao traduzir o título desta canção para evitar uma inferência descabível.

O quarto elemento de coerência total de um texto é a relevância. A seu respeito vejamos abaixo.

#### **d) Relevância**

A relevância consiste em um

conjunto de enunciados dos quais compõem o texto [para que] seja relevante para o mesmo tópico discursivo subjacente, isto é, [para] que os enunciados sejam interpretáveis como falando sobre um mesmo tema. (KOCH & TRAVAGLIA, 2009, p.99)

Ou seja, do mesmo tópico discursivo entre conjuntos de enunciados é que a relevância se dá linearmente no texto. E mesmo acrescentando-se outros tópicos ou subtópicos no texto, a relevância é mantida pelos marcadores de digressão, que são enunciados de retomada do tópico principal.

Todos os textos são constituídos de relevância. Na tradução não seria diferente: mesmo a relevância aparecendo no texto de partida, é preciso ter atenção neste quesito ao se traduzir, pois, muitas vezes, o que é relevante no texto de partida – devido, em especial, à sua informatividade, seu conhecimento partilhado e sua focalização – não o é no texto de

<sup>26</sup> Tradução minha.

<sup>27</sup> Explicação feita no dicionário de francês *Le petit Robert*.

<sup>28</sup> Definição encontrada no Dicionário Francês-Português/Português-Francês Porto editora.

<sup>29</sup> Acepção de *vagabundo* encontrada no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa.

chegada. Isso acontece principalmente no que diz respeito à cultura na qual as duas línguas em questão estão inseridas.

Por exemplo, se traduzirmos um romance regionalista brasileiro para o francês no qual aparece a palavra “rancho” designando lugar durante todo o texto, precisamos ter cuidado ao traduzi-la para o francês, pois seu correspondente “ranch” ou “hacienda” não tem a mesma acepção que em português<sup>30</sup>. A princípio, o leitor da tradução iria ficar perdido, pensando que rancho ou seria uma fazenda americana ou um lugar de exploração de bois, contrariamente às acepções em português, que podem ser diversas, menos essas duas acima.

Outro exemplo de relevância é comprovado na versão de *Macunaíma* em francês feita por Jacques Thiériot em 1979 e reeditada pelo mesmo em 1997. Sabe-se que este livro tem todo um jogo de identidade, e que seus personagens são índios. Esses dois elementos principais deveriam ser passados para a outra língua, pois permeiam toda a obra. Todavia, as conclusões que se têm são que:

Em relação ao *Macunaíma*, apesar da tradução ser espantosamente feliz em muitos momentos, às vezes se tem a impressão de que os personagens não são índios brasileiros mas sim ou escravos das ex-colônias francesas ou habitantes bem-educados de uma cidade européia, perdendo-se em grande parte o impacto estético-estilístico do texto original e toda a discussão que suscita quanto à questão da identidade nacional. No entanto, justiça seja feita, o tradutor não optou escancaradamente por uma tradução facilitadora e o texto resultante, apesar de já mais domesticado do que o texto original, é complexo e inquietante (CUNHA, 1997, p. 307)

Cunha (1997), ao afirmar isso, colocou em questão a relevância da coerência do texto de partida para o texto de chegada. Durante todo seu artigo, ela mostra os diferentes aspectos que a fizeram concluir que o tópico discursivo mudou um pouco de perspectiva na versão em francês, desde o afrancesamento de nomes próprios até a manutenção do registro do texto original. Esse tipo de trabalho só confirma o quanto é importante a atenção no aspecto da relevância ao se traduzir um texto.

Por fim, o quinto e último critério de coerência total são os fatores de retextualização. A respeito destes leiamos o tópico precedente.

---

<sup>30</sup> Explicação dada pelo dicionário de francês *Le petit Robert 2010*.

### e) Fatores de contextualização

Segundo Marcuschi<sup>31</sup>:

Em geral, não se consideram os fatores [de contextualização] [...] como pertencentes ao texto, mas eles são elementos que contribuem para equacionar alternativas de compreensão. Eu os considero como *sinais éticos*, no sentido de Harweg (1974; 1978), que contribuem para avançar expectativas a respeito do texto, situando-o num universo contextual de interação. A rigor, esses elementos só existem como presença textual e nunca soltos ou isolados no texto. Não são *fatores êmicos* porque têm com o sistema textual uma relação diversa do que o corpo do texto. Não são necessários para a constituição da textualidade, mas contribuem para a contextualização. De resto, eles podem ser tidos como delimitadores textuais, especialmente nos textos escritos unidirecionais, que apresentam um início e um fim (2009, p. 41).

A respeito da afirmação acima pode-se inferir que os fatores de contextualização servem para situar um determinado tipo de texto em determinado tipo de evento comunicativo. Eles não fazem parte diretamente de uma produção textual, mas aparecem frequentemente em alguns gêneros textuais e também dizem respeito ao uso da língua e desta pelos seus usuários. Eles podem ser *contextualizadores*, *prospectivos* ou *perspectivos* e *gráficos*. Vejamos os principais elementos de cada um:

<b>Quadro 8: Fatores de Contextualização<sup>32</sup></b>	
<b>TIPO</b>	<b>ELEMENTOS</b>
Contextualizadores	Assinatura, local, data, etc.
Prospectivos ou perspectivos	Título, início do texto, autor, estilo de época, correntes científica, filosófica e religiosa a que pertence, formas de tratamento, etc.
Gráficos	Disposição da página, ilustrações, fotos, localização no jornal, revista ou veículo (caderno, página), diagramação, tipo de letra, travessões, parênteses, destaques (itálico, negrito), aspas, sinais de pontuação, etc.

Todos esses fatores fazem parte das habilidades da produção textual quando um escritor tenta modalizar a escrita para obter estilo, distinção de conteúdo ou mediar alguma informação (KOCH, 2002). Dificilmente eles serão dissociados dos elementos linguísticos, os quais mantêm as demais relações textuais nos textos.

<sup>31</sup> A etnografia passou a rotular uma abordagem como *êmica* quando ela se ocupa em descrever uma cultura vista de dentro, contemplada naquilo que é relevante para os membros do grupo e que se sobressai à consciência deles; e a rotular uma abordagem como *ética* quando é feita a partir da perspectiva do observador, que contempla a cultura vista de fora, com base em suas expectativas pessoais. (GREEN, J. L.; DIXON, C. N.; ZAHARLICK, A., 2005, p. 79)

<sup>32</sup> Quadro baseado em: MARCUSCHI, 2009, p. 39; e KOCH, 2002, p. 32-33.

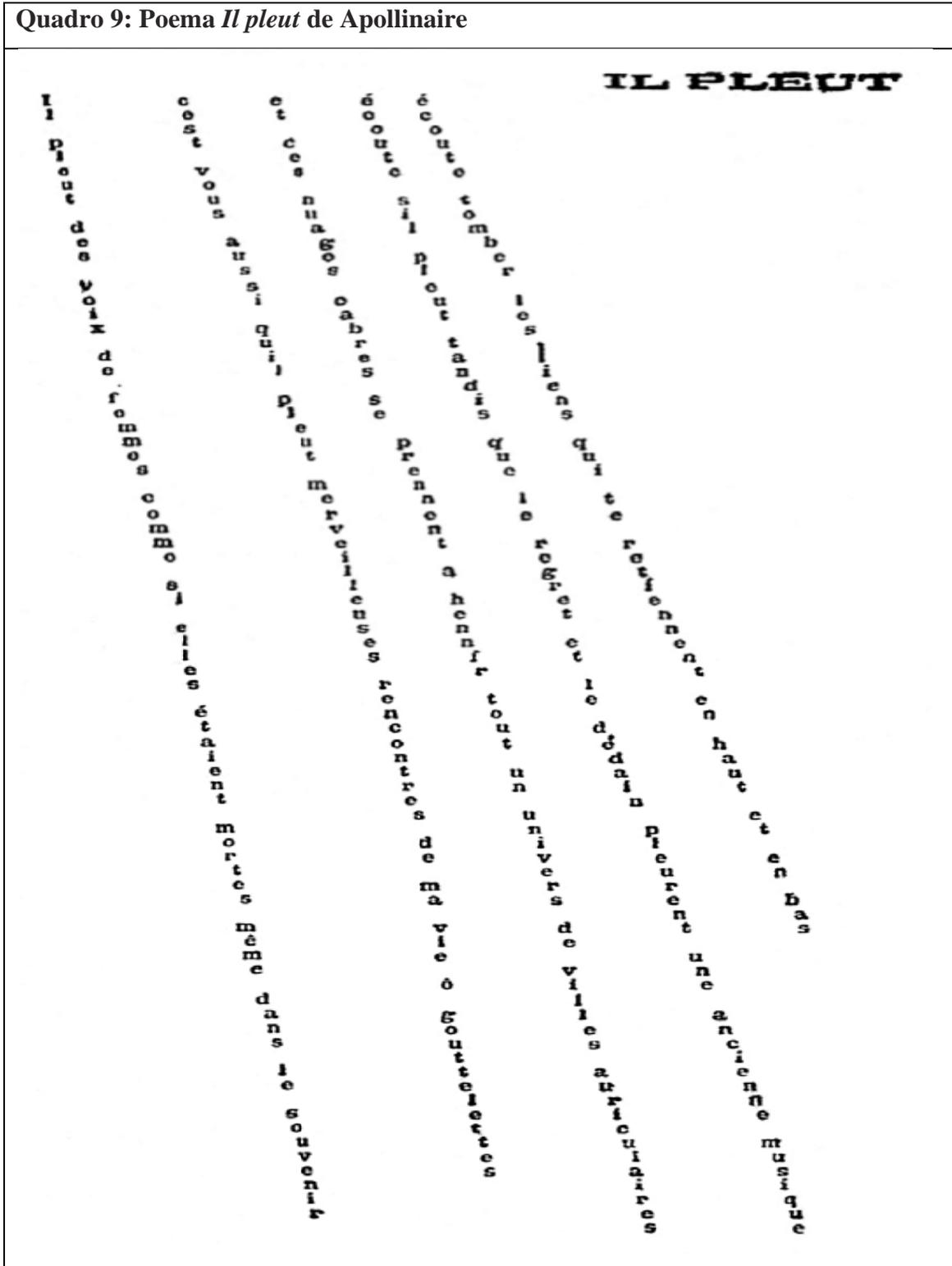
No caso da retextualização na tradução, além de todos os elementos dos fatores de contextualização, o maior contextualizador é o idioma em que o texto foi escrito, pois este traz consigo outros fatores culturais, linguísticos e pragmáticos. Não se podem deixar de lado os fatores de contextualização em uma tradução, visto que estes auxiliam na coerência do texto de chegada e, conseqüentemente, na maioria das vezes, tornam o contexto similar, mas não igual. Um exemplo disso seria a tradução de nomes na versão francesa de *Macunaíma* (CUNHA, 1997). Como já foi mencionado, o afrancesamento destes nomes contextualizou o texto de chegada, mas não reconstruiu totalmente o contexto de partida. Outro exemplo de fator perspectivo contextualizador é o título da canção de Yves Jacquet — *Le vagabond* —, pois, dependendo de como o tradutor traduziu este título as expectativas a respeito dele seriam as mais diversas. A respeito dos títulos Travaglia nos afirma que:

O título como elemento perspectivo não é um simples rótulo, uma etiqueta; funciona como um micro-texto carregado de significado (2003, p. 96)

Não é à toa que muitas vezes alguns leitores decidem ler o livro, artigo, revista ou seja o que for, somente por causa do título. Assim também acontece na indústria cinematográfica: muitos decidem assistir a um filme por causa do título. Daí, vemos a grande importância do tradutor em dar atenção aos fatores de contextualização.

Por fim, veremos agora o poema “Il pleut” (1956, p. 203) do poeta francês Guillaume Apollinaire:

Quadro 9: Poema *Il pleut* de Apollinaire

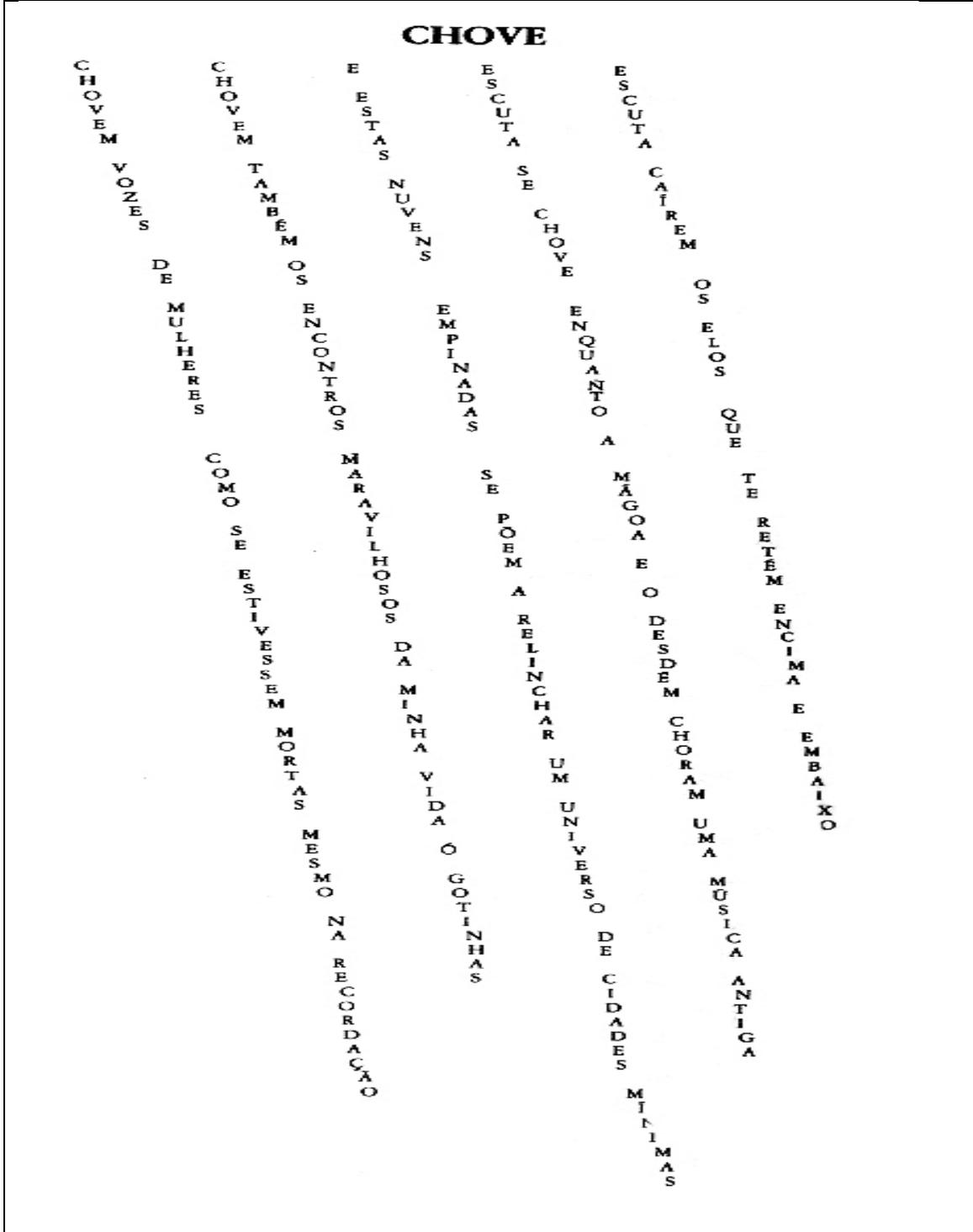


Percebe-se nitidamente no poema que, além dos fatores linguísticos, o poema é composto por fatores gráficos: tipo de letra, tamanho da letra, forma das letras e espaçamento

entre linhas. Ele se apresenta como uma chuva. E a todos esses elementos contextualizadores o tradutor terá de estar atento ao traduzir um texto como este.

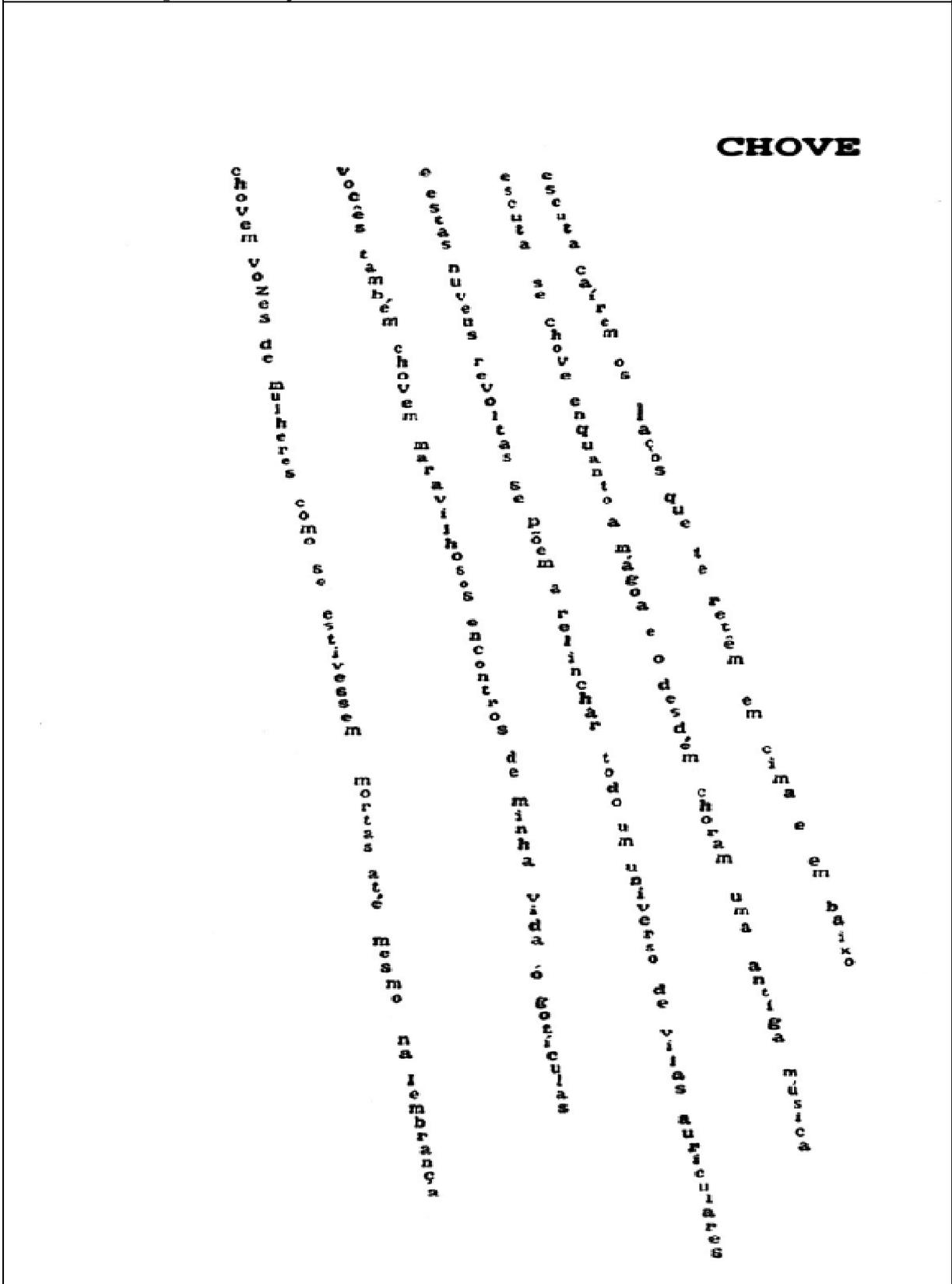
Vejam agora como dois tradutores traduziram esse poema:

**Quadro 10: *Il pleut* tradução de Paulo Hecker Filho (1984)<sup>33</sup>**



<sup>33</sup> FALEIROS, 2009. In anexos.

Quadro 11: *Il pleut* tradução de Álvaro Faleiros (2008)<sup>34</sup>



<sup>34</sup> FALEIROS, 2009. In anexos.

Os dois tradutores levaram em conta os fatores de contextualização deste poema, sendo que o último (Faleiros), por sua vez, tentou ser o mais próximo possível colocando o título na direita, mantendo a diferença entre a primeira linha da chuva e as demais, bem como deixando as letras em minúsculas o que as faz parecerem gotas de água. Além disso, na segunda tradução há uma diferença de escolhas lexicais que é perceptível em comparação com a primeira, enquanto esta, por sua vez, tem alguns erros ortográficos que não aparecem na segunda.

Retextualizar fatores de contextualização na tradução é estar atento a todos os elementos do texto.

## VI – Síntese

Todos os fatores de retextualização estão interligados, de modo que eles não acontecem de forma separada, conforme vimos nesta parte teórica do presente trabalho. Um mesmo texto-tradução pode ter vários fatores juntos ou mesmo a ausência de alguns.

Tendo com ponto de partida o texto que foi previamente produzido em uma língua fonte e recebido por um receptor da mesma, o tradutor se tornará um retextualizador. Este processo de retextualização do qual o tradutor participa será de um texto escrito para outro texto escrito entre duas línguas e culturas diferentes.

O processo de retextualização é dividido em dois momentos distintos:

- 1) a apreensão do texto e
- 2) a produção do novo texto.

No primeiro momento temos as etapas de leitura, compreensão e de identificação do gênero do texto. Afinal, é preciso entender e saber o que é o texto, do que fala e a quem fala. No segundo momento, temos as etapas de retextualização e conferência: é nesta etapa é que o tradutor coloca a “mão na massa”, momento em que ele ativa os elementos de textualização colocando-os em texto novamente, ou melhor, fazendo um novo texto na língua alvo. Tais elementos são os co-textuais — conhecimento linguístico — e os contextuais — conhecimento de mundo. Nos conhecimentos linguísticos temos a coesão e a coerência; e nos conhecimentos de mundo temos os critérios de textualidade e os determinantes de coerência total. Estes dois últimos não são rigidamente regras de uma boa retextualização, pois tanto podem estar presentes como não; o importante é o fornecimento de instrumentos textuais para a produção de sentido do texto ao leitor. A conferência acontecerá a cada elemento retextualizado e compreendido diante do texto de partida.

Em continuação ao segundo momento, temos a etapa do gênero-produto, ou seja, o texto na língua alvo está pronto e pode ser compreendido. Por fim, temos a última etapa do segundo momento, a reescrita do “novo texto” (a retextualização) — para o melhoramento de elementos formais da língua de chegada.

Concebendo a tradução como retextualização e o tradutor como retextualizador, é inevitável não passarmos por todas essas etapas da retextualização. Traduzir é produzir um novo texto em uma nova língua semelhante a um texto anterior em outra língua. As máquinas podem até conseguir traduzir, mas só o tradutor consegue retextualizar.

Em síntese, o processo de retextualização pode ser esboçado seguinte maneira:



## VII – Teorias da Tradução e a Retextura

As teorias da tradução são construções conceituais que servem para descrever, explicar ou modalizar o texto a ser traduzido ou o processo de tradução. Mesmo que essas teorias sejam oriundas de conceitos de áreas distintas, elas apresentam a particularidade de serem exclusivas, ou seja, elas propõem uma reflexão centrada unicamente na tradução e, por sua vez, reforçam a autonomia e a independência dos estudos de tradução. Para o presente trabalho serão abordadas somente cinco teorias da tradução, por serem a nosso ver, as mais conhecidas.

A primeira teoria que abordaremos abaixo é a teoria interpretativa.

### 1) Teoria Interpretativa

A teoria interpretativa é muito conhecida na França porque foi desenvolvida pela *École supérieure d'interprètes et de traducteurs* (ESIT). Todo este trabalho se deve, especialmente, graças a Danica Séleskovitch e Marianne Lederer, porém hoje essa escola tem inúmero adeptos em todo o mundo.

Essa teoria é apoiada na vasta experiência de Danica Séleskovitch (1984) como intérprete de conferências que colocou a tradução em evidência sob três aspectos: a interpretação, a deverbalização e a reexpressão. O processo mental da tradução é o ponto fundamental desta teoria. Sua preocupação maior é com o sentido do que o locutor disse (o explícito) e o que ele não disse (o implícito). Para apropriar-se deste sentido, o tradutor deve possuir uma “bagagem cognitiva” que engloba o conhecimento de mundo, a apropriação do contexto e a compreensão do querer-dizer do autor. E é por causa desta bagagem que a tradução é confrontada sempre com as ambiguidades e multiplicidades de traduções.

Para Delisle (1980) este processo da tradução questiona, antes de tudo, a percepção: de uma parte temos a percepção das ferramentas linguísticas (interno) e, de outra parte, temos a percepção da realidade (externo). Isso significa que o processo de tradução não é direto, mas tem uma etapa intermediária, aquela em que o sentido precisa ser deverbalizado. É um processo contínuo de compreensão e em seguida de reexpressão de ideias.

Integradas a essas ideias, Lederer (1994) postula três bases para esta teoria:

- i) Tudo é interpretação;
- ii) Não se pode traduzir sem interpretar;
- iii) A procura do sentido e sua reexpressão são a área comum em todas as traduções.

Lederer, após essas postulações, conseguiu, de certa forma, resumir a teoria interpretativa da tradução. A teoria interpretativa estabelece que o processo de tradução consiste em compreender o texto, deverbalizar sua forma linguística e exprimir em outra língua as ideias compreendidas e os sentimentos expressos.

Percebemos que esta teoria é original por mostrar as três fases da tradução, e em especial a segunda fase – a deverbalização. É uma abordagem dinâmica das distinções de compreensão da língua de partida até a língua de chegada na tradução. É importante notar que esta teoria considera também que é preciso situar em qual nível de tradução o tradutor está trabalhando (palavra, frase ou texto), pois se é no nível de palavra e de frase fora do contexto, esta será uma tradução linguística; já se for no nível de texto, esta será uma tradução interpretativa. Pois a tradução linguística trabalha com correspondências – o estabelecimento de elementos linguísticos similares —, e a tradução interpretativa, com equivalências dadas entre textos.

Em suma, o essencial da teoria interpretativa é o sentido e o querer-dizer, de modo que ela está totalmente voltada para o receptor, na inteligibilidade da tradução produzida e na aceitabilidade da cultura de chegada.

Vejamos agora a segunda teoria acional da tradução.

## **2) Teoria da Ação**

A teoria acional da tradução foi desenvolvida na Alemanha por Justa Holz-Mänttari (1984). No âmbito desta teoria, a tradução é colocada como um processo de comunicação intercultural visando a produzir textos apropriados para situações específicas em contextos profissionais. Ela considera a tradução como um simples instrumento de interação entre especialistas e clientes.

A teórica se apoiou na teoria da ação e da comunicação. Colocou em evidência as dificuldades culturais que o tradutor tem de superar em alguns contextos profissionais.

O objetivo principal da teoria acional é promover uma tradução funcional permitindo reduzir os obstáculos culturais que impedem a comunicação de forma eficaz. Para isso, Holz-Mänttari (1984) prioriza uma análise minuciosa do texto de partida, a qual fica no limite entre a construção e a função textual. Para ela, o texto de partida é um simples instrumento à disposição das funções comunicativas interculturais. Ele não tem valor intrínseco e é totalmente dependente do objetivo comunicativo que se fixa ao tradutor. Portanto, a preocupação do tradutor deve ser exclusivamente a mensagem a ser transmitida a este cliente.

Além disso, o tradutor é responsável por avaliar até que ponto a mensagem a ser transmitida é aceitável na língua de chegada.

Nesta perspectiva, Holz-Mänttari (1984) coloca em cena o conceito de “perfil textual”. Este “perfil” é definido em função do texto nas áreas gerais existentes na língua de partida e na língua de chegada.

Segundo este ponto de vista, o tradutor aparece como um elo importante que liga o emissor original da mensagem ao seu receptor final. Ele é o interlocutor privilegiado do cliente, com o qual ele tem uma responsabilidade ética maior.

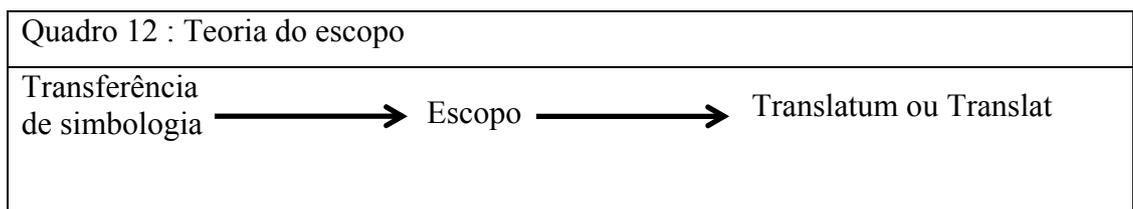
A teoria acional da tradução é, na realidade, uma área de produção de textos profissionais em modo multilíngue, em que a ação do tradutor é definida conforme sua função e objetivo; e o texto de partida é encarado como contendo componentes comunicativos e seu produto final avaliado segundo sua funcionalidade. A função determina o conjunto do trabalho do tradutor. Este deve encarar as necessidades humanas da situação de comunicação visada e os papéis sociais da cultura de chegada, sendo considerado apenas como o transmissor de mensagens, pois deve produzir uma comunicação particular em um momento dado e seguido de um objetivo preciso.

Em resumo, a teoria acional prioriza a ação comunicativa como a modalizadora da tradução, colocando o tradutor como um especialista da interculturalidade por meio da produção escrita, tendo um objetivo definido e sempre adaptando os elementos linguísticos para uma melhor e confortável comunicação na língua de chegada, mesmo que ele se afaste um pouco do texto de partida, mas desde que alcance o propósito da comunicação.

Em seguida, observemos a teoria do escopo

### 3) Teoria do Escopo

A palavra grega “skopos” significa “visão, objetivo, finalidade”. Ela é utilizada nos estudos de tradução para designar uma teoria iniciada na Alemanha por Hans Vermeer (2000). Por sua vez, a teoria do escopo se interessa, sobretudo, pelos textos pragmáticos e suas funções na cultura de chegada. Vejamos o seguinte esquema:



Percebe-se que a tradução é encarada – segundo a teoria do escopo - como uma atividade humana particular (transferência de simbologia), tendo uma finalidade precisa (o escopo) e um produto final específico (o *Translatum* ou o *Translat*).

Vermeer (2000) afirma que todo método ou estratégia de tradução são determinados por objetivos ou finalidades específicos do texto a traduzir. Ou seja, a tradução é feita em função do escopo, da funcionalidade do texto. Essa funcionalidade não é a mesma do autor do texto fonte; ao contrário, ela é presa ao texto de partida, mas totalmente dependente do solicitante da tradução. Ou seja, é o cliente que fixa, conforme suas necessidades, o objetivo da tradução e o tradutor que define a melhor estratégia para alcançar a comunicação desejada.

Todavia, isso acontece dentro de uma metodologia. O tradutor precisa seguir duas regras principais: uma intratextual e outra intertextual. A primeira diz respeito à coerência textual que estipula que o texto de chegada (*translatum*) deve ser suficientemente coerente para ser apreendido pelo público alvo não contradizendo seu conhecimento de mundo; e a segunda remete à “fidelidade textual” que estabelece que o texto de chegada deve manter uma ligação satisfatória com o texto de partida para não parecer que é uma tradução extremamente livre (VERMEER, 2000). Essas regras eram muito genéricas e vagas de modo que, para melhor ajustar sua teoria, Vermeer (2000) integrou a problemática da tipologia de texto criada por Katharina Reiss (2002).

Segundo Reiss (2002), se o tradutor conseguir associar o texto de partida a um tipo textual ou gênero discursivo, isso o ajudará a resolver muitos dos problemas postos durante o processo de tradução. Reiss (2002) e Vermeer (2000) definem os tipos de textos da seguinte forma: informativos, expressivos e operacionais. Definição esta que tenta preservar as funções originais do texto a ser traduzido. Pois todo texto oferece uma informação com uma intenção a um leitor, já a tradução oferece uma informação secundária, porque é mais ou menos a informação do texto de partida com receptores e culturas diferentes.

Os escopos podem ser idênticos ou diferentes entre as duas línguas da tradução: sendo idênticas, há a permanência funcional; sendo variáveis, há a variação funcional. Uma dando mais atenção à coerência textual e outra dando mais atenção à adaptação do escopo (REISS, 2002 & VERMEER, 2000).

Para esta teoria, o texto de partida é considerado como um simples ponto de partida para uma adaptação ao escopo. Isso significa que um mesmo texto pode ter várias traduções pois cada qual corresponde a um escopo. Em suma, o escopo é o critério de avaliação. Sem escopo não há tradução.

Abaixo, explica-se a teoria do jogo, um outro tipo de teoria da tradução.

#### 4) Teoria do Jogo

A teoria do jogo foi primeiramente proposta pelo matemático John Von Neumann para descrever as relações de interesse conflitual que são fundamentalmente racionais. A ideia é encontrar a melhor estratégia de ação em uma situação dada, a fim de otimizar os ganhos e minimizar as perdas.

A ideia de otimização chegou aos estudos de tradução para responder à seguinte questão: como ajudar o tradutor a otimizar o processo de decisões sem perder muito tempo nas escolhas? A teoria da tradução sempre ensinou de forma normativa a otimizar o processo de tradução, mas o trabalho efetivo do tradutor é pragmático, pois ele recorre a soluções que oferecem o máximo de efeito fornecendo o mínimo de esforço. Dentro da situação – a tradução – o tradutor é responsável pelas “instruções” – escolhas sintáticas e semânticas – a fim de atender a melhor solução de fazer sentido no texto traduzido para os jogadores – o leitor/público alvo.

Segundo Gorfée (1993) o processo de tradução é um jogo de linguagem, é como jogar xadrez ou mesmo montar um quebra-cabeça. Pois o jogo da tradução é um jogo de decisões pessoais baseado em regras, escolhas racionais e soluções alternativas.

A questão de ser um jogo é justificada pelo fato de que num jogo sempre se há de encontrar a solução mais adequada em função das regras instituídas pelo mesmo. Como um jogo, a tradução tem suas vantagens e inconveniências. Paralelo a um jogo de xadrez que possui regras, a tradução possui regras determinadas pela linguagem. Todavia, em tradução não se falaria em perder ou ganhar, mas sim em sucesso e fracasso no que diz respeito em encontrar a melhor solução (GORLÉE, 1993).

Essa teoria não leva em conta os fatores emocionais, psicológicos e ideológicos que envolvem o processo de tradução. Também não leva em conta as lacunas de informação e de formação que podem ter o texto de partida ou o próprio tradutor. Por outro lado, essa teoria traz à tona a dimensão lúdica que tem a tradução e que muitas vezes não é percebido pelo tradutor ou pelo leitor da tradução neste jogo da tradução.

Em suma, a teoria do jogo coloca a tradução sempre como algo pragmático e como a procura sistemática de encontrar a melhor solução. Esta teoria não considera o público alvo ou mesmo a recepção do texto de chegada (sua cultura, contexto, leitor alvo, finalidade, etc.). É uma teoria que não condiz com a realidade profissional do tradutor.

Por fim, explica-se a última teoria da tradução abordada neste trabalho: a teoria do polissistema.

## 5) Teoria do Polissistema

A teoria do Polissistema foi desenvolvida por Itamar Even-Zohar a partir do conceito de sistema criado pelo formalista russo Tynjanov, que a aplicou nos estudos de literatura, tentando analisar e descrever o funcionamento e a evolução dos sistemas literários.

Polissistema é um conjunto heterogêneo e hierarquizado de sistemas que interagem de modo dinâmico no centro do sistema englobado (o Polissistema). Diante disso, a literatura traduzida seria um nível de sistema em meio ao sistema literário, que por sua vez está dentro do sistema artístico, que por sua vez integra o sistema político. Enfim, o Polissistema tem raízes socioculturais.

O Polissistema tem diferentes níveis, havendo uma tensão entre o seu centro e a sua periferia, ou seja, gêneros literários dominantes e outros que tendem a ser dominados. Even-Zohar (1990) define esta tensão das formas literárias como o princípio do primeiro e o princípio do segundo. Por exemplo, uma obra que está no centro do Polissistema com o tempo pode ser conservadora e fixa (primeira) até que uma segunda obra mais dinâmica e novata entra em cena (segunda) e assim por diante.

Aplicar a teoria do Polissistema às obras traduzidas tem dois aspectos principais: o papel que tem a literatura traduzida em um sistema literário particular; e as implicações da ideia de Polissistema nos estudos de tradução em geral.

No que diz respeito ao primeiro aspecto, Even-Zohar (1990) estima que os tradutores têm a tendência de se submeter às “normas” do sistema literário de chegada, tanto no nível de seleção de obras como em sua reformulação/escrita na tradução. O autor afirma que a tradução é uma atividade totalmente dependente das relações internas a um sistema cultural particular.

Já a respeito das implicações desta teoria na tradução, temos três pontos relevantes:

- I- O processo de tradução não encarado como entre-línguas, mas sim como entre-sistemas;
- II- O texto/a obra não é encarado/a com a noção de equivalência, mas sim como um objeto autônomo; e
- III- O processo de tradução não é encarado em função das normas linguísticas, mas sim das normas específicas do contexto sociocultural.

Ou seja, traduzir, segundo esta teoria, é levar em consideração o hipercontexto que há entre os dois sistemas das línguas, em especial, na língua de chegada (o gênero literário, a ideologia dominante, o contexto político).

Em suma, esta teoria considera a tradução como um subsistema dependente do quadro geral da sociedade alvo. Ela tenta englobar a tradução de forma panorâmica no seio do sistema alvo e sua análise de literatura estrangeira e nacional coloca frente a frente às ideologias culturais.

Podemos perceber, após ter lido todas essas teorias da tradução, que a retextualização vai ao encontro de muitos dos aspectos de cada teoria. A retextura como tradução considera o contexto e o texto com todos os elementos que estes dois possuem tanto na língua de partida quanto na língua de chegada.

A teoria interpretativa contribui para a teoria da retextualização de forma que para se retextualizar é preciso antes compreender bem este texto. Já a teoria da ação e a teoria do escopo também vão ao encontro da retextura, pois para traduzir é preciso levar em consideração o leitor e a nova situação do texto. A teoria do jogo também, na medida em que a tradução é produtora de sentido e esta por sua vez traz algum prazer intelectual ao leitor e ao tradutor. Por fim, a teoria do polissistema também se combina com a retextualização porque ao retextualizar não estamos somente traduzindo a língua, pois também texto, sistema e muitos fatores têm de ser levados em conta.

Nenhuma dessas teorias é completa, mas elas nos chamam atenção para diferentes aspectos. A retextura é apenas uma nova maneira de chamar atenção para o fato de que no processo de tradução traduzimos textos, bem como todos os elementos que o texto possui.

# **A teoria na prática**

## I – Algumas Considerações

Para ilustração da teoria da retextura, nesta parte do trabalho veremos alguns textos com suas respectivas traduções seguidas das devidas análises.

Os textos foram escolhidos de forma que pudessem apresentar o máximo de elementos possíveis de uma possível retextualização. São de gêneros diferentes, a saber: jornalístico, piada, literário, jurídico/juramentado e capas de livros. Os textos são de diferentes extensões e com níveis de dificuldade diferentes quanto à sua tradução.

Em relação aos tradutores dos textos, eles pediram para não serem identificados e durante o processo de tradução pediram-me dicas gerais de como traduzir o texto designado a eles. Em certa medida, foram dadas algumas instruções, de forma a não interferir no modo como cada um resolveu traduzir ou também para não comprometer a análise da retextualização.

Analisaremos em primeira instância o gênero piada. Deste gênero foram escolhidos dois textos: *Le bulletin scolaire du petit Jésus* e *Blagues rapides*.

### 1) **Le bulletin scolaire du petit Jésus**<sup>35</sup>:

Texto de partida:

La mère de Jésus reçoit le bulletin scolaire de son fils :

... Math 3/20 : multiplie les pains à volonté mais ne sait toujours pas faire une division.  
Lamentable !

... Chimie 2/20 : transforme l'eau en vin et incite tous ses petits copains à l'alcoolisme.

... Sport 0/20 : ne sait toujours pas nager (ne pense qu'à faire rire ses petits camarades en marchant sur l'eau).

Marie regarde alors sévèrement son fils et lui dit :

« Avec un bulletin comme ça mon garçon, tu peux faire une croix sur tes vacances de Pâques! »

<sup>35</sup> Texto de autor desconhecido. Disponível em: <<http://reisdennys.blogspot.com/2010/10/le-bulletin-scolaire-du-petit-jesus-pi.html>>. Acesso em 01 de junho de 2011.

Primeira retextura:

O boletim escolar do pequeno Jesus

A mãe de Jesus recebe o boletim escolar de seu filho:

... Matemática 3/20: multiplica os pães à vontade, mas nunca sabe fazer uma divisão.  
Lamentável!

...Química 2/20: transforma a água em vinho e incita todos os seus pequenos amigos ao alcoolismo.

... Esportes 0/20: nunca sabe nadar (só pensa em divertir seus pequenos colegas andando sobre a água).

Então, Maria olha severamente seu filho e lhe diz:

“Com um boletim destes, meu menino, podes fazer uma cruz sobre tuas férias de Páscoa!!”

Segunda retextura:

O boletim do pequeno Jesus

A mãe de Jesus recebeu o boletim escolar de seu filho :

...Matemática 3/20: multiplica os pães à vontade mas continua sem saber fazer uma divisão.  
Lamentável!

... Química 2/20: transforma água em vinho e incita ao alcoolismo todos os seus coleguinhas.

... Esporte 0/20: ainda não aprendeu a nadar (só pensa em fazer graça para os coleguinhas andando sobre a água).

Maria olha para seu filho com expressão severa e diz:

“Com um boletim como esse meu filho, você pode fazer uma cruz sobre suas férias de Páscoa!”

Neste primeiro texto percebemos que a coerência e a coesão funcionam muito bem nas duas retextualizações feitas, pois todos os aspectos linguísticos e de conhecimento de mundo são suficientes para o leitor/público alvo compreender a piada. O nível de informatividade é baixo, pois não apresenta uma informação nova ao leitor alvo, mas apenas uma nova visão da informação que já faz parte do conhecimento de mundo do leitor. Percebemos, que autor, tradutor e leitor alvo possuem conhecimento compartilhado.

No que tange à intencionalidade, o texto é para causar riso, e as duas retextualizações levam em conta esta intenção do autor. Já a propósito da intertextualidade, percebe-se claramente a intensa intertextualidade deste texto com as passagens bíblicas da vida de Jesus e uma outra intertextualidade com o gênero boletim escolar. A primeira intertextualidade foi percebida pelos dois tradutores facilmente, porém a segunda passou despercebida. Podemos ver isso claramente ao levarmos em conta que as notas do boletim escolar brasileiro são de 0 a 10, diferentemente do boletim francês, de 0 a 20; e que as crianças brasileiras não têm aula de esporte, mas sim de educação física. Ao deixar as notas 3/20, 2/20 e 0/20 e a palavra “esporte”, o texto traduzido ficou com um certo “cheiro de tradução”.

No que diz a respeito à relevância a palavra francesa *croix* é carregada de sentidos no texto de partida, significando tanto cruz, no sentido da cruz em que Jesus foi morto, quanto uma marca feita num calendário; além disso, ela é a responsável pelo grande desfecho da piada e pelo seu sentido global. Nas duas retextualizações desta palavra, ela foi traduzida por “cruz”, todavia o mais usual em português seria um x ou uma bolinha no calendário, porém a palavra cruz neste caso deve ser mantida e, ao meu ver, a melhor tradução seria “cruzinha”, pois o sufixo “inha” daria um tom mais afetivo na fala da mãe com o filho – as palavras diminutivas podem ser associadas facilmente ao lado afetivo dentro de expressão lexical (BECHARA, 1999: 141) .

Por fim, podemos considerar que a piada é aceitável pelo público leitor, porém algumas expressões da piada poderiam ser melhoradas, até mesmo dando mais inferência ao que se tem de elementos na piada. Poderíamos começar pelo próprio título “*du petit Jesus*” ao ser traduzido ficou como “pequeno Jesus”, contudo o mais usual para a cultura brasileira seria “do Menino Jesus”. Outro aspecto que causa um certo estranhamento nas duas retextualizações seria a expressão “*sur tes vacances de Pâques*”, ao ser traduzido literalmente como “suas/tuas férias de Páscoa”, o leitor brasileiro iria compreender; mas ele se colocaria em outra realidade – a francesa, ou mesmo a do tempo de Jesus —, pois no Brasil há apenas o “feriado”/Domingo de Páscoa que é um período curto, diferentemente do período europeu, que é um feriado prolongado para os alunos equivalente aqui no Brasil à Semana Santa, ou mesmo ao período em que Jesus viveu, no qual o período de Páscoa era realmente um grande momento de pausa das atividades comuns e corriqueiras na vida dos judeus.

Vejamos agora as retextualização das *Blagues rapides*.

## 2) Blagues rapides

I - A quoi reconnaît-on un fonctionnaire dans un camp de naturistes?

C'est celui qui a de la corne aux fesses !<sup>36</sup>

II - Monsieur et Madame Cot ont un fils comment s'appelle-t-il ????

Réponse:

Hari ( Haricot )<sup>37</sup>

III - Monsieur Bonwie et Madame Di ont deux fils. Comment s'appellent-ils ??

- Ken et Alain (BonwieKen et AlainDi ... bon week-end et à lundi)<sup>38</sup>

### Primeira retextura:

I - Como reconhecemos um funcionário em um campo de nudismo? Ele é aquele com chifres no traseiro!

II - O Senhor e Senhora Feiji tem um filho, qual o nome dele? Ian (Feijian)

III - O Senhor Bonfim e a Senhora Da têm dois filhos. Qual o nome deles? Dicemana e Atisegun (BonfimDicemana e AtisegunDa ... bom fim de semana e até segunda)

### Segunda retextura:

I – Como reconhecer um funcionário num acampamento de nudistas?

- É aquele com a marca de um tapa na cara!

II – Qual o nome do filho do Sr. e Sra. Ace?

- Alf (Alface)

III - Sr. de Cemana e Sra. Gunda tiveram dois filhos. Como é o nome deles?

– Bonfim e Ace (Bonfim de Cemana e Ace Gunda... bom fim de semana e à segunda!)

Percebemos nestas piadas que as dificuldades de tradução são bem maiores. No texto de partida há jogo de palavras, derivação de palavra e expressão idiomática. Todos esses elementos têm de ser levados em conta na retextualização destas piadas rápidas para o bom funcionamento da coesão e da coerência no texto de chegada.

<sup>36</sup> Texto de autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.blague-online.com/blague/fonctionnaires.php>>. Acesso em 01 de junho de 2011.

<sup>37</sup> Texto de autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.blague-online.com/blague/mretmde.php>>. Acesso em 01 de junho de 2011.

<sup>38</sup> Texto de autor desconhecido. Disponível em: <<http://www.blague-online.com/blague/mretmde.php?page=5>>. Acesso em 01 de junho de 2011.

O nível de informatividade é alto tanto no texto de partida como no de chegada, por apresentar informações inesperadas ou imprevisíveis ao receptor. A intencionalidade é fazer o leitor rir, e a situacionalidade, neste caso, seria adequar o texto em francês para o contexto brasileiro, causando riso.

Na primeira piada há a palavra relevante “*corne*” que, na primeira retextualização, foi traduzida por sua primeira acepção em francês – chifre –, e que foi totalmente desconsiderada na segunda retextualização. A tradução melhor neste caso para “*corne*” seria “calo” - devido à concepção que o Brasil e França têm de que funcionário público não trabalha, só fica o dia inteiro sentado -, levando em consideração que “*fonctionnaire*” não é simplesmente funcionário, mas sim *funcionário público*; e também “*camp de nudisme*”, traduzido por “campo de nudismo” não quer dizer nada em português, pois no Brasil existe apenas *praia de nudismo*. A globalidade desta piada também deixa claro que os conhecimentos partilhados pelo autor da piada, pelo tradutor e pelo leitor em português, são iguais, pois assim como no Brasil, os franceses também consideram que os funcionários públicos não trabalham muito. As duas retextualizações seriam totalmente aceitáveis pelo público leitor, mas não causariam riso porque a coesão e a coerência em ambos os casos não funcionaram bem.

Já na segunda piada há uma derivação de palavra que deixa o tradutor já com um problema no texto de partida. Uma coisa que se tem de levar em consideração é que o sobrenome em francês “*Cot*” pode ser sem dúvida alguma um sobrenome de uma família francesa qualquer. A primeira retextualização não levou em consideração todas essas questões e fez uma tradução quase que literal. Todavia, a segunda retextualização foi muito mais criativa, levando em consideração a intencionalidade do gênero (fazer rir), a informatividade (o sobrenome tem a ver com um legume), o conhecimento partilhado (meu leitor reconhece este legume) e inferência (o receptor poderá inferir apenas pelo sobrenome). Porém, “Ace” não é um sobrenome comum para os brasileiros e possivelmente nem exista. Para este caso, talvez o nome da fruta marmelo ou da hortaliça cogumelo seriam mais apropriados, pois “Omar” ou “Cogu” seria o nome do filho do casal e “Melo” um sobrenome facilmente de se encontrar no Brasil.

A respeito da terceira e última piada, ela é complexa e difícil de ser traduzida por haver um jogo de palavras que em francês funciona muito bem. A informatividade desta piada é alta por ser uma resposta imprevisível e inesperada; a intencionalidade continua ser de fazer o leitor rir, e o conhecimento partilhado é visível, pois os mesmos elementos contextuais que há em francês também aparecem em português. A primeira e a segunda retextualizações

tentaram fazer com que a piada surtisse o mesmo efeito que em francês, porém ambas não funcionaram tão bem, pois alguns nomes e sobrenomes não existem em português nem em francês. Seria necessária para melhor solucionar a tradução desta piada uma pesquisa de nomes brasileiros para ver qual se adequaria melhor.

A seguir, vejamos um texto jornalístico e suas duas retextualizações.

### 3) Osez le saké (*L'Express*, 1er décembre, 2010)

## Osez le saké

**La boisson japonaise est aussi complexe – et savoureuse – que le vin.**

**L**e Japon est à la mode. Et son art de vivre devient référence, notamment dans les cuisines des chefs, qui raffolent des ingrédients nippons. Il est donc grand temps de découvrir – et d'apprécier – l'une des plus savoureuses spécialités de l'archipel : le saké. L'une des plus mystérieuses, aussi, pour des Français qui le confondent trop souvent avec le vilain alcool de riz qu'on boit chaud, dans les caboulots asiatiques, sous l'œil aguicheur d'une « to-pless » blottie au fond d'un gobelet siffleur... La boisson nationale de l'empire

du Soleil-Levant, elle, est tout en élégance, en raffinement. « Une vraie Japonaise, sobre et docile », résume, provocateur, Toshiro Kuroda, de l'épicerie Issé. Intarissable, l'éminent sakéologue sait aussi se faire poète, comme lorsqu'il évoque les « larmes de petites bêtes qu'on affame... » pour parler des levures qui transforment l'amidon en sucre.

C'est que l'élaboration du saké relève d'un art consommé : fermenté (deux fois) et non distillé, il puise ses arômes et sa texture dans l'origine de l'eau et la variété du riz utilisées, et, surtout, selon le degré de



**ACCORDS** Le « vin » de riz s'apprécie tout au long du repas.

polissage des grains (de 20 à 77 %). Cette technique typiquement nippone consiste à réduire le riz à sa plus simple expression d'amidon. Autant de critères qui sonnent à l'oreille de l'amateur tricolore comme terroirs, cépages et méthodes de vinification. A juste titre car le saké est un « vin » de riz, tant ses qualités organoleptiques rappellent celle du sang de la vigne. Au nez, à l'aveugle, un ginjo bien frais (sorte d'AOC garantissant une qualité exceptionnelle, soit 8 à 9 % de la production) abuse plus d'un dégustateur. L'un exhale un bouquet complexe, où les fruits jaunes bien mûrs, le melon, la mangue, font penser à un vin blanc de Gascogne, tandis que cet autre, aux subtiles notes de pêche, d'abricot et d'épices, penche vers un condrieu. Surprise, en bouche, l'absence de tanins et la faible acidité révèlent la véritable identité du breuvage. Alors, osez l'accord avec un foie gras, des coquillages ou, même, un fromage de chèvre. Kampai !

● PHILIPPE BIDALON

L'épicerie Issé propose un choix de sakés des plus belles origines (de 35 à 77 €) : laissez-vous guider par Toshiro Kuroda. Workshop Issé, 11, rue Saint-Augustin, 75002 Paris, 01-42-96-26-74.



**EXPERT** Toshiro Kuroda, de l'épicerie Issé : la passion du saké.

Primeira retextura<sup>39</sup>:**Ousem o saquê*****A bebida japonesa é tão complexa, e saborosa, quanto o vinho***

O Japão está na moda e seu estilo de vida é referência, principalmente, nas cozinhas dos chefes, que são doidos pelos ingredientes nipônicos. Por isso, já é hora de descobrir, e apreciar, uma das mais saborosas bebidas do arquipélago: o saquê. Também é uma das mais misteriosas para os franceses que, muitas vezes, a confundem com o álcool de arroz ruim que se bebe quente, nos cabarés asiáticos, sob o olhar sedutor de uma “topless” encolhida no fundo de um cálice sedutor... A bebida nacional do Império do Sol Nascente é muito elegante e requintada. “Uma verdadeira japonesa, sóbria e dócil”, resume, provocador, Toshiro Kuroda, da mercearia Issé. Incansável, o emitente especialista em saquê também sabe ser poeta, como quando ele arranca “lágrimas de bichinhos famintos...” para falar dos levedos que transformam o amido em açúcar.

A elaboração do saquê exige uma arte consumada: fermentado (duas vezes) e não destilado, ele extrai seus aromas e sua textura da origem da água e da variedade do arroz utilizadas, e, sobretudo, conforme o grau de polimento dos grãos (de 20 a 77%). Essa técnica tipicamente japonesa consiste em reduzir o arroz a sua forma mais simples de amido. São todos critérios que soam aos ouvidos do apreciador francês como autenticidade, cepas e métodos de vinificação. Com todo direito, pois o saquê é um “vinho” de arroz, tanto que suas qualidades organolépticas lembram aquela do sangue da vinha. Para nariz, de olhos fechados, um *ginjo* bem fresco (tipo de Denominação de Origem Controlada – DOC que garante uma qualidade excepcional, ou seja, 8 a 9 % da produção) engana mais um degustador. Enquanto um exala um buquê complexo, em que as frutas amarelas e bem maduras, o melão, a manga, lembram um vinho branco da Gasconha, o outro, com notas sutis de pêssego, de damasco e de especiarias, tem uma inclinação para um vinho de Condrieu. Surpresa, na boca, a ausência de taninos e a pouca acidez revelam a verdadeira identidade da bebida. Então ousem combiná-lo com um *fois gras*, com mariscos, ou mesmo com um queijo de cabra. Kampai!

---

<sup>39</sup> Texto cedido pelo professor Marcos Bagno. Tradução realizada por aluna da disciplina Prática de tradução francês/português: Textos técnico-científicos 1/2011, Universidade de Brasília – UnB.

Segunda retextura<sup>40</sup>:

### **Ouse o saquê**

#### **A bebida japonesa é tão complexa - e saborosa - quanto o vinho**

O Japão está na moda. E seu estilo de vida torna-se referência, especialmente nas cozinhas de chefs, que se enlouquecem com os ingredientes japoneses. É, então, urgente descobrir - e apreciar - uma das especialidades mais saborosas do arquipélago: o saquê. Também uma das mais misteriosas, para franceses que o confundem demais com o feio álcool de arroz que se bebe quente nos velhos cabarés asiáticos, sob o olhar provocante de uma mulher de "topless" encolhida no fundo do copinho. A bebida nacional do Império do Sol Nascente é só elegância, sofisticação. "Uma verdadeira japonesa, sóbria e dócil", resume, provocador, Toshiro Kuroda, da mercearia Issé. Incansável, o eminente estudioso do saquê sabe também se fazer de poeta, como quando ele evoca as "lágrimas dos bichinhos a que fazemos passar fome" para falar das leveduras que convertem o amido em açúcar.

A elaboração do saquê faz parte de uma arte consumada: fermentado (duas vezes) e não destilado, ele tira seus aromas e sua textura da origem da água e da variedade do arroz utilizado, e, especialmente, do grau de polimento dos grãos (de 20 a 77%). Esta técnica tipicamente nipônica consiste em reduzir o arroz a sua forma mais simples de amido. Essas tantas características soam no ouvido dos amantes tricolores como origens, variedades e métodos de vinificação. Nada mais justo, porque o saquê é um "vinho" de arroz, tal é a forma como suas qualidades organolépticas evocam as do sangue da videira. Às cegas, um ginjo bem fresco (espécie de DOC que garante uma qualidade excepcional, cerca de 8 a 9% da produção) abusa mais ao nariz de um degustador. Um exala um aroma complexo, no qual as frutas amarelas bem maduras, o melão, a manga, sugerem um vinho branco da Gasconha, enquanto outro, com notas sutis de pêssego, damasco e especiarias, inclina-se para um condrieu. Surpresa na boca, a ausência de taninos e a acidez baixa revelam a verdadeira identidade da bebida. Então, ouse a combinação com um foie gras, mariscos, ou mesmo queijo de cabra. Kampai!

---

<sup>40</sup> Texto cedido pelo professor Marcos Bagno. Tradução realizada por aluno da disciplina Prática de tradução francês/português: Textos técnico-científicos 1/2011, Universidade de Brasília – UnB.

Vemos que esse texto jornalístico relata uma situação que se verifica na França: o aumento do consumo de saquê. Assim como lá, no Brasil o saquê é consumido cada vez mais, porém para retextualizar este texto os tradutores teriam de levar em consideração o conhecimento partilhado do autor e do público, a situação em questão (do contexto para o texto), a informatividade que este texto apresenta e até mesmo seus fatores contextualizadores (título e final do texto).

Nas duas retextualizações do texto jornalístico há certa irregularidade na tradução, pois ora os tradutores consideram os fatores de textualidade, ora não. Por exemplo: na primeira retextualização, a sigla *AOC* é traduzida por *DOC* contendo a explicação da sigla, diferentemente da segunda retextualização, que não explica a sigla. Em ambas as traduções levou-se em consideração o término do texto com a palavra “*Kampai*” (“saúde” em japonês), mas não consideraram que o título em francês é também uma tentativa de parecer uma frase em japonês – ambos fatores de contextualização do texto.

Todavia, no presente exemplo os fatores que nos chamam mais a atenção são a alta informatividade, a situacionalidade e conhecimento partilhado que o texto de partida apresenta no seguinte trecho:

*L'une des plus mystérieuses, aussi, pour des Français qui le confondent trop souvent avec le vilain alcool de riz qu'on boit chaud, dans les caboulots asiatiques, sous l'oeil aguicheur d'une "topless" blottie au fond d'un gobelet siffleur...*

Percebe-se claramente neste trecho que a situação à qual o autor se refere não é comum no Brasil, e que esta informação é altamente informativa para um leitor brasileiro. Além disso, ao traduzir esta parte do texto, o tradutor teria de considerar que o conhecimento partilhado do leitor brasileiro não é o mesmo que o do leitor francês. Portanto, seria mais que aconselhável uma explicação sobre o que trata este trecho para que o receptor da tradução saiba a que o autor do texto se refere.

Nas duas retextualizações, os tradutores não consideraram a alta informatividade, o grau de conhecimento partilhado, nem a situação mencionada no texto de partida para o público leitor. Ao deixarem:



*Também é uma das mais misteriosas para os franceses que, muitas vezes, a confundem com o álcool de arroz ruim que se bebe quente, nos cabarés asiáticos, sob o olhar sedutor de uma “topless” encolhida no fundo de um cálice sedutor...*

OU

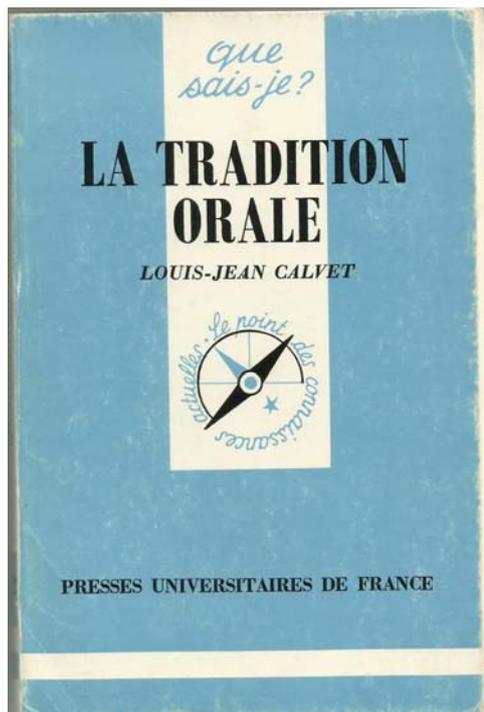
*Também uma das mais misteriosas, para franceses que o confundem demais com o feio álcool de arroz que se bebe quente nos velhos cabarés asiáticos, sob o olhar provocante de uma mulher de "topless" encolhida no fundo do copinho.*

Esta parte do texto desloca completamente a coerência total do receptor, pois ele não compreende que na França o copo de saquê tem, na parte de dentro, no fundo, uma figura de uma mulher seminua e que este copo é usado para servir saquê quente. É a isso que o autor do texto se refere e que é totalmente aceitável em seu texto pelo fato de autor e público leitor francês partilharem do mesmo conhecimento. Todavia, para o público brasileiro, esta informação é imprevisível, inesperada e totalmente nova. Por causa disso ele não compartilha do conhecimento de mundo do autor do texto. Cabe ao tradutor aqui explicar do que trata este trecho.

Exploraremos agora duas capas de livros traduzidos.

#### 4) *La Tradition orale*<sup>41</sup>

Capa Original:



Capa retextualizada<sup>42</sup>:



Observando a capa de *La Tradition orale*, podemos perceber que o livro faz parte de uma das mais antigas coleções de livros universitários na França: *Que sais-je?*. Esta capa em especial faz parte do projeto gráfico mais antigo desta coleção. A *Que sais-je?* é reconhecida

<sup>41</sup> Paris: Presses Universitaire de Frence, Deuxième édition, 1997.

<sup>42</sup> São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Tradução Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira.

por apresentar livros pequenos com 128 páginas, sendo eles uma síntese, uma introdução, uma análise atual ou uma explicação de uma disciplina ou área de conhecimento, sempre dirigidos a um público universitário<sup>43</sup>.

Ao vermos também a retextualização da capa do livro podemos perceber que alguns fatores de retextura foram considerados. Primeiramente, observamos que houve uma ampliação do título do livro; em seguida, que a capa da retextualização tem um desenho que remete a um universo pictórico e aos primeiros sinais gráficos de algum povo antigo.

Todos esses novos elementos da capa brasileira estão diretamente ligados aos fatores de contextualização perspectivos e à focalização. A respeito dos contextualizadores perspectivos, o título do livro em francês leva o leitor a ter em perspectiva que o livro falará somente de tradição oral, diferentemente da versão em português que divide a perspectiva do leitor entre tradição oral e escrita. Por causa disso, a focalização dos leitores ocasionada pelo título será totalmente diferente em francês e em português. Em francês a expectativa será que o livro tratará somente de tradição oral, enquanto em português o leitor já pressupõe que o livro tratará igualmente dos dois assuntos mencionados no título: tradição oral e tradição escrita. Ao levantar tais expectativas sobre os dois livros, os leitores podem inferir diversas coisas: que o livro em português foi ampliado, que o livro em francês trata somente de um assunto, que o livro em português não é o mesmo que o em francês, etc.

Esses três aspectos de retextura podemos observar claramente devido à retextualização desta capa, mas para um aprofundamento maior seria necessário analisar toda a obra. De antemão, a tradução do título e a sua ampliação em português foram feitas de comum acordo entre o autor e a editora francesa da obra em questão.

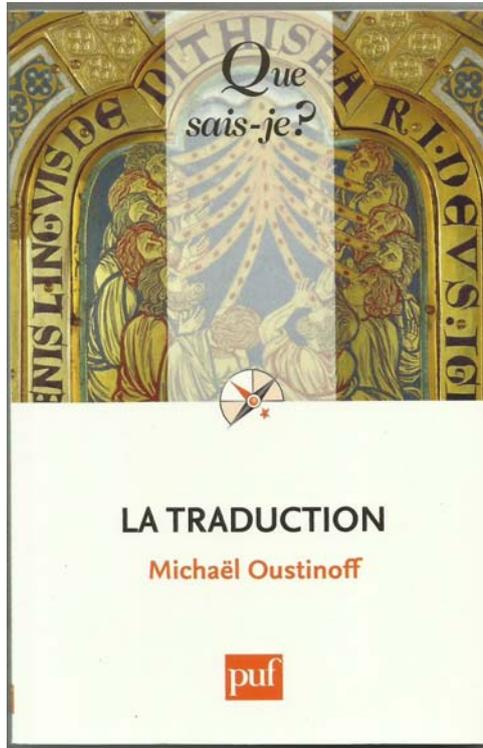
Vejamos agora uma segunda capa.

---

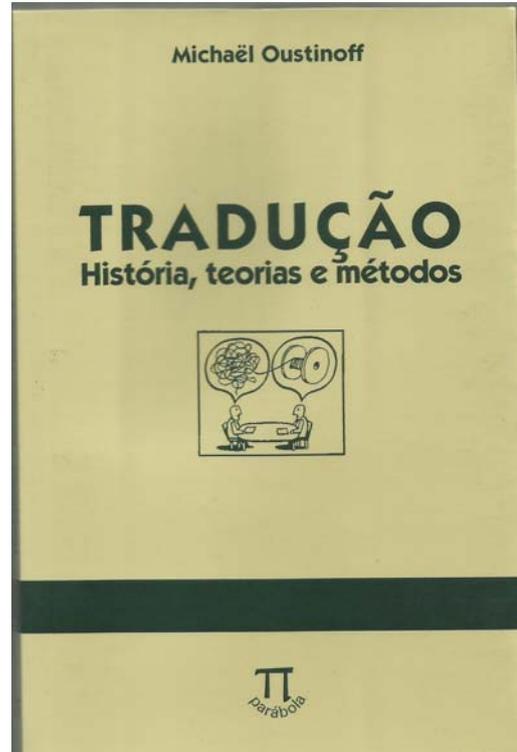
<sup>43</sup> Informações disponíveis em: < [http://www.puf.com/wiki/%22Que\\_sais-je%3F%22\\_-\\_Le\\_savoir\\_vite](http://www.puf.com/wiki/%22Que_sais-je%3F%22_-_Le_savoir_vite)>. Acesso em 04 de junho de 2011.

### 3) La Traduction<sup>44</sup>

Capa Original



Capa retextualizada<sup>45</sup>:



Na capa da obra *La Traduction*, percebemos a evolução da capa da coleção *Que sais-je?*, que ganhou um desenho/pintura para dar maior ênfase visual aos títulos da coleção.

A capa em português tem o título ampliado, o que conseqüentemente evoca elementos de retextura: contextualizadores perspectivos, inferência e focalização. Comparando-se as duas capas, observa-se que o contextualizador perspectivo em português foi ampliado (título), conseqüentemente dando maior ênfase a um determinado tipo de focalização e inferência que o público leitor vai fazer ao ler o título da capa. Pois, se em francês *La traduction* é um título vago e que deixa o leitor levantar várias expectativas, em português o título *Tradução: história, teorias e métodos* sugerirá ao leitor a focalização especificamente dos três assuntos que o título menciona – história, teorias e métodos —, levando posteriormente o leitor a inferir que se trata de uma obra exclusiva e unicamente sobre estes três assuntos, diferentemente do título francês, que dá maior liberdade ao leitor francês para fazer inferências.

<sup>44</sup> Paris: Presses Universitaire de France, troisième édition, 2009.

<sup>45</sup> São Paulo: Parábola Editorial, 2011. Tradução Marcos Marcionilo.

Podemos chamar atenção aqui também para os fatores de contextualização gráficos desta capa: ilustrações, tipologias de letra e diagramação. Quanto à ilustração da capa original vemos que o desenho é maior e de certa forma de referência mística, pois se refere à descida do Espírito Santo sobre os apóstolos (Pentecostes) que após isso começaram a falar novas línguas; diferentemente da capa brasileira, que tem um desenho de uma pessoa que aparentemente está fazendo uma interpretação simultânea, ou seja, o desenho tem um caráter mais atual. A respeito da letra tanto em francês quanto em português a palavra tradução é a mais chamativa e colocada em caixa alta, mesmo a versão brasileira apresentando uma ampliação do título que aparece de forma menor que o título original. Com referência à diagramação, vemos o nome do autor colocado abaixo do título, diagramação comum de toda a coleção *Que sais-je?*, enquanto em português ele aparece na parte de cima, numa diagramação comum da editora Parábola e de várias outras no Brasil.

Detenhamo-nos agora a examinar a retextura do livro infanto-juvenil *Le Petit Prince*.

#### 4) Le Petit Prince

Texto fonte <sup>46</sup> :	Retextualização <sup>47</sup> :
<p>À LÉON WERTH</p> <p>Je demande pardon aux enfants d'avoir dédié ce livre à une grande personne. J'ai une excuse sérieuse : cette grande personne est le meilleur ami que j'ai au monde. J'ai une autre excuse : cette grande personne peut tout comprendre, même les livres pour enfants. J'ai une troisième excuse : cette grande personne habite la France où elle a faim et froid. Elle a bien besoin d'être consolée.</p> <p>Si toutes ces excuses ne suffisent pas, je veux bien dédier ce livre à l'enfant qu'a été autrefois cette grande personne. Toutes les grandes personnes ont d'abord été des enfants. (Mais peu d'entre elles s'en</p>	<p>A LÉON WERTH</p> <p>Peço perdão às crianças por dedicar este livro a uma pessoa grande. Tenho uma desculpa séria: essa pessoa grande é o melhor amigo que possuo no mundo. Tenho uma outra desculpa: essa pessoa grande é capaz de compreender todas as coisas, até mesmo os livros de criança. Tenho ainda uma terceira: essa pessoa grande mora na França, e ela tem fome e frio. Ela precisa de consolo. Se todas essas desculpas não bastam, eu dedico então esse livro à criança que essa pessoa grande já foi. Todas as pessoas grandes foram um dia crianças. (Mas poucas se lembram disso.) Corrijo, portanto, a</p>

<sup>46</sup> Paris: Librairie Gallimard.

<sup>47</sup> São Paulo: Livraria Agir Editora, 1984. 27ª edição. Tradução de Dom Marcos Barbosa.

<p>souviennent.) Je corrige donc ma dédicace:</p> <p>À LÉON WERTH</p> <p>QUAND IL ÉTAIT PETIT GARÇON</p> <p><b>PREMIER CHAPITRE</b></p> <p>Lorsque j'avais six ans j'ai vu, une fois, une magnifique image, dans un livre sur la Forêt Vierge qui s'appelait «Histoires Vécues ». Ça représentait un serpent boa qui avalait un fauve. Voilà la copie du dessin.</p> <p>On disait dans le livre : « Les serpents boas avalent leur proie tout entière, sans la mâcher. Ensuite ils ne peuvent plus bouger et ils dorment pendant les six mois de leur digestion ».</p> <p>J'ai alors beaucoup réfléchi sur les aventures de la jungle et, à mon tour, j'ai réussi, avec un crayon de couleur, à tracer mon premier dessin. Mon dessin numéro 1. Il était comme ça :</p> <p>J'ai montré mon chef d'œuvre aux grandes personnes et je leur ai demandé si mon dessin leur faisait peur.</p> <p>Elles m'ont répondu :</p> <p>– Pourquoi un chapeau ferait-il peur ?</p> <p>Mon dessin ne représentait pas un chapeau. Il représentait un serpent boa qui digérait un éléphant. J'ai alors dessiné l'intérieur du serpent boa, afin que les grandes personnes puissent comprendre. Elles ont toujours besoin d'explications. Mon dessin numéro 2 était comme ça :</p> <p>Les grandes personnes m'ont conseillé de laisser de côté les dessins de serpents boas ouverts ou fermés, et de m'intéresser</p>	<p>dedicatória:</p> <p>A LÉON WERTH</p> <p>QUANDO ELE ERA PEQUENINO</p> <p>Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, "Histórias Vividas", uma imponente gravura. Representava ela uma jibóia que engolia uma fera. Eis a cópia do desenho.</p> <p>Dizia o livro: "As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão."</p> <p>Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:</p> <p>Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo.</p> <p>Responderam-me:</p> <p>"Por que é que um chapéu faria medo?"</p> <p>Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. Meu desenho número 2 era assim:</p> <p>As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas, e dedicar-me de</p>
---	---

<p>plutôt à la géographie, à l'histoire, au calcul et à la grammaire.</p> <p>C'est ainsi que j'ai abandonné, à l'âge de six ans, une magnifique carrière de peintre. J'avais été découragé par l'insuccès de mon dessin numéro 1 et de mon dessin numéro 2. Les grandes personnes ne comprennent jamais rien toutes seules, et c'est fatigant, pour les enfants, de toujours leur donner des explications.</p> <p>J'ai donc dû choisir un autre métier et j'ai appris à piloter des avions. J'ai volé un peu partout dans le monde. Et la géographie, c'est exact, m'a beaucoup servi. Je savais reconnaître, du premier coup d'œil, la Chine de l'Arizona. C'est très utile, si l'on est égaré pendant la nuit.</p> <p>J'ai ainsi eu, au cours de ma vie, des tas de contacts avec des tas de gens sérieux. J'ai beaucoup vécu chez les grandes personnes. Je les ai vues de très près. Ça n'a pas trop amélioré mon opinion.</p> <p>Quand j'en rencontrais une qui me paraissait un peu lucide, je faisais l'expérience sur elle de mon dessin n° 1 que j'ai toujours conservé. Je voulais savoir si elle était vraiment compréhensive.</p> <p>Mais toujours elle me répondait :</p> <p>– C'est un chapeau.</p> <p>Alors je ne lui parlais ni de serpents boas, ni de forêts vierges, ni d'étoiles. Je me mettais à sa portée. Je lui parlais de bridge, de golf, de politique et de cravates. Et la grande personne était bien contente de connaître un homme aussi raisonnable.</p>	<p>preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática.</p> <p>Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando.</p> <p>Tive pois de escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei, por assim dizer, por todo o mundo. E a geografia, é claro, me serviu muito. Sabia distinguir, num relance, a China e o Arizona. É muito útil, quando se está perdido na noite.</p> <p>Tive assim, no correr da vida, muitos contatos com muita gente séria. Vivi muito no meio das pessoas grandes. Vi-as muito de perto. Isso não melhorou, de modo algum, a minha antiga opinião.</p> <p>Quando encontrava uma que me parecia um pouco lúcida, fazia com ela a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era verdadeiramente compreensiva.</p> <p>Mas respondia sempre:</p> <p>- "É um chapéu".</p> <p>Então eu não lhe falava nem de jibóias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Punha-me ao seu alcance. Falava-lhe de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão razoável.</p>
---	--

Na dedicatória e no primeiro capítulo de *Le Petit prince* percebemos que se trata de um texto literário, dirigido ao público infantil por sua linguagem simples e corrente em francês. A retextura deste texto, por sua vez, tem um bom funcionamento da coesão e da coerência, assim como de alguns critérios de retextualização. Todavia, a situacionalidade, a intencionalidade e relevância no texto não foram consideradas como importantes em sua retextura.

No que tange à intencionalidade e à situacionalidade da retextura de *Le Petit Prince* em português, vemos que tanto a situação do texto como a intenção do autor de se dirigir a um público infanto-juvenil não foram contextualizadas no texto de chegada porque o texto como um todo situa um adulto que ora relembra suas memórias de criança e fala como criança, e que ora se coloca na sua situação atual de adulto e fala como adulto. Pelo texto percebe-se apenas um adulto falando de memórias, mas a criança à qual remete o autor do texto de partida não aparece no texto de chegada. Além disso, a linguagem quase infantil do texto de partida não aparece no texto de chegada. Percebe-se isso claramente ao se usar o mais-que-perfeito em alguns verbos. Esse tempo verbal é incomum entre crianças e mesmo entre adolescentes, e demonstra explicitamente que o texto de chegada não foi dirigido ao público unicamente infanto-juvenil.

Porém, o aspecto mais gritante do texto é a relevância que tem o sintagma “grande personne”, porque em francês ele não quer dizer uma grande pessoa – com o sentido de alguém ilustre ou mesmo famoso; ou mesmo em sentido figurado, alguém gordo —, ou um adulto; pois no texto em questão este sintagma representa alguém apenas maior que a própria criança, podendo-se subentender como adulto, pessoa de grande estatura, pessoa gorda, etc. Porém, pelo fato de esse sintagma oferecer toda essa abertura em francês, traduzi-lo somente por “pessoa grande” não é o mais cabível, por se considerar que ninguém escreve ou mesmo fala desta forma. A melhor tradução para tal termo seria “gente grande” que, assim como em francês, daria ao leitor brasileiro maior abertura em inferir o que quer dizer “grande personne/gente grande” em todo o texto.

Observemos agora a retextura de uma letra de música.

**5) Hymne à l'amour****Hino ao amor**

Texto fonte <sup>48</sup> :	Retextualização <sup>49</sup> :
<p>Le ciel bleu sur nous peut s'effondrer  Et la terre peut bien s'écrouler  Peu m'importe si tu m'aimes  Je me fous du monde entier  Tant qu' l'amour inond'ra mes matins  Tant qu' mon corps frémissa sous tes mains  Peu m'importe les problèmes  Mon amour puisque tu m'aimes</p> <p>J'irais jusqu'au bout du monde  Je me ferais teindre en blonde  Si tu me le demandais  J'irais décrocher la lune  J'irais voler la fortune  Si tu me le demandais</p> <p>Je renierais ma patrie  Je renierais mes amis  Si tu me le demandais  On peut bien rire de moi  Je ferais n'importe quoi  Si tu me le demandais</p> <p>Si un jour la vie t'arrache à moi  Si tu meurs que tu sois loin de moi  Peu m'importe si tu m'aimes  Car moi je mourrais aussi  Nous aurons pour nous l'éternité  Dans le bleu de toute l'immensité  Dans le ciel plus de problèmes  Mon amour crois-tu qu'on s'aime  Dieu réunit ceux qui s'aiment</p>	<p>Se o azul do céu escurecer  E a alegria na terra fenecer  Não importa, querido, viverei do nosso amor  Se tu és o sonho dos dias meus  Se os meus beijos sempre forem teus  Não importa, querido, o amargor das dores desta vida</p> <p>Um punhado de estrelas  no infinito irei buscar  E aos teus pés esparramar  Não importam os amigos,  risos, crenças e castigos  Quero apenas te adorar</p> <p>Se o destino então nos separar  Se distante a morte te encontrar  Não importa, querido,  porque eu morrerei também  Quando enfim a vida terminar  E dos sonhos nada mais restar  Num milagre supremo  Deus fará no céu te encontrar</p>

No gênero música, muito além do texto, outros fatores pragmáticos têm de ser considerados: melodia musical, sonoridade das palavras, sentimento da música/texto, finalidade, marcas de oralidade, contexto discursivo, etc.

<sup>48</sup> Canção 9. In: cd Bibi canta Piaf. Letra e música: Edith Piaf e Marguerite Monnot. Grande sucesso de 1950 na França na voz da Edith Piaf.

<sup>49</sup> Canção 18. In: cd A rainha da voz 3 Dalva de Oliveira. Versão: Odair Marsano. Grande sucesso no Brasil em 1964 na voz de Dalva de Oliveira.

No caso em questão, o *Hymne à l'amour* teve uma retextualização brasileira baseada somente em critérios de retextura, em especial: na situacionalidade, na intertextualidade, na intencionalidade e na focalização.

No tangente à intencionalidade e à situacionalidade, temos que a música foi traduzida com a intenção de ser cantável e na situação de ser uma música em língua portuguesa que fizesse sentido ao receptor brasileiro passando o mesmo sentimento da versão original dentro da melodia original.

A respeito da intertextualidade fica clara a intertextualidade de forma, salvo que esta intertextualidade de forma tem menos conteúdo que o original, pois algumas partes da música em francês não foram traduzidas, mas adaptadas para fazer sentido para o receptor e acompanhar a melodia original.

Sobre a perspectiva da focalização, fica claro que a letra da canção foi focalizada para que o receptor/leitor/ouvinte tivesse o mesmo sentimento que o público de partida, desconsiderando o texto original, mas mantendo a melodia, a sonoridade das palavras, e o sentido daquilo que é cantado em português.

A seguir veremos a retextura de um documento: a tradução juramentada.

## 6) Diplôme d'Études Approfondies<sup>50</sup>

Document original:



<sup>50</sup> Original e respectiva tradução juramentada cedida pelo dono e com permissão de utilização sem apresentar sua identificação pessoal.

## Tradução Juramentada:

**Bernard MARTOCQ**  
 Expert près la Cour d'Appel  
 d'Aix-en-Provence  
 (Traduction-Interprétariat en portugais)  
 50, cours Mirabeau  
 13100 - Aix-en-Provence

**TRADUCTION**

Référence: 2009.44  
 Intitulé de l'original: Diplôme d'Etudes Approfondies

**REPÚBLICA FRANCESA****MINISTÉRIO DA JUVENTUDE, DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DA PESQUISA****ESCOLA DOS ESTUDOS SUPERIORES EM CIÊNCIAS SOCIAIS****DIPLOMA DE ESTUDOS APROFUNDADOS**

Tendo em vista o decreto n° 84-573 de 5 de julho de 1984 alterado relativo aos diplomas nacionais do ensino superior ;

Tendo em vista a portaria ministerial de 25 de junho de 1991 alterado relativa às habilitações da Escola dos estudos superiores em ciências sociais para conferir diplomas de estudos aprofundados ;

Tendo em vista as peças justificativas apresentadas pela [REDACTED], nascida a 16 de janeiro de 1965 em São Paulo, Brasil, para a sua inscrição no diploma de estudos aprofundados ;

Tendo em vista os termos do jury que atestam que a interessada satisfaz ao controlo dos conhecimentos et das aptidões previsto pelos textos regulamentares ;

**O DIPLOMA DE ESTUDOS APROFUNDADOS**, especialidade **HISTÓRIA E CIVILIZAÇÕES**

é conferido à

a título do ano universitário 1993-1994.

Passado em Paris a 5 de novembro de 2002

O titular

O Presidente

O Reitor da Academia  
Chanceler das universidades

Assinatura ilegível

Assinatura ilegível  
Jacques Revel  
Timbre sec

Assinatura ilegível  
René Blanchet  
Timbre sec

N° EHESS 2463862/200294114

**VERSO**

Este documento vem impresso em papel com filigrana e com tintas reativas, não podendo ser nem apagado nem rasurado

Leva um número (N°XXX XXX./...) cuja exatidão pode ser conferida junto do **Serviço Difusão da Imprensa Nacional**.

☎ 03 27 93 70 84 ou 03 27 93 70 97

00(33) 03 27 93 70 84 ou 00(33) 03 27 93 70 97 (do estrangeiro)

Aix-en-Provence, le 15 avril 2009

Je soussigné Bernard MARTOCQ, Expert  
 près la Cour d'Appel d'Aix-en-Provence,  
 certifie que la traduction qui précède est  
 conforme à l'original libellé en langue

visé par moi « ne varietur » N° [REDACTED]

page 1/1



Tomando a tradução juramentada como uma retextualização do *Diplôme d'Etudes Approfondies*, vemos a que tradução foi feita quase que literalmente, mantendo uma “imparcialidade” de concepção de tradução, e que o nível de informatividade teve de ser mantido assim como no original para o documento ter validade oficial. Sua coesão e coerência funcionaram bem, com exceção dos pequenos erros de ortografia.

A intencionalidade e a situacionalidade — fazer que o mesmo documento do texto fonte tenha a mesma validade no texto de chegada — levaram a que esse documento fosse traduzido assim como o foi: com todos os elementos do texto fonte presentes no texto de chegada, inclusive as indicações de onde há carimbo ou não no texto fonte.

A intertextualidade encontrada no documento juramentado se deve totalmente ao texto de partida, com a tradução literal e as indicações do texto de partida (carimbo, assinaturas, títulos, etc). O conhecimento partilhado é diferente em nível semântico, mas semelhante em nível de equivalência; pois se pegarmos o próprio título do diploma — *Diplôme d'Etudes Approfondies* —, veremos que sua tradução — Diploma de estudos Aprofundados — é diferente do equivalente em português: Diploma de Mestrado.

Todavia, o aspecto desta retextualização que mais nos prende a atenção são os fatores de contextualização. Vemos que eles estão presentes na tradução da mesma forma que no original. São eles: contextualizadores (data, local, assinatura), perspectivos (título, início do texto, formas de tratamento) e gráficos também (tipo de letra, sinais de pontuação, indicações de onde aparecem os carimbos). Isso demonstra o quanto os fatores de contextualização são usuais na tradução juramentada e que estes, neste tipo de tradução, por excelência, têm um valor inigualável e inquestionável para tornar o documento judicialmente apto para os variados fins. Ele é praticamente um novo documento semelhante ao primeiro.

Não se pode esquecer que é por meio da tradução juramentada que se tem a inferência de que aquele documento é válido; a tradução juramentada leva a inferir também que tal documento comprova judicialmente a situação em jogo. Por exemplo: a tradução juramentada de *Diplôme d'Etudes Approfondies* comprova que este documento é de mestrado; portanto, infere-se que a pessoa fez o mestrado. Assim como a tradução juramentada de uma certidão de nascimento, de casamento, de certificados, etc; leva a inferir que tal situação foi alcançada ou é válida na vida de determinada pessoa.

Em seguida, explanaremos como poderíamos retextualizar um texto de caráter teológico.

## 7) Guérison miraculeuse d'un Burkinabé au Centre de Santé de Elubo (Elubo Health Center) au Ghana.<sup>51</sup>

66

J'ai rendu grâce à Dieu et j'ai imposé les mains à la femme malade. Elle a vomi sur le champ et quand elle est revenue en elle je lui ai demandé de se lever, de marcher et après de courir au Nom de JESUS !

Elle a fait cela exactement. J'ai demandé qu'on lui apporte de l'eau à boire. Après avoir bu, les yeux bien ouverts, elle a regardé autour d'elle et elle a demandé qu'on lui amène son bébé. Dès qu'elle a pris le bébé elle a commencé à donner à téter au bébé.

Un miracle extraordinaire venait de se produire là au Nom de JESUS devant tout ce monde dominé par des femmes d'origine musulmane.

La joie se lisait sur les visages et beaucoup ont quitté l'étonnement pour acclamer notre Papa JESUS. J'ai dit : « Femme, voilà ta sœur. Elle est guérie ! »

Je suis rentré encore à la maison ce jour-là dans la joie au vu de tout ce que mon Dieu, mon Papa JESUS venait de faire pour ce peuple !

Sois élevé ô mon Dieu mon Roi, Papa JESUS, aux siècles des siècles ! AMEN ! AMEN !

### **Témoignage N°3 : Guérison miraculeuse d'un jeune Burkinabé au Centre de Santé de Elubo (Elubo Health Center) au Ghana.**

Je me suis rendu encore un autre jour au centre de Santé d'Elubo au Ghana pour prier en

67

faveur des malades sous la conduite du Saint-Esprit par la Grâce de mon Papa JESUS.

J'étais arrêté devant l'hôpital légèrement adossé sur une partie de la clôture de devanture sous le mini portique du Centre. J'ai vu alors des gens descendre avec un malade pratiquement paralysé sur les bras d'un taxi-ville avant de le coucher dans le hall de la salle d'attente.

Quelques minutes après les premiers examens du Centre, le malade fut reconduit dans le même hall pour y être couché. Ceux qui l'ont accompagné s'apprêtaient à aller louer encore les services d'un taxi-ville pour venir le chercher puisqu'il ne peut point se tenir sur ses pieds.

C'est alors que poussé par l'Esprit de mon Papa JESUS, je vais approcher l'un des deux compagnons qui se trouvaient à côté du malade pour lui dire : « Je suis Pasteur de JESUS, est-ce que je peux prier pour votre frère malade ? »

Le monsieur m'a répondu : « Oui. »

J'ai demandé encore : « Est-ce que vous croyez que JESUS peut le guérir et le relever de son état. » Là encore cette fois-ci les deux m'ont répondu qu'ils y croient !

C'est alors que j'ai rendu grâce à mon Dieu au Nom de JESUS et j'ai imposé la main droite sur la tête du malade couché. Au même instant quand je lui ai demandé de se lever et de marcher, il se tint debout et commença à marcher devant tout le peuple qui était là et qui semblait être très touché par le sort de ce malade.

<sup>51</sup> In: MALACHIE CHAR D'ISRAEL ET AS CAVALERIE, Félicien. **Les précis du ministère de l'intercession: comment exercer efficacement ce sous ministère dans la Maison de Dieu em Jesus-Crist?** S/L: Les éditions la connaissance de Jesus, le Dieu Véritable, 2008.

68

Alors je lui ai dit poussé par le Saint-Esprit pour confirmer certainement sa guérison : « Ah bon ! C'est comme cela que l'on marche maintenant ! Tu ne sais plus courir ? Cours au Nom de JESUS ! »

C'est là encore que des choses merveilleuses vont se passer au Nom de JESUS. En effet, celui qui était, il y a quelques minutes encore incapables de se tenir sur ses membres, va commencer à courir normalement sur la passerelle de l'hôpital jusqu'à une distance de quarante (40) à cinquante (50) mètres environ au point même où tous les responsables dans les bureaux à travers leurs fenêtres ainsi que tous ceux qui étaient au dehors ont commencé à admirer avec une attention particulière le grand miracle accompli par la Main Puissante de mon Papa JESUS !

Ce jour-là, une joie exceptionnelle a animé l'hôpital d'Elubo.

Et l'ex-malade est revenu rendre gloire à Dieu, notre Papa JESUS avant de faire signe à ses compagnons de le suivre pour rentrer à la maison sous le regard de tout le monde.

Quelques heures après quand je suis revenu au village de Noé (la ville frontalière de la Côte d'Ivoire avec le Ghana) pour aller faire quelques emplettes au marché ce mercredi là dans l'après-midi, et j'ai rencontré encore l'ex-malade et ses compagnons. Chose curieuse, le jeune homme qui

69

a reçu la guérison marchait maintenant plus vite que ses compagnons !

Ils m'ont précisé clairement qu'ils habitent dans la région de Noé dans l'un des campements. Sois béni Papa JESUS ! AMEN !

✓ **J'avais aussi intercédé pour les femmes en accouchement et pour celles en état de maternité.**

Mon Papa JESUS va me faire vivre deux situations marquantes qui ont attesté qu'Il m'a exaucé dans mes sujets d'intercession préliminaires.

✓ **Autres cas de témoignages :**

**Guérisons miraculeuses d'une femme malade de la fièvre et ayant un nouveau-né, au Centre de Santé de Noé ; D'une autre dame de la migraine et enfin de plusieurs accouchements faciles dans le Nom de JESUS !**

J'étais arrivé ce jour-là dans le Centre de Santé encore dans une après-midi. Et comme je n'ai pas pu voir le Responsable du lieu pour obtenir une autorisation officielle, je m'apprêtais à retourner à la maison si possible lorsque le Saint-Esprit va ouvrir mes yeux sur une seule dame couchée sur l'un des lits de l'hôpital.

Je suis allé vers elle et après avoir fini de faire ma propre présentation en tant que Pasteur, je lui ai demandé si je peux prier pour elle au Nom de

Ao lermos este texto, vemos que ele tem caráter religioso, é um texto de linguagem fácil, com sintaxe simples e de corrente teológica cristã.

Aparentemente é fácil para qualquer tradutor traduzir este texto; porém, temos um detalhe do texto que nos chama atenção: a expressão *Papa JESUS* (Papai Jesus).

Em nenhuma grande corrente de cristianismo Jesus é chamado de Pai. Deus, Espírito Santo e Jesus têm diferentes distinções e vocativos no cristianismo, sempre sendo caracterizados por suas qualidades mais significativas: Deus<sup>52</sup> (Pai, Javé, Elohim, El Elyon, El Shaddai, o Eterno, Yahweh, etc.), Jesus<sup>53</sup> (Filho, Messias, Bom Pastor, Deus Conosco, Príncipe da Paz, Pão da vida, Cordeiro de Deus, Salvador, Cabeça da Igreja, etc.), Espírito Santo<sup>54</sup> (Espírito, Consolador, Paráclito, Espírito de Graça, Fonte de Bondade, Vivificador,

<sup>52</sup> Verbete Deus. In: Lacoste, Jean Yves. Dicionário crítico de teologia. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

<sup>53</sup> Verbete Jesus. *Ibid.*

<sup>54</sup> Verbete Espírito Santo. *Ibid.*

Espírito da Verdade, Esposo de Maria, etc.). O único vocativo comum para se referir a cada uma das três pessoas da Trindade (Deus, Jesus e o Espírito Santo) é “Senhor”.

Considerando que o Brasil também é um país de maioria cristã e que pertencem até mesmo ao senso comum os atributos de cada uma das três Pessoas da teologia cristã, o eventual tradutor de *Guérison miraculeuse d’um Burkinabé au Centre de Santé de Elubo (Elubo Health Center) au Ghana* terá de empreender uma focalização. Neste texto, a focalização é mais que necessária, é obrigatória.

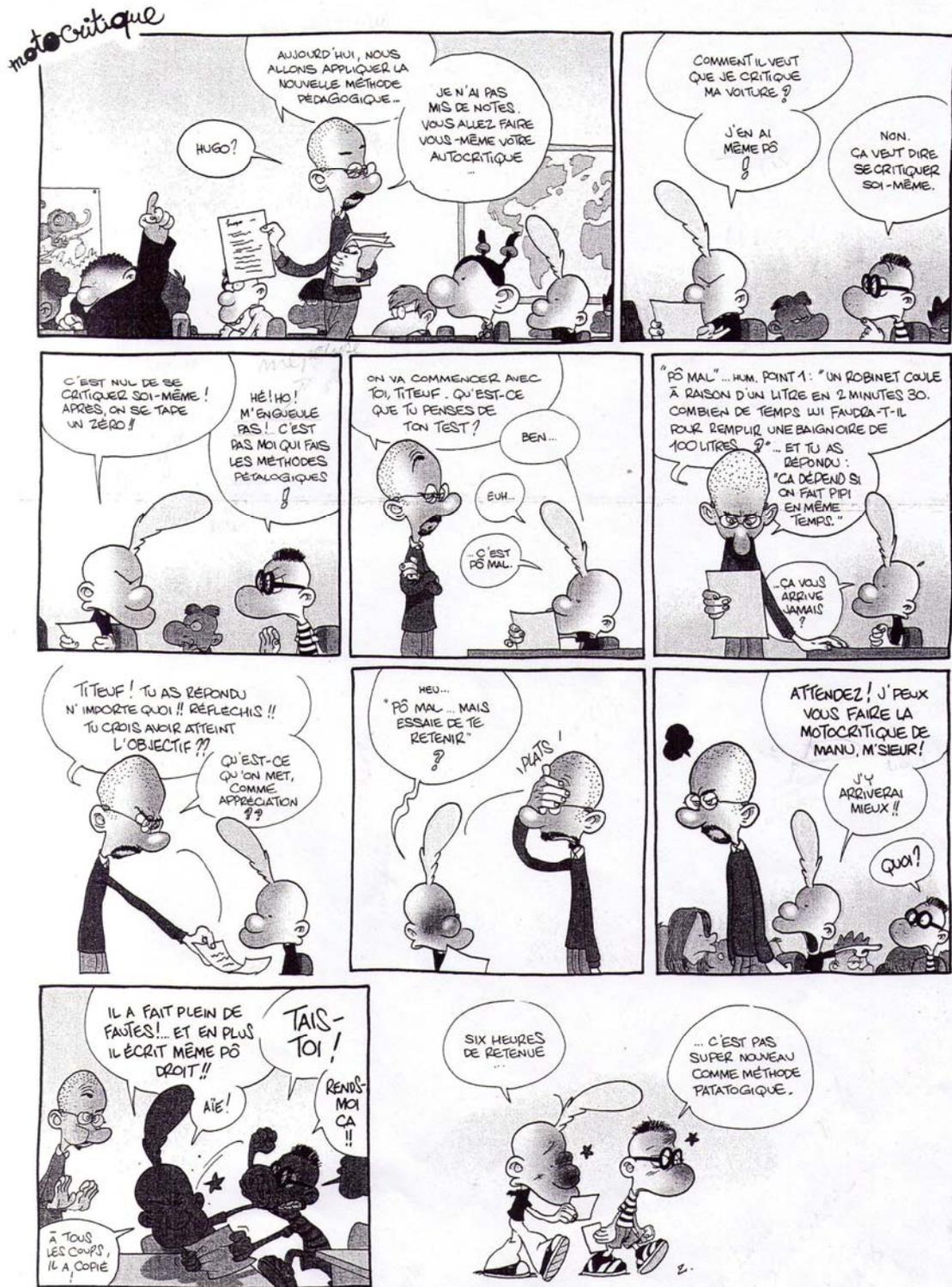
E para haver tal focalização, o tradutor teria de considerar onde o livro foi escrito: algum lugar da África (não especificado no texto), que tem comunidade cristã, onde se fala francês. Tendo tais informações, o tradutor poderia optar por vários tipos de focalização, dentre eles os seguintes:

- 1) Traduzir *Papa Jésus* por “Papai Jesus” e pôr uma nota introdutória explicando que na África há muito sincretismo religioso e que talvez a palavra *Papa* (papai) esteja sendo usada no mesmo tom afetivo que nas religiões afro-brasileiras (Pai Ogum, Pai Oxóssi, etc).
- 2) Traduzir *Papa Jésus* por “Senhor Jesus”, levando em consideração que teologicamente no cristianismo é errado chamar Jesus de Pai e que o vocativo Senhor é usado em geral para as três pessoas: Deus, Jesus e Espírito Santo.
- 3) Omitir da tradução o nome *Papa*, deixando só Jesus, porém, tirando o tom afetivo que o autor emprega ao longo do texto.

Seja qual for o posicionamento que o tradutor tomar, ele terá focalizado o texto. Este exemplo mostra claramente que a tradução vai muito além do léxico do texto, pois – no caso presente – muitas vezes ela tem uma corrente, ou tipologia textual e ideológica a seguir.

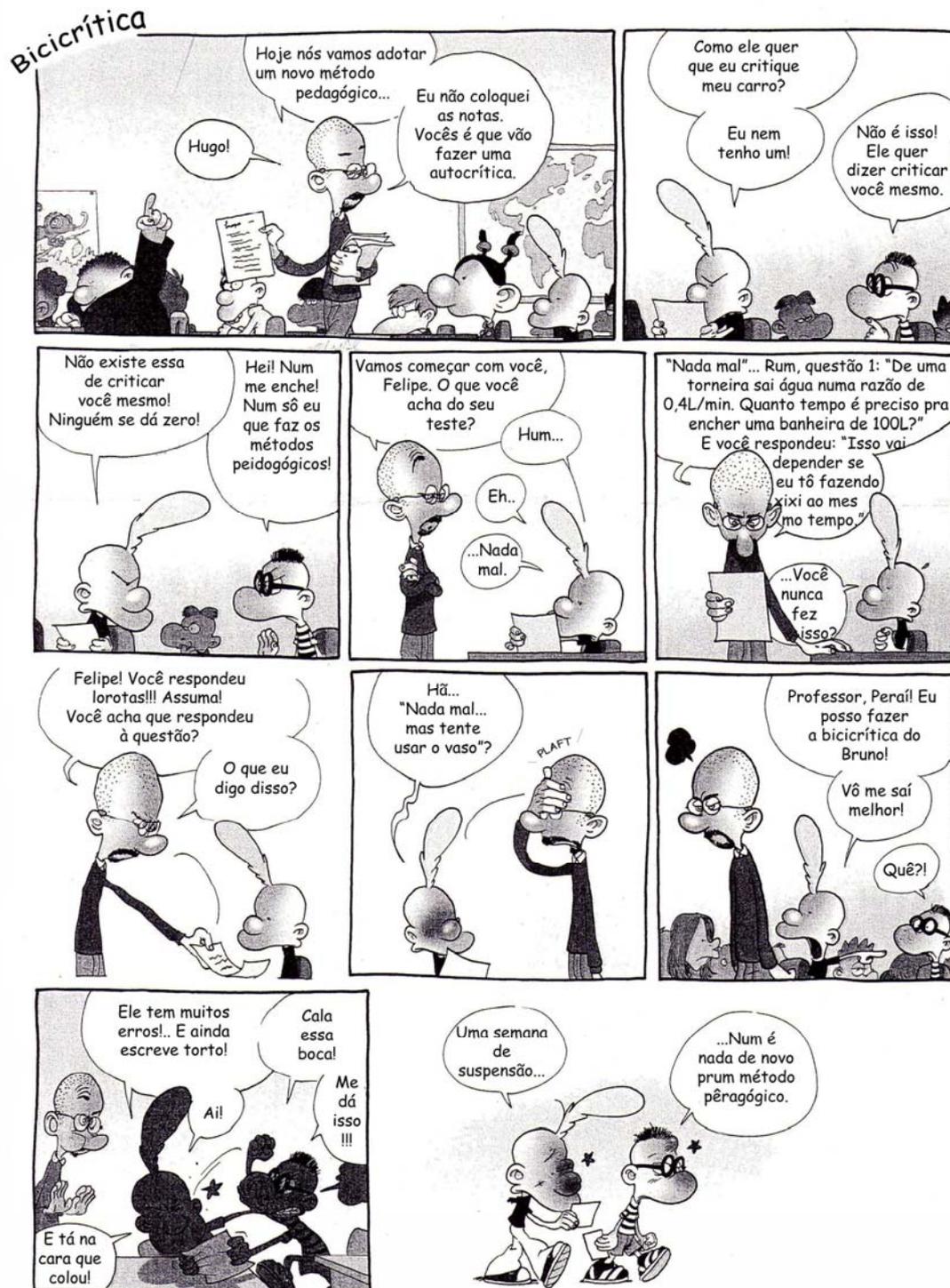
Examinemos agora a retextura de um gênero de texto diferente dos apresentados anteriormente: a história em quadrinhos.

### 8) Motocritique<sup>55</sup>

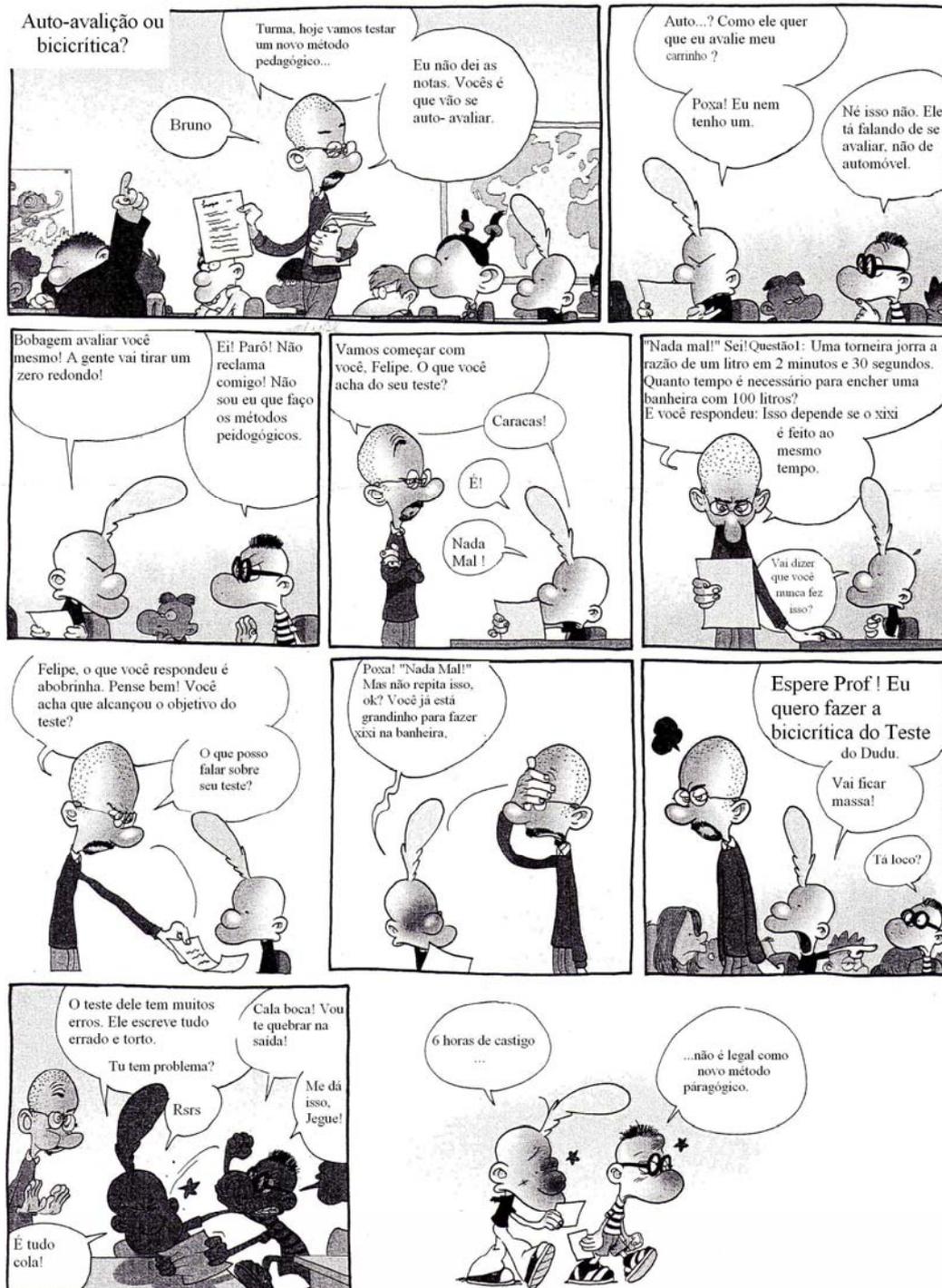


<sup>55</sup> In: ZEP. Titeuf 11: mes meilleurs copains. França: éditions Glénat, 2006 (p.31).

Primeira retextura<sup>56</sup>:



<sup>56</sup> Texto traduzido para a disciplina Prática de tradução francês/português: textos gerais, ministrada pela professora Sabine Gorovitz. 1/2009.

Segunda retextura<sup>57</sup>:

<sup>57</sup> Ibem.

Nota-se neste exemplo da análise, um gênero textual no qual o texto está diretamente unido à imagem, aos aspectos gráficos e à linguagem.

Percebe-se no texto em francês o tom irônico regado com muita oralidade na fala dos personagens; também vemos trocadilhos feitos com palavras em francês, além das interjeições que aparecem em grande quantidade.

As duas retextualizações são diferentes, ora com acréscimos lexicais, ora com equivalências. Em suma: a coerência e a coesão funcionam bem no texto de chegada. O nível de informatividade é mantido; a intencionalidade de divertir o leitor com a situação das imagens também é considerada, assim como a situacionalidade do texto, o fato de ser história em quadrinhos.

A intertextualidade de forma é mantida, porém a de conteúdo é por diversas vezes adaptada. Por exemplo: *Quoi?* é traduzido respectivamente como *Quê?* e *Tá louco?*.

As retextualizações consideram o texto de partida como tendo um conhecimento partilhado entre leitor e público alvo em francês; as adaptações funcionam bem, se levarmos em conta que as interjeições e a oralidade fazem parte do conhecimento partilhado do público/leitor brasileiro.

As inferências presentes em francês foram bem traduzidas pelos tradutores, pois elas aparecem claramente nas escolhas lexicais. Por exemplo: *méthode patatogique* traduzido respectivamente como *pêragogique* e *paragógico*. Um faz inferência a uma fruta (pêra), outra a uma ação (parar); em francês a inferência se faz a um legume (*la patate*).

A relevância do nome *Titeuf* não foi considerado nas duas retextualizações feitas. Em francês *Titeuf* é uma junção de *petit oeuf* (ovinho, pequeno ovo) e não é usual uma criança ter este nome em francês; contrariamente ao nome Felipe, que no Brasil é bem usual. Além disso, *Titeuf* é nome da coleção dos desenhos em quadrinhos. Para sanar este problema de relevância seria preciso fazer uma pesquisa melhor para achar algum nome que contenha trocadilho e funcione em português, sem ser tão usual como Felipe.

Os dois tradutores focalizaram o texto, se considerarmos que mantiveram o registro de todos os personagens assim como o são em seus papéis sociais representados no texto: *Titeuf* e seu colega como alguém de registro informal e muito familiar; e o professor com o registro formal, da gramática normativa. A focalização no presente texto é vista na manutenção do mesmo/semelhante registro do francês em português.

Observa-se também no presente texto que os fatores de contextualização também estão presentes, principalmente os fatores de contextualização gráficos: tipo e tamanho de letra, tamanho do balão e informação/texto coincidente. Na primeira retextualização a letra está do

mesmo tamanho em todos os balões sem sobra de espaço nos balões, contrariamente à segunda retextualização em que a letra está menor e às vezes diferente em alguns balões. Há no último balão uma diferença da frase do francês para o português na primeira retextualização: *Six heures de retenue* traduzido como *Uma semana de suspensão*. Este caso é totalmente aceito porque a imagem não interfere em tal tradução, porém se a imagem tivesse alguma menção de que seriam 6 horas de qualquer coisa o tradutor seria obrigado a traduzir a frase tal como no original.

## **II – Considerações Finais**

Podemos perceber o quanto o trabalho do tradutor é subjetivo e ao mesmo tempo objetivo, visto que o produto final tem de fazer sentido para quem o lê.

A abordagem da tradução como retextura só veio comprovar que o objeto de trabalho do tradutor vai muito além das frases e palavras: é um trabalho com textos. Os princípios da linguística textual se mostram um eficaz instrumento para o trabalho, estudo e crítica da tradução.

É incontornável, portanto, conscientizar-se de que o processo tradutório passa por textos e que as teorias da tradução muitas vezes não dão conta da extensão que tem um texto. Além disso, a tradução é um evento de linguagem e língua. Portanto, a linguística textual é muito mais que bem vinda neste âmbito: ela é necessária!

## Bibliografia

- ANTUNES, Irlandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução – a teoria na prática**. São Paulo: editora ática, 1986. (Série Princípios)
- AUBERT, Francis Henrik. **Etapas do ato tradutório**. In: tradução e comunicação, p. 13-24, n°01. São Paulo: Alamo, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Introdução: Conversas com tradutores: diálogos da prática com a teoria**. IN: Benedetti, I.C. & SOBRAL, A. (orgs.). *Conversar com tradutores - balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BIDALON, Philippe. **Osez le saké**. In: *L'express*. Paris, 2010.
- CALVET, Louis-Jean. **A tradição oral e tradição escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- \_\_\_\_\_. **La tradition orale**. Paris: Presses Universitaire de France, Deuxième édition, 1997.
- CAMPOS, Geir. **O que é tradução?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Pequeno dicionário de Arte Poética**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CARY, Edmond. **Comment faut-il traduire?** Lille: Presses Universitaires de Lille, 1985.
- CATFORD, J.C. **Uma teoria linguística da tradução**. São Paulo: Cultrix; Campinas: Pontificia Universidade Católica de Campinas, 1980.
- COSTA, Walter Carlos. **O texto traduzido como re-textualização**. *Cadernos de tradução*. v. 2, n. 16, p.25-54. Florianópolis – SC: 2005. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6656>>. Acesso em 11 de maio de 2011.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CUNHA, Teresa Dias Carneiro da. **A Literatura Brasileira Traduzida na França: o Caso de Macunaíma**. *Cadernos de tradução*. v. 1, n. 2, p. 287-329. Florianópolis – SC: 1997. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5209/4621>>. Acesso em 13 de maio de 2011.
- Cadernos Entrelivros 4. Panorama da literatura francesa**. São Paulo: Duetto, s.d.
- Dicionário português-francês/francês-português**. Porto: Editora Porto, 2010. Versão eletrônica.
- Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2010. Versão eletrônica.
- Dictionnaire Le nouveau Petit Robert de Langue française**. Paris: Le Robert, 2010. Versão eletrônica.
- DELISLE, J. **L'analyse du discours comme méthode de traduction**. Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa, 1980.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escrito**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DUBOIS, Jean et alii. **Dictionnaire de linguistique**. Paris: Larousse, 1973.
- EVEN-ZOHAR, L.. **Polysystem studies**. Durham: Duke University Press, 1990.
- FALEIROS, Á. S.. **Visibilidade em quatro traduções do poema "Il Pleut" de Apollinaire**. In: VI Congresso nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 2009, Minho - Portugal. *Cumplicidades Comparatistas: Origens/Influências/Resistências*. Disponível em: <[ceh.ilch.uminho.pt/Pub\\_Alvaro\\_Faleiros.pdf](http://ceh.ilch.uminho.pt/Pub_Alvaro_Faleiros.pdf)>. Acesso em 13 de maio de 2011.
- GREEN, J. L.; DIXON, C. N.; ZAHARLICK, A. **A Etnografia como uma Lógica de Investigação**. Trad. Adail Sebastião Rodrigues-Júnior e Maria Lúcia Castanheira. *Rev. Marcos Bagno. Educação em Revista*, v. 42, p. 13-79, 2005.

- GORLÉE, D. L.. **Semiotics and problem of translation with Special reference to the semiotics of Charles S. Peirce**. Amsterdam: Academisch Proefschrift, 1993.
- GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, J. **Translaorisches Handein: theorie und methode**. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia, 1984.
- JACQUET, Yves. **Le vagabond**. Letra de música. Disponível em: <<http://jejoueenclasse.free.fr/?p=134>>. Acesso em: 12 de maio de 2011.
- KOCH & TRAVAGLIA, Ingedore Villaça & Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Texto e Coerência**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 21ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- LACOSTE, Jean Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Editora Loyola, 2004. 1ª edição.
- LARANJEIRA, Mário. **Poética da tradução**. São Paulo: Edusp, 1993.
- LEDERER, Marianne. **Synecdoque et traduction**. In: Études de linguistique appliqué n°24, p 13-41. Paris:Didier, 1976.
- \_\_\_\_\_. **La traduction aujourd'hui**. Paris: Hachette, 1994.
- MALACHIE CHAR D'ISRAEL ET AS CAVALERIE, Félicien. **Guérison miraculeuse d'un Burkinabé au Centre de Santé de Elubo (Elubo Healt Center) au Ghana**. In: Les précis du ministère de l'intercession: comment exercer efficacement ce sous ministère dans la Maison de Dieu em Jêsus-Crist? S/L: Les editions la connaissance de Jesus, le Dieu Véritable, 2008.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha**. Minas Gerais, 2003. Disponível em: <<http://www.letramento.iel.unicamp.br/portal/?p=208>>. Acesso em: 08 maio 2011.
- \_\_\_\_\_. **Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas:um estudo do resumo**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2º sem. 2002. Disponível em: <[www.ich.pucminas.br/...Scripta/Scripta11/.../N11\\_Parte01\\_art08.pdf](http://www.ich.pucminas.br/...Scripta/Scripta11/.../N11_Parte01_art08.pdf)>. Acesso em 11 de maio de 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora, orgs. **Gêneros textuais e ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Lucena, p.19-36, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Linguística textual: o que é e como se faz?** Recife-PE: Ed. Universitária da UFPE, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. São Paulo: perspectiva, 2010.
- OUSTINOFF, Michaël. **La traduction**. Paris: Presses Universitaire de Frence, troisième édition, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Tradução: história, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- REISS, Katharina. **Comprender un texto -¿Qué significa para el traductor?** In: MATTOS, Delton de. Estudos de tradutologia 1. Brasília: Kontakt, 1981.

- \_\_\_\_\_. **La critique des traductions: ses possibilités et ses limites.** Lille: Artois Presses université, 2002.
- VAŠÍČKOVÁ, Alena. **Colocações** magisterská diplomová práce. Masarykova Univerzita - Brno, 2009. disponível em: <[\\_is.muni.cz/th/110067/ff\\_m/colocacoes.doc](http://is.muni.cz/th/110067/ff_m/colocacoes.doc)>. Acesso em 11 de maio de 2011.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Le Petit Prince.** Paris: Librairie Gallimard.
- \_\_\_\_\_. **O pequeno príncipe.** São Paulo: Livraria Agir Editora, 1984. 27ª edição.
- SELESKOVICTH, Danica. **Traduire: de l'expérience aux concepts.** In: études de linguistique appliqués, n°24. Paris: Didier, 1976.
- SELESKOVICTH, D. & LEDERER, J. **Interpréter pour traduire.** Paris: Didier, 1984.
- SIMÃO, José. **Ueba! Datena tá a pé!** São Paulo: Folha de São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/josesimao/colunafolha.htm>>. Acesso em: 25 de maio de 2011.
- TABER, C.R. & NIDA, E. A.. **La traduction: théorie et méthode.** In: Langage n°28. Paris: Didier/Larousse, 1972.
- THEODOR, Erwin. **Tradução: ofício e arte.** São Paulo: Cultrix, 1976.
- TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. **Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual.** Uberlândia – MG: Edufu, 2003.
- VERMEER, H.J. **Escopo and comission in translation action.** In: VENUTI, H.J.. The translation studies reader. Lodon: Routledge, pags.221-232, 2000.
- WADRUSZKA, Mário. **Le bilinguisme du traducteur.** IN: Langages n°28. Paris: Didier/Larouse, 1972.
- WESTPHALEN, Flávia; BOFF, Nicole; GREGOSKI, Camila & GARCEZ, Pedro M. **Os tradutores de Alice e seus propósitos.** Cadernos de tradução. v. 2, n. 8, p. 121-144. Florianópolis – SC: 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5889/5569>>. Acesso em 11 de maio de 2011.
- ZEP. **Titeuf 11: mes meilleurs copains.** França: éditions Glénat, 2006.